

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE NORDESTINOS
EM SÃO PAULO
(Abordagem Prévia)

Maria Isolete Pacheco Menezes Alves

Orientador: Prof. Dr. Maurizio Gnerre

Dissertação apresentada ao Departamento
de Lingüística do Instituto de Estudos
da Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para ob-
tenção do grau de Mestre em Lingüística

CAMPINAS
1979
UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

"TODA A REALIZAÇÃO CIENTÍFICA PROPÕE NOVAS
QUESTÕES; DESEJA SER SUPERADA E ULTRAPASSADA"

Max Weber

Registro meus agradecimentos:

- * especial e primeiramente a todos os *meus informantes*;
- * ao Prof. Dr. *Maurício Gnerre*, pelo decidido apóio, paciência e dedicação com que orientou este trabalho, na esperança de ter justificado sua confiança;
- * ao Prof. Dr. *Carlos Alberto Vogt*, do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, pela discussão de vários pontos do trabalho que trazem em si implicações de ordem sociológica;
- * ao Prof. Dr. *Ataliba T. de Castilho*, do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, pela leitura atenta que fez do trabalho ainda em manuscrito;
- * à Profa. *Regina Célia de Carvalho Pinto Moran*, do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação da UNICAMP, pelas observações referentes a aspectos estatísticos do trabalho;
- * ao Prof. Dr. *Oswaldo Luiz Alves*, do Instituto de Química da UNICAMP, pelo tratamento computacional dos dados, enfatizando que sem a sua colaboração incansável, eficaz e constante dificilmente eu conseguiria chegar aos meus objetivos;
- * ao *Centro de Computação Eletrônica* da Universidade Estadual de Campinas pelo uso do computador;
- * à Profa. *Adair Pimentel Palácio (Dadá)*, que sempre me acolheu com o entusiasmo encorajador que a caracteriza, atuando como a "informante erudita", que me alertou para diversos aspectos da "língua e cultura" nordestinas;
- * a todos os colegas e amigos (em especial à *Maria Stella Gonçalves*), aos quais dedico uma palavra de carinho e gratidão;
- * à Direção e aos funcionários da CETREN - *Central de Tri*

gem e Encaminhamento da Coord. dos Estabelecimentos Sociais do Estado de São Paulo, pela colaboração prestada quando das gravações com os informantes de nível sócio-econômico-cultural baixo;

- * ao Sr. Raul dos Santos pela datilografia e acabamento do trabalho;
- * à CAPES e ao CNPq que, pela concessão de bolsa de estudo, em parte, financiaram a pesquisa.

Contraí uma dívida com todas as pessoas citadas. Isto não significa que as faça participantes das falhas deste trabalho - estas eu assumo - mas se méritos houver, estes sim, eu lhes peço que aceitem compartilhar.

Aos meus pais:

Agenor e Marietta

Aos meus sogros:

Oswaldo e Ney

À minha irmã:

Arlete

Ao Bi, meu esposo,
naturalmente.

RESUMO

O presente trabalho visou a verificar as tendências nas atitudes que nordestinos, em São Paulo, manifestaram com relação às variedades lingüísticas nativas e paulistas.

Partiu-se das hipóteses de que: 1.0 - atitudes lingüísticas mais positivas, quanto às variedades lingüísticas paulistas, estariam relacionadas a um nível sócio-econômico-cultural baixo (B), enquanto que 2.0 - atitudes lingüísticas mais positivas, relativas às variedades lingüísticas nativas, estariam relacionadas a um nível sócio-econômico-cultural alto (A).

Foram lançadas, ainda, outras duas hipóteses: 3.0 - o nível (B), tentando ocultar sua origem regional, (visando a sua aceitação em São Paulo), tentaria uma "camuflagem lingüística", buscando assumir as variedades lingüísticas de São Paulo e, 4.0 - coerentemente com a hipótese 2.0, o mesmo não se daria com o nível (A).

Foram entrevistados, através de questionário, e submetidos à audição de amostras de falares regionais paulistas e nordestinos selecionados, 116 pernambucanos e baianos, num total de 81 horas gravadas, considerando-se: a) nível social: (A) e (B); b) procedência: Pernambuco e Bahia; c) proveniência: capital/interior e d) tempo de estada em São Paulo: indivíduos recém-chegados e indivíduos com tempo maior que dois anos. Da combinação das 4 variáveis resultaram 16 grupos: 8 de pernambucanos e 8 de baianos.

Ao final da pesquisa, dispendo dos dados processados, optou-se por trabalhar com um dos grupos amostrados, pelo fato de, entre outros motivos, ter-se verificado que as atitudes de pernambucanos e baianos revelavam tendências bem próximas em suas manifestações.

Analisadas as atitudes dos pernambucanos, os resultados indicaram tendência acentuada do nível (A) em prestigiar as variedades lingüísticas regionais nordestinas em questão. Tal fato foi atribuído à maior consciência de valor que este nível empresta à sua região e que transpõe à fala.

No nível (B), a maior tendência dos nordestinos (pernambucanos) foi estigmatizar os falares de sua região, em favor do falar de São Paulo. Isto pode ser associado às perspectivas otimistas com que encaram São Paulo, como um lugar onde podem ter melhores condições de vida, oportunidades de trabalho, etc.

Os nordestinos (pernambucanos), nos dois níveis sociais (A) e (B), tenderam a manifestar-se de forma diferente em alguns aspectos, quando em ausência ou em presença de estímulos de fala gravados.

A investigação apresentou, ainda, tendências (indicativas em muitos pontos, embora não se tenha feito um estudo fonológico para tanto) de que as hipóteses 3.0 e 4.0 poderão vir a se confirmar em estudos futuros.

S U M Á R I O

	pág.
ÍNDICE DE TABELAS.....	iv
ÍNDICE DE HISTOGRAMAS.....	v
RELAÇÃO DE APÊNDICES.....	vi
1.0 - INTRODUÇÃO.....	7
1.1 - Os nordestinos em São Paulo.....	7
1.2 - O que acontece, em termos lingüísticos, com os nordestinos em São Paulo.....	16
1.3 - Existiria um processo de "camuflagem" lingüística?.....	20
1.4 - Conceituação de "atitude" e alguns tra balhos realizados sobre o assunto.....	25
NOTAS.....	35
2.0 - TEMA, OBJETIVO, HIPÓTESES.....	36
2.1 - Tema e objetivo.....	36
2.2 - Hipóteses.....	37
2.2.1 - Variáveis pré-determinadas.....	40
3.0 - METODOLOGIA.....	43
4.0 - QUESTIONÁRIO COMO PARTE DO INSTRUMENTO DE PES QUISA.....	47
4.1 - Questões relativas a atitudes que os in formantes <u>declaram ter</u>	47
4.2 - Questões relativas a atitudes que os in formantes <u>têm</u>	47
4.2.1 - Seleção das amostras de fala.....	47
4.2.2 - Composição da fita-estímulo.....	54
4.2.3 - Testes preliminares com a fita- estímulo.....	54
4.3 - O questionário como um todo.....	55

	pág.
5.0 - A AMOSTRA (Constituição do Corpus).....	60
5.1 - A realização das gravações.....	63
5.2 - Critérios obedecidos na transcrição das entrevistas.....	67
6.0 - TABULAÇÃO E PROCESSAMENTO DOS DADOS	69
6.1 - A formulação de Categorias.....	69
6.2 - Codificação das variáveis.....	70
6.3 - O programa de computação.....	71
6.4 - Processamento dos dados	73
6.4.1 - Input dos dados	73
6.4.2 - O output dos resultados.....	75
6.4.2.1 - Histogramas	75
6.4.2.2 - Tabelas de cruzamento.....	76
6.5 - O "Conjunto ANAPO"	78
NOTA	80
7.0 - RESULTADOS OBTIDOS I.....	81
7.1 - Apresentação distributiva da população	81
7.2 - Tipologia dos informantes de nível (A).....	85
7.3 - Tipologia dos informantes de nível (B).....	87
7.4 - Conclusões preliminares e gerais	93
NOTAS	95
8.0 - RESULTADOS OBTIDOS II.....	97
8.1 - Atitudes lingüísticas em ausência de estímulos de fala gravados.....	101

	pág.
NOTAS	136
8.2 - Atitudes lingüísticas em face de estí- mulos de fala gravados.....	139
8.2.1 - Estímulo: Fala de São Paulo- Interior.....	140
8.2.2 - Estímulo: Fala de São Paulo- Capital.....	145
8.2.3 - Estímulo: Fala de Pernambuco- Capital.....	148
8.2.4 - Estímulo: Fala de Pernambuco- Interior.....	151
8.2.5 - Estímulo: Fala da Bahia-Capital.....	154
8.2.6 - Estímulo: Fala da Bahia-Interior.....	157
9.0 - CONCLUSÕES	160
10.0 - BIBLIOGRAFIA	168

ÍNDICE DE TABELAS

TABELAS 1 e 2:	Saldo das trocas nas migrações internas segundo unidades da Federação-1970	15
TABELA 3:	Codificação das variáveis	71
TABELA 4:	Relacionamento da variável (questão)1 com a variável (questão)5	77
TABELA 5:	Codificação dos dados para a análise da população	79
TABELA 6:	Distribuição etária da população	83
TABELA 7:	Distribuição da população quanto ao grau de instrução	84
TABELA 8:	Distribuição etária. - Nível (A)	87
TABELA 9:	Índices de escolarização. - Nordeste nos de Nível (B)	89
TABELA 10:	Dados quanto ao estado civil. - Nordeste de Nível (B)	90
TABELA 11:	Situação ocupacional e profissional nos Estados de origem. - Nível (B)	91
TABELA 12:	Distribuição etária. - Nível (B)	93
TABELA 13:	Distribuição segundo a intensidade dos itens apresentados na pergunta 23 do questionário-entrevista	107
TABELA 14:	Resultados, em porcentagem, das respostas obtidas pela aplicação do questionário-entrevista a informantes pernambucanos (Apêndice 5)	203

ÍNDICE DE HISTOGRAMAS

HISTOGRAMA	0: Histograma para um conjunto qual quer de dados	75
HISTOGRAMA	I: Distribuição da população quanto ao nível social.....	81
HISTOGRAMA	II: A população e sua distribuição quanto ao tempo de estada dos informantes em São Paulo.....	82
HISTOGRAMA	III: Estado civil dos entrevistados.....	83
HISTOGRAMA	IV: Naturalidade dos pais dos infor mantes	84

ÍNDICE DOS APÊNDICES

APÊNDICE	1: Ficha de Histórico Pessoal do informante	172
APÊNDICE	2: Relação dos informantes (iniciais dos nomes) ordenados numericamen te segundo a seqüência das grava ções.....	174

APÊNDICE	3: O questionário-entrevista	175
APÊNDICE	4: "Questionário desdobrado".....	183
APÊNDICE	5: Tabela 14 - Resultados, em porcentagem, das respostas obtidas pela aplicação do questionário-entrevista a informantes pernambucanos.....	203

1.0 - I N T R O D U Ç Ã O

1.1 - Os nordestinos em São Paulo

Todo um somatório de fatores de ordem econômico-político-social, tem contribuído para que se agrave assumindo proporções alarmantes, o problema das migrações internas no Brasil, país rotulado pelos geógrafos como "em vias de desenvolvimento", e que tem pago altos tributos pelo fato de estar se industrializando.

A história demonstra não ser este um problema de caráter meramente local, uma vez que o mesmo foi enfrentado, segundo economistas, geógrafos e historiadores, por países capitalistas, hoje altamente industrializados. Os fluxos migratórios parecem estar relacionados diretamente ao aumento da industrialização e se dão, gradativamente, do campo para as cidades pequenas, destas para as médias, para as grandes, e o passo seguinte é a procura de outros estados em regiões industrialmente mais desenvolvidas.

O Brasil, dividido em cinco regiões político-administrativas, está longe de ser um País industrializado, especialmente, de modo uniforme. No que diz respeito à industrialização, e ao desenvolvimento no campo social, econômico, político e cultural em parte dela decorrente, a Região Sudeste é a que conta com maiores recursos e, dentre os estados que compõem a mesma, São Paulo coloca-se como ex

poente máximo. Isto, talvez, explique o fato de o fluxo migratório voltar-se de forma bastante acentuada para esse Estado da federação.

Conforme Singer (1977) "a grande maioria dos migrantes internos tem motivação econômica: eles que rem encontrar trabalho, melhores condições de ganho, etc. Esses são os principais fatores de atração de todo o fluxo migratório. E no ponto de origem desses fluxos estão os chamados fatores de expulsão".

Como fatores de expulsão o Autor aponta a estagnação de áreas rurais, pela qual os indivíduos, por condições diversas, não conseguem se encaixar na vida econômica, e a transformação de regiões em "área de agricultura mais adiantada, mais comercial, muitas vezes mais capitalista" onde o "aumento de produtividade, sobretudo em áreas de especialização, resulta em menos emprego por investimento".

O enfoque é claro e incontestável. A problemática toda parece girar em torno desses fatores que análises mais profundas tenderiam a confirmar.

Ajuda a compor os, aproximadamente, 23 milhões de habitantes ⁽¹⁾ de São Paulo uma considerável porcentagem de imigrantes italianos, japoneses, coreanos, sírios, portugueses, etc., além de migrantes dos demais estados brasileiros. A simples observação revela, no entanto, um elevado índice de nordestinos.

O "Grande Nordeste" (recente denominação da da pela SUDENE), com os 9 Estados que o compõem (Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Bahia, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Paraíba) "representa aproximadamente 1,6 milhão de quilômetros quadrados habitados por quase 32 milhões de brasileiros".

Constitui-se em uma região geograficamente desfavorecida, semi-árida, assolada por secas periódicas, com grandes desníveis sociais e econômicos. Órgãos governamentais que supostamente teriam sido criados para prover incentivos fiscais visando ao desenvolvimento dessa região brasileira, pouco ou nada têm feito no sentido de alimentá-la em termos de recursos que possibilitem à população menos favorecida assistência social, habitacional e saneamento básicos razoáveis. O que se pode constatar é que tais órgãos, criados com objetivos puramente políticos não se voltam para problemas de realidade social. A não orientação do poder público tende a fazer com que se agravem as tensões e os conflitos.

Os levantamentos estatísticos realizados pelo IBGE, visando ao movimento migratório interno confirmam o elevado índice de nordestinos em São Paulo, referido anteriormente, além de fornecerem meios para que se verifique que, quanto à procedência, dos Estados do Nordeste, a Bahia, seguida de Pernambuco, são os que apresentam maior número de pessoas que se deslocam para São Paulo.

As tabelas da página 15 apresentam o que foi dito em termos de valores numéricos.

Por outro lado a CETREN-Central de Triagem e Encaminhamento, da Coordenadoria dos Estabelecimentos Sociais do Estado, em pesquisa realizada em 1978 (Diversos, 1978), confirma as estatísticas do IBGE, apresentando os índices percentuais referentes à procedência dos entrevistados atendidos por ocasião da realização do trabalho.

Após informar que "35,3% dos informantes já se encontravam na Capital há algum tempo, enquanto 64,7% estavam chegando de viagem", dá a seguinte distribuição:

Interior de São Paulo	36,6%
Estados do Nordeste	19,8%

incluindo:

Bahia.....	8,6%
Pernambuco.....	4,7%
Paraíba.....	2,2%
Alagoas.....	2,2%
Ceará.....	1,4%
Sergipe.....	0,7%
Estado de Minas Gerais.....	12,9%
Estado do Rio de Janeiro.....	7,6%
Estado do Paraná.....	10,0%
Estado do Mato Grosso.....	5,4%

Os dados mostram que a atração que São Paulo exerce sobre os demais Estados, principalmente os do Nor

deste, faz com que seus habitantes, mormente os das classes menos favorecidas, se desloquem atraídos pelo "Eldorado Brasileiro", pelo fenômeno da industrialização e pela construção civil em busca de melhores condições de vida, tornando-se o afluxo de migrantes internos maior que a capacidade de absorção de mão-de-obra.

Chegados a São Paulo, via de regra sem parentes, sem amigos, sem dinheiro, perambulam pelas ruas e fazem das calçadas sua hospedaria na cidade grande. Em suma, encontram uma estrutura social, política e cultural totalmente diversa daquela de seus Estados de origem. Um mundo totalmente novo onde os outdoors, nas ruas, podem ser lidos sem palavras; onde se aperta um botão e jorra coca-cola diretamente num copo descartável; onde os rádios-portáteis que eles tanto admiram são vendidos nas ruas por camelôs; onde o bar da esquina não é a venda do "cumpadi Raimundo" onde se pode "pendurar" uma cachaça, mas sim uma lanchonete ultra-sofisticada chamada Robert's Hamburger que vende a peso de ouro hot-dog em saquinhos de papel manteiga; onde óculos rayban, comprados nas esquinas ao preço de um quilo de carne, dão ao nordestino o status de homem cidadão e lhe permitem ver a cidade na cor de sua preferência.

A maioria, vinda do interior, dificilmente consegue se integrar dadas as barreiras que encontram, quer quanto a emprego, quer quanto a habitação, etc. Muitos que

em princípio pretendiam "viver" na Capital, dirigem-se - quando não são dirigidos - para as cidades do interior de pequeno e médio porte que, rapidamente, vêm esgotando seu poder de absorção. Os que conseguem emprego na Capital lutam com dificuldade por falta de qualificação profissional e pelo nível de instrução deficiente. Em desigualdade de condições, ocupam postos de baixo prestígio social: faxineiros, guardas-de-segurança, serventes de pedreiro, porteiros, pintores de parede, empregadas domésticas, engraxates, lavadeiras, etc. e, como consequência, são mal remunerados.

A tendência do fluxo migratório Nordeste-São Paulo tende a aumentar, por motivos ligados à infraestrutura econômica do País que não nos cabe aqui levantar. É mão-de-obra desqualificada que São Paulo "recebe" e, às vezes, "dá chance" para que se coloque em serviços os quais os habitantes da Capital muitas vezes rejeitam.

Apesar de a grande imprensa não abordar, quer em profundidade quer com freqüência tal problemática, existem algumas publicações que o fazem. Um exemplo é o jornal "O Migrante" (SP) que documenta, fartamente, os problemas vivenciados por nordestinos. Em matéria publicada no nº 10 (1978) do referido jornal encontra-se:

"Podado em sua iniciativa diante da grandeza de São Paulo e da frieza do povo o migrante é sumariamente marginalizado pelos daqui. João, 20 anos, baiano de Salvador, estava na fila do Hospital das Clínicas desde a

meia noite. O atendimento começava as nove e ele desabafou sua raiva pelos paulistas:

- Aqui somos explorados e marginalizados.
O paulista nos evita, acha que não so-
mos gente. Eu sô não volto prá Bahia por
que não tenho mais nenhum parente lá;
sou filho único e moro com minha mãe
que está doente.

(...) A marginalização do migrante também é explicada por sua própria condição de retirante: veste-se de acordo com o que tem, ou que lhe dão; desconhece hábitos de higiene e não tem dinheiro, nem para comer. Esses aspectos, aliados à cor escura da pele queimada pelo sol, são fortes indicadores pelos quais o paulistano identifica o migrante como uma população marginal, da qual tenta se afastar". (Grifos nossos)

Outro fato sintomático da péssima receptividade que é dada aos migrantes (entre eles os nordestinos) em São Paulo é narrado em outro número do mesmo jornal(1977):

"A situação do migrante é tão delicada, que num dos forrões da capital paulista que nós freqüentamos, um simples porteiro, pediu a um fotógrafo de jornal, que não tirasse fotografias, alegando que o povo era muito feio. Ele se referia aos nordestinos que ali se encontravam tentando pelo menos esquecer um pouco da miséria por que passaram durante todo ano e, naquele dia, 20 de fevereiro de 1977, es

tavam participando do carnaval dos desesperados". (Grifos
nossos.)

Tais depoimentos podem parecer, a princípio, exagerados; contudo, nosso contato direto com tal problemática serviu para nos mostrar que estão muito próximos da realidade, melhor dizendo: são a realidade.

Dentro de um mesmo estado - São Paulo, dá-se o confronto de culturas diferentes, costumes diferentes, "línguas" diferentes. Em tal situação de contato, como reagem os indivíduos pertencentes aos "dois mundos" envolvidos?

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	SALDO DAS TROCAS MIGRATÓRIAS												
	Roraima	Acre	Amazonas	Roraima	Pará	Amapá	Maranhão	Piauí	Ceará	Rio Grande do Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas
Roraima.....	-	+3 378	+14 135	+ 166	+ 2 875	+ 101	+ 1 836	+ 672	+ 7 962	+ 1 228	+ 866	+ 881	+ 357
Acre.....	-3 378	-	-4 522	- 82	-1 731	- 153	- 74	+ 169	+ 8 959	+ 1 343	+ 705	+ 203	+ 86
Amazonas.....	-14 135	+4 522	-	-2 460	+ 6 909	- 214	+ 805	+ 421	+ 13 263	+ 1 479	+ 1 323	- 88	+ 186
Roraima.....	- 166	+ 82	+ 2 460	-	+ 251	+ 2	+ 621	+ 208	+ 1 211	+ 270	+ 283	+ 84	+ 11
Pará.....	-2 875	+1 731	- 8 909	- 251	-	-29 618	+ 39 239	+ 7 815	+ 47 719	+ 4 795	+ 3 408	+ 781	+ 341
Amapá.....	- 101	+ 153	+ 214	- 2	+29 618	-	- 317	+ 73	+ 1 377	+ 475	+ 224	+ 20	+ 19
Maranhão.....	-1 836	+ 74	- 805	- 621	-39 239	+ 317	-	+165 710	+142 589	+ 6 854	+ 9 912	+ 12 611	+ 1 057
Piauí.....	- 672	- 169	- 421	- 208	- 7 815	- 73	-165 710	-	+ 45 651	+ 863	+ 2 747	- 747	+ 179
Ceará.....	-7 962	-8 959	-13 263	-1 211	-47 719	-1 377	-142 589	- 45 651	-	+15 412	+ 33 353	-12 084	+ 7 778
Rio Grande do Norte.....	-1 228	-1 343	-1 479	- 270	- 4 795	- 475	- 6 854	- 863	-15 412	-	+ 28 375	-16 103	- 408
Paraíba.....	- 866	- 705	-1 323	- 283	- 3 408	- 224	- 9 912	- 2 747	- 33 353	-28 375	-	- 68 525	- 5 463
Pernambuco.....	- 881	- 203	+ 88	- 84	- 791	- 20	- 32 611	+ 747	+ 12 884	+16 103	+ 68 525	-	- 20 842
Alagoas.....	- 357	- 88	- 186	- 19	- 341	- 19	- 1 057	- 179	- 7 778	+ 469	+ 5 483	+ 20 842	-
Sergipe.....	- 178	- 57	- 29	- 7	- 180	+ 6	- 202	- 55	+ 213	+ 213	+ 579	+ 2 418	+ 14 050
Bahia.....	- 721	- 14	+ 193	- 35	- 4 083	+ 16	- 1 879	- 274	+ 10 590	+ 4 113	+ 20 220	+ 39 722	+ 13 481
Minas Gerais.....	-1 789	- 3	- 242	- 70	- 2 695	- 86	- 780	+ 1 844	+ 608	+18 574	+ 9 640	+ 12 706	+ 2 343
Espírito Santo.....	- 917	+ 32	+ 24	- 4	- 890	+ 11	- 517	+ 85	+ 949	+ 597	+ 1 043	+ 1 595	+ 1 513
Rio de Janeiro.....	- 46	+ 624	+ 3 304	+ 44	+ 7 176	+ 82	+ 6 779	+ 3 269	+ 26 259	+27 750	+ 66 539	+ 69 766	+ 23 254
Guanabara.....	+ 329	+2 663	+13 730	+ 256	+27 319	+ 430	+ 24 238	+ 10 205	+ 55 181	+42 925	+117 500	+104 372	+ 40 228
São Paulo.....	- 612	+1 185	+ 3 800	+ 114	+ 7 809	+ 249	+ 7 425	+ 28 322	+106 895	+37 348	+ 78 016	+307 652	+ 162 809
Paraná.....	-1 107	+ 82	+ 211	- 8	+ 34	+ 50	+ 425	+ 4 147	+ 44 184	+ 5 435	+ 17 723	+ 82 801	+ 48 937
Santa Catarina.....	- 83	- 14	+ 9	- 51	+ 32	- 4	+ 40	+ 89	+ 61	+ 141	+ 57	+ 147	+ 207
Rio Grande do Sul.....	- 391	- 13	- 136	- 117	- 80	- 20	- 82	+ 119	+ 305	+ 263	+ 74	- 124	+ 249
Mato Grosso.....	-2 628	+ 241	+ 28	- 12	+ 684	+ 167	+ 3 684	- 3 489	+ 22 311	+ 2 845	+ 7 268	+ 29 097	+ 16 526
Goias.....	- 257	+ 137	+ 210	- 8	-12 870	- 6	+101 495	+ 35 454	+ 23 504	+21 901	+ 13 931	+ 14 552	+ 2 115
Distrito Federal.....	+ 203	+ 370	+ 1 247	+ 33	+ 3 138	+ 161	+ 12 745	+ 24 126	+ 30 286	+11 378	+ 25 819	+ 19 780	+ 3 046

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	SALDO DAS TROCAS MIGRATÓRIAS												
	Sergipe	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo	Rio de Janeiro	Guanabara	São Paulo	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul	Mato Grosso	Goias	Distrito Federal
Roraima.....	+ 178	+ 721	+ 1 789	+ 917	+ 46	- 329	+ 612	+ 1 107	+ 83	+ 391	+ 2 628	+ 257	- 203
Acre.....	+ 57	+ 14	+ 3	- 32	- 624	- 2 663	- 1 185	- 82	+ 14	+ 13	- 241	- 137	- 370
Amazonas.....	+ 29	- 193	+ 242	- 24	- 3 304	- 13 730	- 3 900	- 217	- 9	+ 136	- 28	- 210	- 1 247
Roraima.....	+ 7	+ 35	+ 70	+ 4	- 44	- 256	- 114	+ 8	+ 51	+ 117	+ 12	+ 8	- 33
Pará.....	+ 190	+ 4 083	+ 2 665	+ 890	- 7 176	- 27 319	- 7 908	- 34	- 32	+ 50	- 684	+ 12 670	- 3 138
Amapá.....	- 6	- 16	+ 85	- 11	- 82	- 430	- 249	- 50	+ 4	+ 20	- 187	+ 6	- 161
Maranhão.....	+ 202	+ 1 879	+ 780	+ 517	- 6 779	- 24 238	- 7 425	- 425	- 40	+ 92	- 3 694	-101 495	- 12 745
Piauí.....	+ 55	+ 274	- 1 844	- 85	- 3 269	- 10 205	- 28 322	- 4 147	- 89	- 119	- 3 489	- 35 454	- 24 126
Ceará.....	- 213	- 10 500	- 809	- 949	- 26 259	- 55 181	- 106 895	- 44 184	- 61	- 305	- 22 311	- 23 504	- 30 286
Rio Grande do Norte.....	- 213	- 4 113	-18 574	- 597	- 27 750	- 42 925	- 37 348	- 5 435	- 141	- 263	- 2 845	- 21 901	- 11 378
Paraíba.....	- 579	- 20 220	- 9 640	- 1 043	- 66 539	-117 500	- 78 016	- 17 723	- 57	- 74	- 7 268	- 13 931	- 25 819
Pernambuco.....	-2 418	-39 722	-12 706	- 1 595	- 69 766	-104 372	- 307 652	- 82 801	- 147	+ 124	- 29 097	- 14 552	- 19 780
Alagoas.....	-14 050	- 13 481	- 2 343	- 1 513	- 23 254	- 40 228	- 162 809	- 48 937	- 207	- 248	- 16 526	- 2 115	- 3 046
Sergipe.....	-	- 45 075	- 2 812	- 1 534	- 21 762	- 36 282	- 94 800	- 23 933	- 30	- 119	- 7 064	- 984	- 2 849
Bahia.....	+45 075	-	- 25 866	- 29 488	- 45 264	- 94 897	- 595 793	-136 437	- 169	+ 99	- 56 360	- 89 722	- 34 979
Minas Gerais.....	+ 2 812	+ 25 866	-	-100 087	-310 087	-263 450	-1 106 712	-623 662	- 87	+ 386	- 84 741	-329 979	- 107 188
Espírito Santo.....	+ 1 834	+ 26 498	+100 057	-	-111 652	-115 702	- 22 922	- 35 690	+ 43	- 3	- 9 839	- 2 583	- 5 385
Rio de Janeiro.....	+21 762	+ 45 354	+310 087	+111 652	-	- 98 158	- 52 658	- 22 067	+ 3 317	+ 4 671	+ 1 065	- 658	- 10 143
Guanabara.....	+36 282	+ 94 697	+283 450	+115 702	+ 98 158	-	+ 23 886	+ 4 899	+ 10 887	+ 27 074	+ 10 725	+ 1 764	- 22 783
São Paulo.....	+84 300	+585 793	+106 712	+ 22 922	+ 52 658	- 23 886	-	-574 675	+ 33 366	+ 30 146	-123 748	- 22 591	- 12 695
Paraná.....	+23 933	+136 437	+523 662	+ 35 690	+ 22 067	- 4 899	+ 574 675	-	+278 462	+344 676	- 21 318	- 799	- 1 961
Santa Catarina.....	+ 30	+ 169	+ 87	- 43	- 3 332	- 10 887	- 33 366	-278 462	-	+185 896	- 1 957	- 727	- 1 741
Rio Grande do Sul.....	+ 119	- 89	- 386	+ 3	- 4 671	- 27 074	- 30 146	-344 676	-185 896	-	+ 7 821	- 795	- 3 318
Mato Grosso.....	+ 7 064	+ 56 360	+ 84 741	+ 9 839	- 1 065	- 10 725	+ 123 748	+ 21 319	+ 1 957	+ 7 821	-	+ 21 372	- 3 063
Goias.....	+ 984	+ 69 722	+329 979	+ 2 583	+ 658	- 1 764	+ 22 691	+ 798	+ 727	+ 785	- 21 372	-	- 87 000
Distrito Federal.....	+ 2 849	+ 34 979	+101 188	+ 5 385	+ 10 143	+ 22 783	+ 12 695	+ 1 961	+ 1 741	+ 3 310	+ 3 063	+ 87 000	-

Tabelas I e II - Saldo das trocas nas migrações internas segundo unidades da Federação - 1970.

Fonte: "Anuário Estatístico Brasileiro, 1979".

1.2 - O que acontece, em termos lingüísticos, com os nordestinos em São Paulo

A estrutura sócio-econômica-cultural da grande cidade, por suas próprias características, em função das diferenças de classe existentes, gera grandes segmentos populacionais que vivem em condições extremamente desfavoráveis. A realidade mostra que, de modo geral, nordestinos oriundos de classes desfavorecidas socialmente, quando chegam a São Paulo são como que magnetizados por tais segmentos dos quais passam a fazer parte.

As constantes pressões exercidas sobre os mesmos faz com que reajam das mais diferentes formas. As reações manifestam-se desde a revolta ostensiva até à acomodação passiva, à conformação. As primeiras tentativas, no entanto, são de luta pela aceitação social.

Na medida em que traços lingüísticos comuns contribuem para aproximar de algum modo os falares do Nordeste - dado que pessoas de uma mesma região tendem a ter maior semelhança no falar, assim como as pertencentes a um mesmo grupo social -, algumas características físicas, também comuns, aproximam os habitantes da região.

Ocorre que os traços lingüísticos e características físicas que funcionam como elementos de aproximação entre os nordestinos, geralmente os diferenciam da população de São Paulo que apresenta biotipo e falar (ou fa

lares) distinto(s).

Em São Paulo, o primeiro contato entre nordestinos e paulistas é visual, seguido automaticamente pelo contato lingüístico. Os primeiros, ofuscados pelo "Eldorado", extasiam-se diante das possibilidades de ascensão social que, pensam, lhes serão oferecidas. É de se pensar, então, que tal deslumbramento é transposto também ao falar paulista: habitantes de um estado tão rico e desenvolvido devem, automaticamente, falar correto, falar bonito, falar melhor. Para os segundos (paulistas), é mais um baiano, mais um pau-de-arara, mais um cabeça chata, nordestino subnutrido que abandonou a situação de camponês para assumir a de proletário, colocando-se no mercado como vendedor de uma força de trabalho a ser usada por um preço bem baixo.

A generalização, que é feita tanto por paulistanos quanto por paulistas, chamando baianos⁽²⁾ a todos os nordestinos, quer procedam eles da Bahia, quer de outros Estados do Nordeste pode ser justificada não somente pelas características lingüísticas e físicas apontadas como, também, pelo fato já mencionado de, estatisticamente, a maior porcentagem de nordestinos que procuram São Paulo ser representada por baianos.

Através de constantes observações, na maioria das vezes jocosas, paulistas pressionam nordestinos a se voltarem mais sobre seu próprio falar, quer usando de expressões regionais, quer valendo-se de características fo

néticas do falar nordestino.

O que foi dito é melhor enfatizado através da seguinte afirmação, (Palácio, 1978):

"Quando se quer caricaturar o dialeto nordestino, especialmente em programas humorísticos de rádio e TV, observa-se a aplicação da regra de abaixamento das vogais, a inserção de itens lexicais típicos, como "aperriado", "bichinho", "oxente", e ainda uma curva de entonação final descendente e prolongada do tipo foi não. Tomadas essas providências tem-se a impressão de caracterizar bem a fala do Nordeste. Só que essa caracterização soa tão artificial aos ouvidos do falante daquele dialeto, como autêntica aos ouvidos do imitador".

Tal caracterização deve soar aos ouvidos nordestinos não somente artificial, mas como uma espécie de menosprezo pelo seu falar e uma representação burlesca de sua pessoa que, em decorrência (principalmente das classes menos favorecidas), faz com que se sintam ridículos por sua fala e por seu modo de ser e agir.

O baixo nível cultural de que provêm, impede-os de fazer uma análise real da situação que se cria pela interação lingüístico-social Nordeste/Sudeste (São Paulo, principalmente).

Tal análise talvez revelasse que toda essa estigmatização, que parece tomar como ponto de apoio as diferenças lingüísticas, esconde atrás de si algo bem maior,

ligado às fronteiras criadas pela divisão de classes dentro da complexa estrutura econômico-político-social brasileira - ou seja: que a estigmatização é, antes de tudo, classista.

Conjuntos de traços que operam na discriminação que é feita ao nordestino são capazes de exprimir mais que uma "desigualdade lingüística", uma alarmante desigualdade social entre Nordeste e Sudeste.

1.3 - Existiria um processo de camuflagem lingüística?

É fato observável que, indivíduos de grupos sociais e falares distintos, quando em situação de contato, tomam determinadas atitudes que podem talvez estar relacionadas a mudanças lingüísticas operadas pelos mesmos, conscientemente ou não, visto que o processo de interação verbal favorece tais mudanças.

A insegurança social das classes menos favorecidas, pode levá-las a assumir uma atitude de adoção quanto aos padrões de fala das classes mais favorecidas, portanto socialmente mais prestigiadas.

Em termos lingüísticos, no que respeita às classes menos favorecidas, a assunção de padrões de fala tidos por melhores ou mais corretos constitui-se numa tentativa de eliminar as discrepâncias sociais mais gritantes que dificultam a interação, numa tentativa de através da diminuição das disparidades, reduzir as pressões sociais que sofrem. Ocorre que as relações de subordinação, ao invés de diminuir parecem se acentuar, uma vez que a realização verbal de tais classes funciona simplesmente como uma das marcas de diferenciação. Outras marcas sociais, de ordem econômica sobretudo, é que fazem com que a nata privilegiada crie, de forma sempre crescente, espaços cada vez maiores entre si e a grande massa dos deserdados, gerando contrastes cada vez mais violentos.

Isto posto, sendo os nordestinos que buscam São Paulo, visando a melhores condições de vida, classe marginalizada já em seu Estado de origem, é de se perguntar como reagem quando passam a engrossar o caldo da maioria desprestigiada, tornando-se ainda mais excedentes. Que atitudes lingüísticas a necessidade de contato, de aceitação, de convívio social, os levaria a manifestar?

Palácio (1978) aborda o assunto afirmando:

"Observa-se que os nordestinos radicados no Sul, especialmente os que emigraram adultos e em condições sócio-econômicas precárias, sentem-se impulsionados a con seguir sua aceitação pelo grupo, e passam a usar o dialeto que nem é local nem deslocado. E quando já estão conscien tes da modificação de sua fala são surpreendidos por um tra tamento que os identifica de imediato, não podem atinar o porquê. As providências geralmente tomadas para atingir tal fim são o levantamento indiscriminado das vogais que normal mente usam como [+bx], palatalização das consoantes

-	cont.
+	cor.
+	ant.

 antes da vogal

-	rec.
+	alta

², substituição de itens lexicais, etc."

Tudo parece apontar para atitudes lingüís ticas bastante complexas, tomadas pelos nordestinos, que po deriam até mesmo revelar um processo de "camuflagem" lin güística onde, através do ocultamento da origem dialetal, poderiam os mesmos esconder sua origem regional, quicã so cial, tornando propícia sua aceitação.

O contato entre falantes das diferentes línguas, as implicações de ordem social, lingüística, psicológica, cultural, etc., que tal contato pressupõe tem sido objeto de estudo de lingüistas, antropólogos, etc.

Weinreich (1970) aborda, de maneira geral, o bilingüismo (ou multilingüismo) tratando da interferência no contato lingüístico; os diferentes contextos culturais e a importância do estudo das línguas, evidenciando que "grandes ou pequenas, as diferenças e semelhanças entre as línguas em contato precisam ser exaustivamente estabelecidas para cada domínio - fônico, gramatical e lexical como um pré-requisito para a análise da interferência".

O Autor enfoca o bilingüismo, de berço ou não, apontando as diferenças quanto à aquisição entre os vários sujeitos.

As causas estruturais da interferência, quer ocorra ela no sistema fônico, gramatical, lexical ou mesmo nos três sistemas, são levantadas, discutidas e abonadas por exemplos.

As reações do bilíngüe, em meio bilíngüe ou monolíngüe, são colocadas quanto a seus aspectos psicológicos.

Na obra é dedicado um grande espaço à discussão do ambiente sócio-cultural do contato lingüístico: "Quando uma situação de contato lingüístico é examinada em detalhe a interrelação de condições sócio-culturais e fenô

menos lingüísticos é aparente". Entre outros são discutidos problemas de lealdade lingüística; as funções da língua em grupos bilíngües; a formação de novas línguas pelo contato lingüístico.

A importância de trabalhos em colaboração realizados entre lingüistas, psicólogos e antropólogos fica patente, na medida em que se depreendem de toda leitura problemas que só poderão ser resolvidos através do esforço conjunto dessas diferentes áreas.

Só recentemente os falares ou os dialetos em contato têm merecido a devida atenção da Lingüística.

Quando se trata de dialetos de uma mesma língua, onde a intercompreensão dos falantes é difícil e, por vezes impossível, o contato pode se tornar conflitante e, na maioria das vezes, acreditamos, só não assume níveis alarmantes, porque toda uma ideologia política contribui para a existência de um senso patriótico comum que subordina as diferentes regiões (conseqüentemente os diferentes dialetos e seus falantes) a um mesmo Estado nacional.

Como exemplo, na Itália pode ser citado o caso de sicilianos que buscam trabalho nas áreas industrializadas de Milão ou Turim, e encontram sérios problemas de adaptação social dadas as diferenças entre os dialetos, que embora fazendo parte de uma só língua - a italiana - atuam quase que como duas línguas distintas.

No caso do Brasil, as diferenças dialetais

são mais sutis na medida em que, na ideologia do falante, está presente a unidade lingüística, fazendo com que sobressaíam apenas problemas de sotaque e léxico. As diferenças são mais no nível social e ideológico que no lingüístico.

Independentemente da compreensibilidade maior ou menor, ou até mesmo inexistente, entre os dialetos de uma mesma língua, fôrma-se difícil supor casos em que não se evidencie, de uma forma ou outra, o problema da discriminação entre os falantes. O que se observa é que a discriminação, embora por vezes tome aspectos preponderantemente lingüísticos, centra-se em fatos decorrentes de determinadas organizações sociais.

1.4 - Conceituação de "atitude" e alguns trabalhos realizados sobre o assunto

Conforme Oppenheim (1966) "a maioria das definições parecem concordantes em que uma atitude é uma disponibilidade, uma tendência para agir ou reagir de um certo modo quando confrontada com certos estímulos. Assim, as atitudes de um indivíduo estão sempre presentes porém subjacentes (adormecidas) na maior parte do tempo; elas se expressam na fala ou em outra forma de comportamento somente quando o objeto da atitude é percebido (...). As atitudes são reforçadas por crenças (o componente cognitivo) e geralmente atraem fortes reações (o componente emocional) que levarão a formas determinadas de comportamento (o componente de tendência expressiva)".

Quando cita o terceiro componente das atitudes, o Autor refere-se a "componente de tendência para ação", que traduzimos por "componente de tendência expressiva" por atender melhor às nossas necessidades.

Nos termos da concepção de Oppenheim, o conceito de atitude reveste-se de uma complexidade que facilmente lhe desconheceríamos, se a considerássemos simplesmente no âmbito da ação. Com efeito, tendo como base a sua linha de pensamento, seria errôneo conceber a atitude unicamente como um determinado tipo de ação em relação a um objeto, uma vez que esta seria apenas uma etapa; em outras

palavras, o passo final de um processo.

Na verdade, definida como "uma tendência para agir ou reagir de um certo modo quando confrontada com certos estímulos", a atitude se caracteriza antes de tudo, por essa "disponibilidade" a que se refere o Autor, vinculada necessariamente a três componentes que a conformam. Pensada nesses termos, essa disposição latente, presente nos indivíduos, não se configura unicamente como uma forma de agir primária ante um objeto de sua percepção, mas como uma tendência elaborada e fortemente dirigida pelas crenças e valores que subjazem à manifestação ativa do sujeito com relação a esse objeto. O componente cognitivo, como o chama Oppenheim tem, assim, uma influência preponderante no resultado final, que seria a ação propriamente dita. Por outro lado, nesse complexo processo que define a atitude, entre o componente cognitivo e o de tendência expressiva, que configura a ação do indivíduo com relação a um objeto determinado, situar-se-ia o componente emotivo, cuja matéria-prima, se é que assim podemos dizer, provém do primeiro componente, do conjunto de crenças do indivíduo, e cujo alcance se projeta sobre o componente ativo. Em outras palavras, o caráter de relativa passividade que caracteriza, de certa maneira, o componente cognitivo, chegaria ao componente de tendência expressiva ativado pelo componente emocional que, a partir de crenças e valores, provoca reações determinadas, as quais, por sua vez, dão os contornos para

a ação final do indivíduo.

Insistimos, portanto, no fato de que a atitude é vista aqui como um processo, dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado. Ou seja, a percepção do objeto e a demonstração ativa de um indivíduo, a partir dele e com relação a ele, são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele. A tendência para um certo tipo de ação torna-se assim o produto, o resultado final desse confronto.

Dentro desse quadro teórico, e envolvendo a problemática colocada anteriormente, empreendemos um trabalho de pesquisa sociolinguística, cujo o tema, o objetivo e as hipóteses daremos oportunamente.

Uma consulta a fontes bibliográficas revela que as pesquisas sociolinguísticas que têm por objeto central as atitudes linguísticas são recentes.

Shuy e Fasold (1973) publicaram, como editores, trabalhos sobre atitudes linguísticas em diferentes direções. Entre eles a pesquisa realizada por Wolfgang Wölck (1973) sobre o bilinguismo quechua e espanhol, no Peru. Após colocações históricas que procuram situar as línguas faladas no Peru, o Autor descreve o trabalho realizado com falantes do espanhol e quechua quanto a atitudes que ele rotula hispanicistas e indigenistas, respectivamente. Na amostra testada uma parcela mostrou-se a favor de uma rapidez

na hispanicização da linguagem, enquanto a população não falante do espanhol manifestou atitudes tendentes à retenção da própria linguagem. O trabalho foi montado sobre amostras selecionadas de fala, gravadas em fita, que o Autor rotulou de "estímulo" às manifestações de fala dos indivíduos amostrados.

Os falantes que produziram os estímulos para o teste, foram escolhidos de dois grupos sociais e de dois grupos lingüísticos diferentes. As variáveis foram: 1- classe social do falante; 2- capacidade lingüística do falante (se monolíngüe ou bilíngüe); 3- a língua usada nos estímulos e 4- tópico discutido na passagem-estímulo.

Para o diagnóstico de atitudes, Wölck serviu-se de escalas semânticas diferenciais, formadas por pares de palavras, com espaços entre si, que deveriam ser assinaladas com um x após ouvidas as amostras de fala. Como resultados, o Autor apresenta dados quanto às atitudes sobre a língua e status social e lealdade lingüística dos entrevistados.

Smith (1973), após declarar que as diferenças na fala podem estar entre os maiores indicadores de status social, defende a existência de uma relação entre atitudes quanto à fala e comportamento, quando alguém avalia a fala de outrem: "A avaliação que fazemos da fala de uma pessoa tem efeito sobre como agimos com ela". Apresenta, esquematicamente, o modelo de um sistema sócio-cultural onde estão presentes sociedade (cultura); grupos sociais (subcultura);

indivíduos (personalidade); manifestações (comportamentos, instituições culturais, etc.); para depois tecer considerações quanto ao modelo. Conclui o trabalho apontando a interrelação entre língua, fala e atitudes.

Por seu lado Williams (1973), partindo do pressuposto de que as pessoas tendem a empregar conjuntos estereotipados de atitudes como pontos de apoio para a avaliação, quando se lhes apresenta uma amostra de fala, empreendeu trabalho objetivando examinar aspectos de atitudes que entram em jogo quando as pessoas fazem julgamentos de fala.

Examinou as atitudes que professores refletiram nas avaliações de fala de crianças brancas, negras e mexicanas, de status social médio e baixo.

Com o trabalho objetivou rever métodos e examinar atitudes, sumarizar como as medidas de atitudes devem ser tomadas para medir operacionalmente estereótipos dialetais, e apresentar especulações sobre como os estereótipos dialetais parecem entrar nos processos de avaliação da fala. Como medida técnica para atitudes, partiu de escalas semânticas diferenciais que envolveram a avaliação de um conceito ou estímulo através de pares de adjetivos.

Apontou o fato de que, mesmo em ausência de estímulos gravados, alguns professores mostraram-se propensos a antecipar atitudes em direção a um tipo particular de crianças. Tais atitudes refletiram, conforme o Autor,

um estereótipo e a pesquisa se encaminhou no sentido de ve rificar, através de outras técnicas, que relações as mesmas apresentaram com as fixações das amostras de fala.

Shuy e Williams (1973), consideram que "a reação das pessoas em face de um dialeto pode não somente refletir suas atitudes acerca do status social do dialeto mas, também, pode incluir grupos de atitudes relacionadas com aparentes qualidades do dialeto ou de pessoas que falam aquele dialeto". O trabalho em questão descreve os resultados de uma análise estatística de julgamentos subjetivos, realizados sobre 5 tipos de fala que funcionaram como estímulos, rotulados: Detroit Speech; White Southern Speech; British Speech; Negro Speech e Standard Speech. O estudo que serviu de base é de 1969 e foi realizado por Shuy, Baratz e Wolfram. Relatam os autores que, comparando os julgamentos de acordo com as diferentes características dos entrevistados, foram obtidos os seguintes resultados: "considerável contraste entre as avaliações dos 5 diferentes tipos de fala, geralmente na direção de Detroit Speech e Standard Speech, de forma aproximadamente similar; a avaliação da British Speech, nas quatro dimensões enfocadas: valor, complexidade, potência e atividade foi mais positiva que a da Negro Speech, enquanto esta foi mais positiva que a da Southern Speech". Foi encontrada uma relação entre a etnicidade dos entrevistados e certos julgamentos de tipos de fala, principalmente na direção de entrevistados negros avaliando a Negro Speech,

mais positivamente em 3 das 4 dimensões, comparados com as médias de avaliações pelos entrevistados brancos.

Uma interação entre status do entrevistado e atitudes quanto à fala indicou que "os entrevistados de status alto tenderam a ter julgamentos mais positivos da British Speech em termos de valor e potência, quando comparados com a classe baixa de entrevistados. Uma interação entre idade do entrevistado e atitude de fala, tendeu a indicar avaliações mais positivas da Standard Speech e da British Speech, pelos adultos, em termos de potência e valor, quando comparadas com avaliações de entrevistados jovens. Não houve interação entre sexo do entrevistado e atitudes de fala".

A publicação de Shuy e Fasold conta ainda com outros trabalhos relacionados a atitudes. Macnamara (1973) aborda em seu artigo alguns aspectos das atitudes e aprendizado de uma segunda língua. Ryan (1973) trata de reações subjetivas ao "sotaque". As atitudes de professores em relação aos dialetos "black" e "nonstandard" do inglês, como dados para avaliação através de escalas de atitudes são estudadas por Taylor (1973).

No Brasil, o trabalho realizado por Lenard (1976) revela aspectos da Lealdade Lingüística em Rodeio, Sta. Catarina. (Tese de mestrado-UFSC) Elegendo as variáveis sexo, idade, localização (urbano ou rural), a Autora aponta fatos não só lingüísticos mas também históricos, que contribuíram para acentuar a resistência do imigrante tren

tino a toda e qualquer integração lingüística em Rodeio, Santa Catarina. A pesquisa de campo colheu, no que respeita às atitudes lingüísticas, "informações sobre os informantes, seus antecedentes e habilidades lingüísticas, as funções das línguas usadas e as atitudes para com as mesmas". Nesse aspecto o estudo revelou "um estreito relacionamento entre atitudes e conservação da língua por parte de trentinos e seus descendentes". Os favoráveis à conservação da língua italiana fizeram-se representar por altos índices percentuais, tanto na zona urbana quanto na zona rural, em Rodeio, sendo que comparativamente pequenos índices foram encontrados dos que se mostraram contrários à conservação da língua italiana.

Lenard informa ainda que "a grande maioria das perguntas relativas às atitudes diziam respeito ao uso ou a introdução da língua italiana padronizada, e não ao dialeto trentino".

Certas atitudes encontram tão altas freqüências em suas manifestações que, não raras vezes, de simples comentários orais passam a depoimentos escritos. Muitas de las talvez tenham origem em preconceitos que se formam sobre as línguas, e que estão ligados às diferenças existentes en tre os vários contextos culturais.

Béguin (1975) coloca em contraponto as línguas francesa e inglesa e tece uma série de considerações que refletem julgamentos de valor quanto às mesmas

e a seu uso.

Assim, "Le français est par sa nature, clair. Il aime l'ordre direct: sujet, verbe et complément. C'est ce qui fait sa force. Sur ce point l'anglais perd du terrain. Langue pratique peut-être, mais parfois obscure. (...) L'anglais justapose simplement des mots tandis que le français aime développer la pensée et l'exprimer tout entière". Béguin segue citando exemplos quanto à ordem da oração no francês e no inglês, constatando, de modo ingênuo que, não obstante as diferenças na ordem: "Bien sûr les anglophones se comprennent. Là n'est pas la question".

Enquanto o inglês "filme l'homme qui agit", o francês, ao contrário, "aime l'analyser, cette action, la préciser, y ajouter même quelque chose de rationnel et d'analytique". Conclui afirmando: "Langue de la nuance, de la raison et de la logique, le français donne à l'homme une culture basée sur la pensée raisonnée et fondamentalement juste. L'anglais, moins discipliné, se plaît dans l'à peu près mais ne perd pas son temps à analyser chaque partie du message qu'il exprime 'tout cru' mais rapidement. Deux façons d'aprehender le monde. Deux manières distinctes, aussi efficaces, aussi utiles l'une que l'autre".

São julgamentos de valor feitos quanto às línguas e seu uso que vão se generalizando, os quais, ao que tudo indica, escondem juízos que dizem respeito ao próprio "caráter" dos povos.

A Carlos V são atribuídas e relatadas por alguns autores, muitas vezes em tom jocoso (De Mauro, 1966) algumas considerações quanto às línguas. Segundo a versão franco-espanhola dizia ele que: "S'il voulait parler aux Dames, il parleroit italien, ... s'il voulait parler aux hommes, il parleroit françois, s'il voulait parler à son cheval il parleroit allemand, et... s'il voulait parler à Dieu, il parleroit espagnol".

O enfoque dado pelo alemão, conforme o Autor, é semelhante, embora adote uma outra seqüência: "l'Allemand hurle, l'Anglois pleure, le François chante, l'Italien joue la farce, et l'Espagnol parle".

Tais colocações pecam, como é óbvio, por falta de objetividade e cientificidade lingüísticas. Uma gama de fatores, quer de natureza social, quer econômica, política, etc, relacionados com o próprio status que os falantes das diferentes línguas gozam em contextos mais amplos, parecem contribuir para que esses tipos de atitudes tenham seu lugar nas diferentes culturas.

O capítulo seguinte apresenta o Tema, o Objetivo e as Hipóteses do trabalho de pesquisa que levamos a termo. A leitura revelará que não existe uma relação direta entre o mesmo e os trabalhos realizados em Atitudes aqui apresentados. Contudo, pelo fato de o estudo de atitudes se constituir em área nova, e ao mesmo tempo problemática no domínio da Sociolingüística, nossa necessidade de

citar tais trabalhos justifica-se na medida em que tentamos dar uma visão, embora sumária, da abrangência de tais estudos.

N O T A S

- (1) A população residente estimada para São Paulo, em 1979, é de 23.291,4 habitantes.

Fonte: "Anuário Estatístico Brasileiro, 1979". Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

- (2) Sabendo-se que, em 1935, por ocasião do governo de Armando Sales de Oliveira, as migrações internas foram incentivadas para suprir o déficit de mão-de-obra da lavoura paulista; sabendo-se ainda que o processo de recrutamento voltou-se primeiramente para os Estados do Nordeste, acredita-se que alguns fatores de natureza histórica tenham também contribuído para a generalização que é feita, uma vez que um grande contingente de trabalhadores braçais baianos possivelmente teria sido o primeiro a ser recrutado, vindo para São Paulo em tal situação.

2.0 - TEMA, OBJETIVO, HIPÓTESES

2.1 - Tema e objetivo

Dentro do conceito de Atitude dado por Oppenheim, exposto na página 25 deste trabalho e por nós discutido, e considerando a problemática levantada nas seções 1.1, 1.2 e 1.3, realizamos uma pesquisa objetivando avaliar as "Atitudes Lingüísticas de Nordestinos em São Paulo" com relação às variedades lingüísticas regionais nativas e paulistas.

Tal tema ganha relevância quando consideramos que os dados para uma melhor compreensão das atitudes lingüísticas de nordestinos, podem representar uma contribuição, embora modesta, para uma possível solução de seus problemas de adaptação social.

O que foi enfatizado - melhor compreensão das atitudes lingüísticas de nordestinos - talvez possa ser conseguido por um conhecimento mais claro das situações de contato sociolingüístico entre os falantes desses diferentes dialetos geográficos envolvidos. Nesse sentido, poderiam também ser estudados problemas de interação lingüística; contudo, nossa preocupação está ligada ao estudo das atitudes lingüísticas propriamente dito.

Realizar a pesquisa com nordestinos em São Paulo, sem privilegiar procedência, levaria a problemas de

ordem prática: dificuldade de se conseguir um número desejável de informantes dos diferentes Estados e, ainda, a problemas de ordem teórica no que diz respeito às diferenças dialetais encontradas entre os Estados da região. Segundo nos parece, tais diferenças tendem a se acentuar na medida em que a distância física entre os Estados é maior e, mesmo não se tratando de uma pesquisa de caráter fonológico, julgamos prudente cuidar também deste detalhe.

Os argumentos estatísticos levantados anteriormente, aliados ao fato de os nordestinos em São Paulo serem rotulados "baianos", bem como a vizinhança física e dialetal entre Pernambuco e Bahia, nos auxiliaram na eleição de pernambucanos e baianos.

2.2 - Hipóteses

O tema proposto - Atitudes Lingüísticas de Nordestinos em São Paulo - foi desenvolvido partindo-se basicamente de duas hipóteses diretrizes:

1.0 - Nordestinos (pernambucanos e baianos), em São Paulo, pertencentes a um nível sócio-econômico-cultural baixo (B), tendem a ter atitudes lingüísticas prevalentemente mais positivas quanto às variedades lingüísticas paulistas.

2.0 - Nordestinos (pernambucanos e baianos), em São Paulo, pertencentes a um nível sócio-econômico-cultu

ral alto (A), tendem a ter atitudes lingüísticas prevalentemente mais positivas, quanto às variedades lingüísticas nativas.

Quando consideramos que um dos problemas do Nordeste (não só do Nordeste) é o da má distribuição de renda e de riquezas, os enunciados das hipóteses levantadas acima ganham maior significação.

Os nordestinos dos dois diferentes níveis (A) e (B) reagiriam lingüísticamente de forma diversa, talvez em decorrência de uns tantos fatores, de ordem econômica principalmente que, provocando um desnível acentuado na região, nos permitem falar de "dois Nordestes".

"Dois Nordestes": um formado por aqueles que têm condições de viver na região, graças às oportunidades que lhes são oferecidas quanto a trabalho, estudo, etc., que os torna coparticipantes de uma posição social privilegiada; o outro, o das massas iletradas - analfabetas e semi-analfabetas que sobrevivem, em sua maioria, à custa de uma economia de subsistência que tende a desaparecer, passando a população dela dependente a engrossar o contingente de desempregados já existente.

As motivações dos indivíduos que buscam São Paulo, pertencentes aos "dois Nordestes", são diferentes. Enquanto os primeiros, conhecendo a realidade sócio-econômica-cultural de sua região, e tendo capacidade de analisá-la, procuram São Paulo visando a um aprimoramento de conhe

cimentos, cargo com remuneração mais alta do que já percebem, etc., os segundos não fazem o mesmo por opção. Voltam-se para São Paulo talvez como a última alternativa de sobrevivência que lhes resta.

A finalidade do trabalho é testar as hipóteses 1.0 e 2.0. Talvez, o levantamento e análise do corpus nos permitam, ainda, testar outras duas hipóteses:

3.0 - Os indivíduos de nível (B), na medida em que "percebem" que são estigmatizados em São Paulo e "se dão conta" de que seu falar é um dos índices denunciadores de sua origem (nordestinos) tentam uma "camuflagem" em termos lingüísticos, no sentido de "buscar assumir" ou, "almejar assumir" as variedades lingüísticas de São Paulo.

4.0 - Coerentemente com a hipótese 2.0, levantada anteriormente, talvez com os indivíduos de nível (A) esse processo não se verifique.

Foram entrevistados 116 nordestinos, entre baianos e pernambucanos, compreendidos na faixa etária 18-45 anos, sendo que as gravações cobriram um total de 81 horas. A análise da população que será feita quando da discussão dos resultados, apresenta uma tipologia dos informantes amostrados, bem como sua distribuição.

Justifica-se a abrangência da faixa etária escolhida, por estatísticas que revelam que a maior incidência de nordestinos que procuram São Paulo nela estão localizados, além de predominarem indivíduos do sexo masculino.

Daí o porquê de termos privilegiado tal sexo. Se tivéssemos trabalhado também com o sexo feminino, talvez outras variáveis interagissem nas manifestações de atitudes.

2.2.1 - Variáveis pré-determinadas

As variáveis foram selecionadas objetivando-se "avaliar" as atitudes lingüísticas dos indivíduos amostrados sob o enfoque de fatores sociais como:

- a) Procedência - Pernambuco/Bahia
- b) Proveniência - Capital/Interior

Tal variável talvez revele aspectos diferenciais significativos, nas atitudes manifestadas por indivíduos provenientes da Capital ou do Interior em seus estados de origem, considerando-se os diferentes contextos sociais.

c) Tempo de estada em São Paulo

- c') Indivíduos recém-chegados (residentes em São Paulo por tempo não superior a 4 meses).

Fixou-se um máximo de 4 meses, acreditando-se ser este o tempo em que os informantes estariam, ainda, se expondo à nova realidade buscando adaptar-se a ela.

- c") Indivíduos com tempo de residência em São Paulo superior a 2 anos.

Considerou-se 2 anos como tempo mínimo de adaptação em São Paulo. Neste tempo os indivíduos já esta

riam adaptados e, possivelmente, manifestariam atitudes baseadas em maior reflexão e análise.

d) Classe social - Objetivando-se à classificção sócio-econômica-cultural, baseamo-nos em um índice objetivo dado pela combinação de dois indicadores: grau de educação e profissão do informante. Para tanto limitamo-nos a dois níveis marcadamente distintos:

d') Nível sócio-econômico-cultural alto, que rotulamos (A). Indivíduos com formação universitária ou que estivessem freqüentando a universidade (segundo ano em diante) e profissão de prestígio social.

d") Nível sócio-econômico-cultural baixo, rotulado (B). Indivíduos com educação primária, ou nenhuma (e ainda aqueles que, mesmo com o antigo ginasial, não conseguem se colocar socialmente) e trabalho de pouco prestígio social.

Nesta classificação acreditamos que, talvez, o traço instrução, rastreado por informações colhidas quanto ao nível de escolaridade tenha jogado cartas decisivas, sem que tivéssemos que nos ater à renda dos informantes.

Em termos econômicos, vez por outra, a distância entre tais níveis pode estar razoavelmente próxima.

Contudo a educação os diferencia fundamentalmente na medida em que dá aos indivíduos distinta visão do mundo que os cerca.

3.0 - METODOLOGIA

Estabelecido o que pretendíamos avaliar (o objeto de nossa investigação), partimos para o como avaliar. Voltamo-nos para a metodologia potencialmente utilizável, visando a assegurar um bom índice de precisão em nossas avaliações para que, num momento posterior da pesquisa, esta belecêssemos relações e tirássemos conclusões.

Nenhum dos métodos disponíveis, tomado isoladamente, apresentou-se-nos como realmente satisfatório para o que buscávamos pesquisar, por deixar de lado, na maioria dos casos, aspectos a nosso ver importantes.

Visto nosso estudo pretender avaliar, entre outras coisas, as atitudes que os indivíduos da amostra manifestavam quanto aos falares da capital e interior: de seu Estado, de outro Estado do Nordeste e de São Paulo, decidimo-nos por um mixto de 2 técnicas que rotulamos: observação, questionário - entrevista, que justificamos a seguir.

Observação: Através de tal técnica poderíamos observar o informante, quanto ao seu comportamento, nos dois momentos diferentes da aplicação do questionário-entrevista: em presença de falares gravados e na ausência dos mesmos. Gestos, hesitações, reformulações, etc., anotados paralelamente, poderiam ser úteis para uma análise posterior da(s) atitude(s).

Questionário-Entrevista: - Embora os manuais de metodologia científica indiquem que "questionário se refere a um meio de obter respostas às questões, por uma fórmula que o próprio informante preenche" (Cervo, 1977), acreditamos que, dependendo da natureza da investigação, por vezes é desejável que se obtenha as respostas através de perguntas diretas ao informante. Em tal situação, este estará sendo entrevistado. Além do que, os dados obtidos através de gravação em fitas magnetofônicas, tornam possíveis, no momento da transcrição, a observação de aspectos ligados à entonação, ritmo, etc., que podem contribuir para confirmar, ou não, uma dada atitude do informante em relação à questão proposta. Mantendo um diálogo com o informante, colocamo-nos diante dele, tendo assim maior flexibilidade na obtenção de informações que desejamos colher, tendo domínio sobre a situação de entrevista. Poderíamos observar não apenas o que estava sendo dito pelo informante mas, como era dito.

No tratamento com informantes do nível (B), onde o teor da pergunta pudesse apresentar dificuldade para a compreensão, seria possível, através da metodologia escolhida, repetir a pergunta e mesmo apresentá-la de outro modo (sem interferir no conteúdo da mesma) tendo-se, assim, certeza de que esta seria entendida. Outras perguntas poderiam também ser feitas estabelecendo-se o sentido da resposta.

É sabido que determinados informantes tendem a desviar-se do sentido da questão, tentando acrescentar dados de sua experiência não pertinentes aos objetivos do pesquisador; diante disso, o questionário-entrevista permitiria que os reconduzíssemos à nossa finalidade.

Podendo ser usado com diferentes frações da população, consideramos o questionário-entrevista eficaz, pois permitiria que nossos informantes fossem colocados quanto à sua favorabilidade/desfavorabilidade, em relação a certos aspectos, etc.

Para assegurar uniformidade de uma situação de mensuração para outra, consideramos que o questionário apresentaria a vantagem de uma ordem de questões estabelecida por nós, de ter sempre os mesmos enunciados, tornando assim mais fácil, futuramente, o registro das respostas. Estamos certos que, deste modo, todos os informantes responderam às mesmas questões.

Consideramos ainda, que o questionário, sendo aplicado através de uma entrevista com os informantes, nos momentos em que estes se mostrassem inquietos, poderíamos desviar o assunto, voltando ao mesmo gradativa e oportunamente. Em meio a um clima propício, o informante poderia revelar melhor suas atitudes. No caso de questionários preenchidos por escrito, isto não seria possível.

Vários autores são concordes em que, o questionário preenchido pelo próprio informante, com indicações

impressas para que o mesmo so preencha os espaços destinados a dados pessoais, no caso de se sentir totalmente ã vontade para tal, contribui para manter o anonimato, importante em dadas pesquisas.

É uma vantagem que, consideramos, poderíamos obter também com o questionário-entrevista, através da elaboração de fichas para coleta de dados pessoais, preenchidas pelo pesquisador, antes do início da gravação.

As observações feitas a seguir, talvez sejam as que tiveram maior peso quando de nossa opção metodológica.

Trabalhamos com 6 amostras gravadas de falares selecionados que funcionaram, também, como estímulo ãs manifestações de atitudes e que deveriam ser ouvidas pelo informante para que, após audição atenta, através de perguntas estabelecidas, colhêssemos suas impressões. Uma técnica que tentasse valer-se apenas de um questionário impresso, entregue para ser preenchido e depois devolvido, não cobriria este aspecto - fundamental em nosso trabalho. (Oportunamente trataremos dos falares gravados)

O questionário foi utilizado como instrumento básico de pesquisa, sendo as entrevistas conduzidas em torno das questões nele propostas, sem perdermos de vista o componente "observação".

4.0 - O QUESTIONÁRIO COMO PARTE DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

O questionário foi elaborado considerando-se uma divisão em duas partes:

4.1 - Questões objetivando verificar as atitudes que os informantes declaram ter quanto aos falares da capital e interior: de seu Estado; de outro Estado do Nordeste e de São Paulo.

- Questões relativas aos hábitos dos informantes: alimentação, frequência a determinados lugares, compras, expectativas em relação a São Paulo, relacionamento social, etc.

- Questões visando a inferir certas atitudes manifestadas voluntária ou involuntariamente.

4.2 - Questões objetivando verificar as atitudes que os informantes têm com relação aos falares da capital e interior: de seu Estado, de outro Estado do Nordeste e de São Paulo. As perguntas nesta parte do questionário versaram todas sobre seis amostras de fala gravadas.

4.2.1 - Seleção das amostras de fala

Ideal seria que a seleção das amostras de falares fosse totalmente feita com base em trabalhos dialetológicos pois, assim, as características distintivas entre os diferentes falares seriam levantadas e, de posse de tal levantamento, encontrar-se-iam informantes que mais se apro

ximassem de um "ótimo" para que suas falas pudessem servir como "modelo".

A Bibliografia Dialectal Galego-Portuguesa, publicada em 1976 pelo Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, refere-se a trabalhos realizados em lingüística sobre Pernambuco e Bahia. Tais trabalhos abordam vocabulário (Pereira da Costa, 1916); linguagem popular (Carneiro, 1941); apelidos (Sampaio, 1961); termos regionais relacionados a determinadas atividades (Faria, 1959), etc.

Não se tratam (depreende-se já dos títulos das obras) de descrições dialetais, embora possam trazer alguns dados para o conhecimento dos dialetos dos dois Estados.

Infelizmente, os trabalhos em dialectologia realizados no Brasil cobrem poucas áreas e enfatizam apenas alguns aspectos lingüísticos. Dessa forma a seleção baseou-se neles de modo parcial.

O Atlas Prévio dos Falares Baianos (Rossi, 1965), por se tratar de material exclusivamente lexical, não veio ao encontro de nossos interesses. Julgamos, em princípio, poder nos servir dos dados fonéticos para observar aspectos ligados à pronúncia. Consideramos entretanto que, dado o número de pontos lexicais levantado ser limitado e cobrir poucas áreas, partindo-se do Atlas seria difícil caracterizar qualquer falar, tendo-se assim, quando muito, idéias gerais acerca de certas realizações verbais.

Para a seleção do falar caipira devemos ressaltar o apoio conceitual recebido através da leitura de O Dialeto Caipira (Amaral, 1920) e O Estudo do "R - Caipira" no Contexto Social (Head, 1973). O fato de termos lido A Língua do Nordeste (Marroquim, 1943) não serviu para que tivéssemos uma visão clara dos diferentes traços que devem caracterizar o "dialeto nordestino", mesmo porque, conforme o Autor informa, estuda "a língua popular de Alagoas e Pernambuco englobando as duas populações debaixo de um só aspecto dialetal. A formação histórica e étnica dos alagoanos e pernambucanos é uma só, e idêntica é a sua orientação lingüística".

No capítulo destinado à fonologia nota-se a preocupação do Autor em confrontar as pronúncias nordestina (a qual julga caracterizar o falar brasileiro) e lusitana: "A pronúncia do nordestino é a que caracteriza em geral o falar brasileiro: é demorada, igual, digamos mesmo arrastada, em contraste com a prosódia lusitana, áspera e enérgica". Na sintaxe e na morfologia também vai operando confrontos, não descrevendo, como dissemos, um "dialeto nordestino" que serviria, em parte, aos nossos objetivos. A leitura, consideramos, alertou-nos para muitas formas lexicais e expressões regionais, várias delas reproduzidas por nossos informantes quando das entrevistas.

Se Marroquim, que teve seu trabalho publicado mais de duas décadas após os estudos realiza

dos por Amaral - O Dialeto Caipira, tivesse obedecido aos critérios científicos e rigor metodológico deste, teríamos como resultado um trabalho bem mais satisfatório em termos dialetais, menos sentimental e impressionístico, que nos auxiliaria melhor neste momento.

Foram feitas diversas gravações com informantes, da capital e interior, de Pernambuco, Bahia e São Paulo, num total de 5 horas gravadas.

Consideramos fundamental nesta fase do trabalho que os informantes estivessem dispostos a falar, bem à vontade, sem tentar policiar a fala. Que falassem dentro de um estilo o mais espontâneo possível.

Questões bem gerais foram elaboradas objetivando-se selecionar, oportunamente, amostras de fala que serviriam como estímulo:

(a) O que você faria caso ganhasse na loteria esportiva?

(b) Em sua opinião é melhor viver no campo ou na cidade? Por quê?

(c) Se você pudesse escolher outra cidade para morar, qual escolheria? Por quê?

(d) Se você, agora, tivesse que escolher outra profissão, qual escolheria? Por quê?

(e) Conte alguma coisa interessante que aconteceu em sua infância.

(f) Fale sobre seus pais.

As respostas longas foram incentivadas, a fim de se obter trechos significativos e compactos quando da seleção. Foi dito aos entrevistados que se estava fazendo uma "pesquisa de opiniões" com indivíduos de vários Estados brasileiros objetivando-se saber como pensavam, com relação a certos assuntos, pessoas de diferentes procedências.

A seleção dos informantes foi feita considerando-se:

- (a) Procedência. (Estado)
- (b) Proveniência. (Capital ou Interior)
- (c) Idade. (Estabeleceu-se a faixa etária de 18-35 anos)
- (d) Tempo em que moraram em seu lugar de origem. (Estabeleceu-se que deveriam ter vivido, até aquela data, todo o tempo em seu lugar de origem, tendo permanecido fora do mesmo por períodos curtos.)
- (e) Filiação. (Deveriam ter como ascendentes diretos (pai e mãe) pessoas do mesmo Estado e cidade)
- (f) Tempo de estada em São Paulo. (Estipulou-se que pernambucanos e baianos, tanto da capital quanto do interior, seriam entrevistados desde que em São Paulo não estivessem por tempo superior a 60 dias.)

Estas restrições foram impostas visando-se a assegurar o controle de possíveis variáveis nos diferentes falares.

Considerando válidas as afirmações feitas por Wölck (1973) justificamos o fato de não termos usado palavras isoladas (ou listas de palavras) na escolha de nos sas amostras ou estímulos:

"(...) se palavras isoladas forem escolhidas como amostras ou estímulos são, obviamente, apenas um subconjunto muito pequeno das representações fonológicas que passam a constituir uma variável e, portanto, poderão influenciar o julgamento do ouvinte. É bem razoável presumir que todos os níveis de expressão lingüística sejam utilizados por um ouvinte para o diagnóstico do status do falante, principalmente características morfossintáticas, seleção lexical, facilidade de expressão, boa dicção, velocidade de fala, etc. O ouvinte deve ter acesso a todas essas variáveis potenciais quando se pede a ele para julgar a fala de outra pessoa (...)"

A coleta de amostras de fala de informantes da capital de São Paulo (paulistanos), que estivessem dentro das especificações estabelecidas, apresentou dificuldade pelo fato de a população ser composta por pessoas de diferentes procedências e proveniências, tanto no que diz respeito às diversas cidades do interior de São Paulo, outros Estados do Brasil e, ainda, ao alto contingente de imigrantes encontrado no Estado.

Quanto à idade, apenas os informantes de São Paulo/Interior estiveram fora das especificações. Visto

desejarmos colher amostras do "falar caipira", trabalhamos dentro de uma faixa mais avançada, entrevistando pessoas com idade entre 45 e 60 anos. Consideramos que uma das marcas do referido falar é o "r-caipira", retroflexo, descrito por Amaral (1920) e consideramos, ainda, que tal variante é socialmente marcada, daí queremos testar a percepção da mesma e uma possível estigmatização por parte de pernambucanos e baianos.

Segundo Head (1973) "de modo geral a ocorrência do 'r-caipira' é mais freqüente entre informantes mais velhos (...) do que entre os de menos idade" e isto "indica que esta variante está em vias de desaparecimento. O recorte sincrônico confirma uma evolução que pode ser observada através do tempo real".

Entrevistados 18 informantes, pela audição e análise das gravações, primeiramente foram selecionadas as seis mais representativas dos falares da Bahia, Pernambuco e São Paulo (Capital e Interior).

Das seis gravações selecionadas foram escolhidos trechos de fala de, aproximadamente, 2 minutos de duração.

Foram privilegiados trechos que não dessem margem a que se soubesse da procedência do indivíduo, quer geográfica, quer social, e despidos de quaisquer aspectos que pudessem induzir as respostas dos futuros entrevistados que responderiam às questões formuladas sobre tais amostras.

4.2.2 - Composição da Fita - Estímulo

As amostras selecionadas foram reunidas em fita magnetofônica que rotulamos fita-estímulo e separadas na mesma por 20 segundos de silêncio, dispostas na seguinte ordem:

1. Pernambuco - Capital (Recife)
2. São Paulo - Interior (Itu)
3. Bahia - Interior (Duas Serras)
4. São Paulo - Capital (São Paulo)
5. Pernambuco - Interior (Garanhuns)
6. Bahia - Capital (Salvador)

Visto que uma das questões (segunda parte do questionário) visava a uma comparação entre os estímulos 2 e 4, após a gravação do nº 6, observando-se, ainda, o espaço de 20 segundos de silêncio, foram colocados novamente, e em seqüência, os estímulos referidos.

4.2.3 - Testes preliminares com a Fita - Estímulo

A gravação feita com as amostras foi submetida a 10 pernambucanos e 10 baianos, distribuídos entre os níveis (A) e (B) para que se verificasse a representatividade, quanto aos falares, do material colhido. Após a audição de cada estímulo perguntou-se: a) Pela procedência (Bahia, Pernambuco, São Paulo); b) Pela proveniência (Capital, In

terior) dos amostrantes. Dos vinte interrogados, 14 acertaram procedência e proveniência dos seis falantes, 3 confundiram o falar do interior da Bahia com o do interior de Pernambuco, 1 reconheceu apenas os falares de Bahia—Capital, São Paulo-Capital e Pernambuco - Interior e 2, entre os seis falares apresentados, acertaram a procedência de 3 dos informantes, confundindo a proveniência e errando procedência e proveniência dos demais.

Considerou-se que as amostras de falares contidas na fita-estímulo atendiam às finalidades.

4.3 - O questionário como um todo

Do que já tivemos oportunidade de frisar, poucos trabalhos foram feitos em Sociolinguística, objetivando avaliar as atitudes dos falantes com relação a diferentes falares ou línguas. Daí o material bibliográfico ser escasso. O ideal seria que tivéssemos teorias visando à construção de questionários para avaliar atitudes, voltadas mais especificamente para o aspecto lingüístico-social. Em falta destas, recorreremos a Oppenheim (1966) Questionnaire Design and Attitude Measurement, conforme o Autor: "Tópicos básicos no Método Sociológico". Procurou-se ter sempre presentes as afirmações feitas no Prefácio quanto aos objetivos da obra: "It is intended to help all those who, for one reason or another, have to design a questionnaire. It could

serve as a textbook for research students and undergraduates in Social Psychology and Sociology, and for practitioners of market research. It could also help doctors, personnel of ficers, civil servants, criminologists, teachers, and many others whose curiosity or need for information may impel them into the quicksands of social research. (...) Questionnaire design cannot be taught from books; every investigation presents new and different problems". (Grifos nos sos.)

Recorremos a Selltz e outros (1975), ressaltando, ainda desta vez, observações feitas no prefácio à primeira edição: "A pesquisa interessada pela aplicação imediata exige, em todo seu processo, um esforço conjunto de cientistas sociais e dos que devem empregar seus resultados. Essa observação cria problemas específicos para os quais ninguém está inteiramente preparado pela sua formação, (...) sempre que possível escolhemos exemplos de uma área em que essa colaboração é muito necessária e já foi tentada com êxito: a área do preconceito". (Grifos nossos.)

Outros manuais foram ainda consultados para a elaboração do questionário, entre eles Asti Vera (1974), Cervo (1977).

Por trabalharmos com dois níveis sócio-econômico-culturais diferentes, o ideal seria que esboçássemos dois questionários, com uma adequação lingüística a cada nível, mantendo exatamente o mesmo conteúdo das questões.

Consideramos que tal procedimento seria pouco econômico e que, talvez, não conseguíssemos manter o mesmo conteúdo nas duas versões.

Como o questionário foi aplicado através de uma entrevista (segundo a metodologia escolhida) pudemos fazer as adequações necessárias aos dois níveis, funcionando o questionário como um guia.

Optamos por dois tipos de questões: de alternativas fixas (tradicionalmente conhecidas como perguntas fechadas) nas quais o entrevistado pôde optar por uma das respostas propostas; e questões abertas, com as quais obtivemos informações mais ricas e variadas, por darmos ao entrevistado oportunidade de responder com suas próprias palavras (sem que sugeríssemos qualquer resposta), dentro de seu quadro de referências.

Algumas questões com respostas alternativas foram elaboradas no sentido de facilitar a compreensão de determinados pontos. Exemplo:

13. De modo geral, quando você compara a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, com a fala (modo de falar) das pessoas de São Paulo, você pode dizer que, em sua terra, as pessoas falam:
- a) depressa
 - b) muito depressa
 - c) devagar

d) de forma arrastada

Tal tipo de questões apresentou a vantagem de fazer com que os entrevistados detivessem sua atenção nos problemas de nosso interesse.

As questões abertas, sempre que necessário, foram seguidas de "perguntas de acompanhamento" pelo fato de alguns informantes não terem opinião formada a respeito de alguns problemas colocados. Exemplo:

30. Em sua opinião, de que modo falam as pessoas de São Paulo?

Acompanhamento: - Elas falam do mesmo modo que vocês? Você nota alguma coisa na fala delas que é diferente da fala de vocês?

Tais questões sempre auxiliaram no sentido de esclarecer a pergunta feita.

Algumas perguntas foram colocadas no sentido de testar a consistência de determinadas respostas. Tomou-se o cuidado de colocá-las separadas no corpo do questionário. Exemplo:

2. As pessoas, na sua terra, têm a fala (modo de falar) que você considera:

a) Feia.

b) Bonita.

6. No geral, as pessoas da sua terra falam de um modo que você considera:

a) Agradável.

b) Desagradável.

Na seqüência das questões procurou-se manter uma ordem atrativa que estimulasse o entrevistado. Tal ordenação objetivou ainda evitar o "efeito auréola", citado por Oppenheim (1966), através do qual o entrevistado poderia estar influenciado, em suas respostas, por perguntas próximas. O propósito de cada questão foi sempre bem definido e sua redação analisada, procurando-se, dessa forma, evitar ambigüidades que poderiam provocar variações nas respostas.

Ao final do questionário pôde-se contar com 48 questões datilografadas em 8 folhas, observando-se espaços para as respostas (espaços na maioria das vezes insuficientes, mal calculados por nós). Da "cabeça" de cada questionário constaram os itens: nome, naturalidade, espaço para colocação do nº do informante e tempo de permanência, a serem preenchidos. Na última folha, espaço para observações de ordem geral que poderiam ser feitas pelo pesquisador.

O questionário em sua íntegra é apresentado no Apêndice 3.

Dados de história pessoal do entrevistado, como naturalidade, filiação, escolaridade, ocupação, etc. foram colhidos em fichas à parte, e assegurou-se a todos que as mesmas seriam guardadas, e somente o questionário seria manipulado na obtenção dos dados para o trabalho. (Ver ficha no Apêndice 1).

5.0 - A AMOSTRA

(Constituição dos Corpus)

Vários passos foram dados no sentido de se conseguir a amostra adequada ao estudo proposto. Considerou-se que contactar a esmo elementos dispersos por São Paulo redundaria num projeto pouco econômico. Seria desejável, portanto, um levantamento que incluísse locais onde pernambucanos e baianos fossem encontrados em número significativo e pudessem ser entrevistados.

Tal levantamento apontou para alguns órgãos ligados à Secretaria da Promoção Social do Estado de São Paulo, que têm sob sua responsabilidade, entre outras atividades, o tratamento com migrantes.

A Secretaria da Promoção Social (SPS), encabeça umas tantas obras da Coordenadoria dos Estabelecimentos Sociais do Estado (CESE): DAG-Divisão de Atendimento Geral; SAE-Serviço de Atendimento Especializado e CETREN-Central de Triagem e Encaminhamento.

A CETREN foi criada pelo Decreto 52.897, de 17 de março de 1972, pelo Governo do Estado de São Paulo para "centralizar e sistematizar os serviços de triagem e encaminhamento dos grupos humanos desprovidos de recursos econômicos ou financeiros que, residentes na Capital ou em trânsito por ela, necessitam de auxílio e orientação". (Diversos, 1978).

Visto ser este o órgão que efetua a triagem

de todos os indivíduos que recorrem à promoção social em São Paulo, para posterior encaminhamento aos demais órgãos, considerou-se ser o local adequado para o trabalho com os informantes nível (B), mormente a fração por nós rotulada "recém-chegados".

A CETREN localiza-se no bairro do Cambuci, Rua Otto de Alencar, 230 - São Paulo (Capital) e, por ocasião da coleta dos dados estava sob a direção do Dr. Clédys Previdelli. Aproximadamente 60% dos contatos e entrevistas com informantes de nível (B), foram realizados nesse local e o restante em fábricas, construções civis, residência dos entrevistados, etc.

Contactar os indivíduos em seu local de trabalho por vezes criou-nos alguns embaraços, dado que nem sempre as pesquisas, seja qual for seu teor, são bem recebidas. Os responsáveis por tais indivíduos (patrões, chefes, etc.) tenderam, em vários casos, a desconfiar dos objetivos da investigação, pensando tratar-se de alguma manobra sub-reptícia, cuja finalidade precípua era colher informações que, talvez, fossem aproveitadas em divulgações através da imprensa ou levadas ao conhecimento da Justiça do Trabalho.

Alguns empregados negaram-se a colaborar (poucos) e, dadas as circunstâncias, diversas vezes pudemos depreender da recusa dos mesmos o medo de sofrer qualquer sanção.

As entrevistas na casa de certos informantes

apresentaram o inconveniente de terem que ser realizadas em presença de certos membros da família fato que, consideramos, poderia ter interferido na manifestação de algumas atitudes.

Chegando à CETREN, os indivíduos passam por todo um processo de triagem que é realizado através de um conjunto de fichas adequado. Obtém-se, assim, o Diagnóstico Psicossocial. Encaminhados ao serviço médico, são examinados, feitas abreugrafias, pesquisa de esquistossomose, etc. Um assistente social, depois de uma conversa com os indivíduos, determina o destino dos mesmos. Serão encaminhados a outros órgãos da Promoção Social ou ficarão alojados na casa, aguardando passe de viagem para retorno ao seu local de origem, outra cidade ou Estado, dependendo das finalidades. Muitos permanecem para regularizarem os documentos ou partirem para um emprego.

Uma verificação diária de entradas na CETREN, realizada através do conjunto de fichas preenchidas por ocasião da triagem, serviu de base para a escolha da amostra.

Foi estabelecido um processo de quotas a fim de se garantir na amostra a inclusão de diversos elementos da população considerados na proporção relativa em que nela ocorrem.

Tendo sido verificado que o número de pernambucanos e baianos que preenchiem as características re

queridas para a amostra, diariamente, não ultrapassava a 7, determinou-se uma quota máxima de 5 entrevistas diárias sabendo-se que, em princípio, esta quota poderia ser menor (tal fato se deu algumas vezes) no caso de não se dar a entrada deste número de pessoas em alguns dias da coleta de dados.

Completadas as entrevistas com esse nível as mesmas foram consideradas como suficientemente adequadas para os objetivos da pesquisa.

Não foi possível selecionar os informantes de nível (A) através do mesmo processo realizado para o nível (B).

Os informantes nesse nível, encontram-se nas mais diferentes localidades, ora ocupando postos-chave, ora realizando cursos, participando de congressos, etc. Sendo assim, o processo de quotas mostrou-se impraticável.

Foram realizadas entrevistas em empresas particulares, estatais, hotéis, universidades, hospitais, bancos, clínicas, residência do pesquisador, residência do informante, etc., até que fosse atingido um número significativo, considerando-se o mesmo como suficiente para os objetivos da investigação.

5.1 - A realização das gravações

Conforme citado anteriormente, 60% das gra

vações com o nível (B) foram realizadas na CETREN.

Os candidatos à entrevista, após selecionados através das fichas, ficavam aguardando sua vez para gravação.

Nesse nível trabalhou-se sempre com dois gravadores, ambos com microfones embutidos, a fim de se afastar os inconvenientes que os microfones manuais trazem quanto à espontaneidade que se deseja do entrevistado, visto não ser possível dispensar a presença física, por vezes incômoda dos gravadores.

Após uma apresentação rápida e o menos formal possível, solicitávamos a colaboração do indivíduo para o trabalho em andamento, dando ao mesmo inteira liberdade de recusar-se a colaborar.

Informávamos sobre a realização de um trabalho escolar, destinado a saber a opinião de brasileiros sobre diferentes assuntos. Informávamos, ainda, que a equipe de trabalho já conversara com pessoas do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e, agora, estava conversando com pessoas de Pernambuco e Bahia. Esse quadro era montado com a finalidade de "desviar" a atenção do informante dos reais objetivos da pesquisa.

Procuramos sempre enfatizar, no caso das questões voltadas para os estímulos gravados, que acertar as respostas não era fundamental. Nós estávamos interessados na "opinião" das pessoas. No que elas pensavam realmen

te, quando ouviam tais falas. As respostas só seriam gravadas para a facilidade de, posteriormente, serem transcritas na íntegra. A entrevista era iniciada após o preenchimento das fichas de dados pessoais.

Um gravador foi utilizado para a audição, por parte do informante, das amostras de fala contidas na fita-estímulo. Embora algumas instruções quanto ao conteúdo da fita estivessem gravadas na mesma, optou-se por dá-las verbalmente antes da audição.

Considerou-se que, dessa forma, as instruções gravadas serviriam como reforço. Visamos, assim, a assegurar uma melhor compreensão por parte do informante.

Mostrávamos a fita-estímulo ao informante dizendo conter a mesma 6 amostras de fala. O conteúdo das falas, ou seja, aquilo sobre o que a pessoa estava falando não nos interessava. Importava sim, o modo, a maneira, o jeito de a pessoa falar: sua fala. Como ela falava. Cada amostra de fala seria ouvida apenas uma vez e, após a audição de cada amostra seriam feitas perguntas sobre aquela fala, e também sobre as pessoas que falam daquela maneira.

Após as questões referentes aos estímulos passávamos às questões gerais, onde o informante não precisava estar atento à fala de outrem.

Para as gravações com o nível (A) foram obedecidos os mesmos critérios, com exceção das explicações dadas sobre o teor do trabalho. Informamos tratar-se de uma

pesquisa na área de Sociolinguística, cujo objetivo era colher dados que nos levariam à elaboração de uma tese de mestrado. Após a entrevista, os papéis poderiam ser invertidos, passando o entrevistador a entrevistado respondendo, assim, às possíveis perguntas que surgissem, relacionadas à pesquisa em questão.

As entrevistas com o nível (B), no seu decorrer, sugeriram a colocação de mais 5 questões no corpo da pesquisa. Tais questões foram feitas somente aos informantes de nível (A) no final de cada entrevista. Julgamos terem os mesmos maior capacidade de analisar as colocações feitas e verbalizá-las adequadamente. Ressalve-se que tais questões só foram feitas aos informantes que se mostraram menos cansados e que, devido a uma maior disponibilidade de tempo, pareceram inclinados a dar mais informações.

Como é recebido, em São Paulo, o nordestino de nível sócio-econômico-cultural baixo (B), que vem à procura de emprego e melhores condições de vida?

Como é recebido, em São Paulo, o nordestino de nível sócio-econômico-cultural alto (A), que vem para estudar, assumir postos de liderança em empresas, etc.?

Que imagem o nordestino nível (B) quer transmitir quando volta ao Nordeste para rever

parentes e amigos?

E o nordestino (A), que imagem quer transmitir quando volta para visitar parentes e amigos?

O nordestino nível (A) que, aqui em São Paulo, tem acesso a uma tecnologia avançada, instrumentação sofisticada, etc., quando volta para morar no Nordeste, tenta adaptar os conhecimentos adquiridos em São Paulo às condições locais nordestinas, ou acomoda-se, dizendo não poder produzir tanto quanto em São Paulo por falta de recursos?

As gravações com o nível (B) tiveram duração média bem menor que com o nível (A). Naquele nível, salvo raras exceções, os indivíduos têm maior dificuldade para fundamentar verbalmente as opiniões que emite. Houve casos em que entrevistas com o nível (A) ocuparam período de tempo próximo de 2 horas. Por se tratar de informações bastante relevantes para a pesquisa, permitiu-se que as mesmas tivessem livre curso. Os informantes de nível (A) mostraram forte necessidade de fundamentar bem todas as opiniões.

5.2 - Crítérios obedecidos na transcrição das entrevistas

As entrevistas, no que respeita às questões

abertas, foram transcritas na íntegra, obedecendo-se tanto quanto possível à realização verbal do informante. Procuramos não recorrer a abreviações, resumos ou paráfrases das respostas para que não perdêssemos considerações importantes. Não foram feitas correções gramaticais da fala do entrevistado. A transcrição fonética de termos ou expressões foi sempre usada quando o contexto requereu certas distinções entre os falares. No caso do falar caipira, adotou-se para a transcrição do "r"-retroflexo, a notação [r̄] sendo que, para a realização do r de pernambucanos e baianos (por generalização do falar nordestino) adotou-se a fricativa velar surda [h].

As questões pré-codificadas tiveram suas respostas assinaladas com X no momento da entrevista, e a audição posterior das gravações possibilitou uma verificação quanto à correção do registro. Optou-se por anotar em tais questões possíveis colocações dos informantes tendentes a explicar e situar suas respostas. Julgamos tal procedimento válido, pois foi um recurso já previsto quando de nossa opção metodológica, que poderia ser útil numa fase posterior.

6.0 - TABULAÇÃO E PROCESSAMENTO DOS DADOS

6.1 - A formulação de categorias

Visto ter-se optado por um questionário com posto de questões abertas e fechadas foi necessário que decidíssemos, no que diz respeito às perguntas abertas, pela formulação de conjuntos fixos de categorias nos quais se enquadrassem as diferentes respostas. Assim, colhido o material de estudo, a categorização dos dados só foi possível depois de termos conhecimento de todas as respostas às questões abertas, do número total de questionários.

Para uniformidade do trabalho procuramos fazer com que cada conjunto de categorias fosse derivado de um só princípio de classificação; que fosse exaustivo, a fim de que qualquer resposta a determinada questão pudesse ser colocada numa das categorias para ela estabelecida.

Quanto às questões fechadas, estas já tiveram as respostas pré-categorizadas no momento da elaboração do questionário, uma vez que constavam de perguntas para serem assinaladas, com um número fixo de alternativas. Procurou-se elaborar conjuntos de categorias (por vezes grandes) que atendessem às respostas dos dois diferentes níveis (A) e (B).

Tivemos o cuidado de colocar em determinados conjuntos de categorias, uma categoria "residual" para

receber respostas que possivelmente não se enquadrassem nas demais categorias de dado conjunto. Essa categoria residual foi denominada "outras" e teve aspectos de seu conteúdo citados, sempre que oportuno e necessário.

Os dados, após categorizados, passaram por um processo de codificação, ou seja, a cada resposta foi atribuído um dígito, visando já ao uso do computador.

O fato de termos recorrido ao computador justifica-se perfeitamente, uma vez que o número de questionários (116), o número de questões por questionário (101 e, em alguns casos, 106, considerando-se as cinco questões adicionais para (A))⁽¹⁾, bem como o número de categorizações levaram a uma quantidade de dados, cuja manipulação usual tornou-se, em princípio, proibitiva, uma vez que demandaria tempo muito grande para o tratamento.

6.2 - Codificação das variáveis

As variáveis consideradas neste trabalho, apresentadas no Capítulo 2.0, são mostradas na tabela seguinte (pág. 71) com suas respectivas codificações.

VARIÁVEIS	ALTERNATIVAS	CODIFICAÇÃO
<u>Procedência</u>	Bahia	B
	Pernambuco	P
<u>Proveniência</u>	Capital	C
	Interior	I
<u>Nível Social</u>	Nível (<u>A</u>)	(<u>A</u>)
	Nível (<u>B</u>)	(<u>B</u>)
<u>Permanência</u>	Tempo maior que 2 anos	2
	Recém-chegado	R

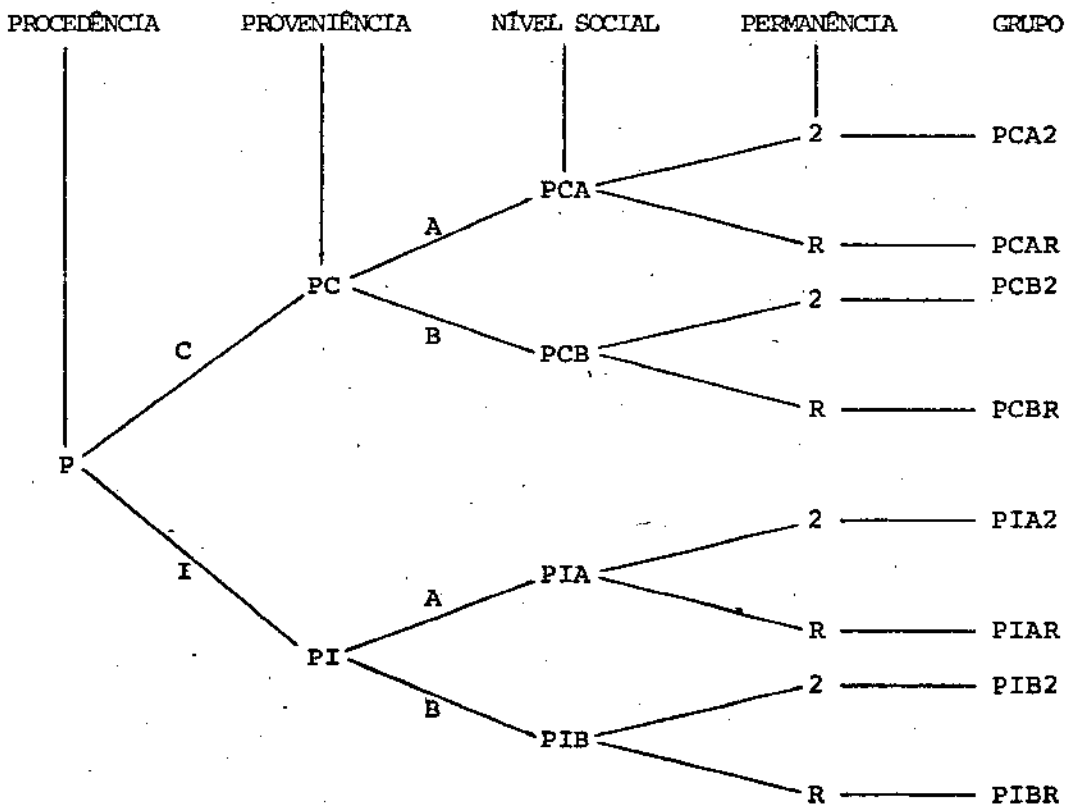
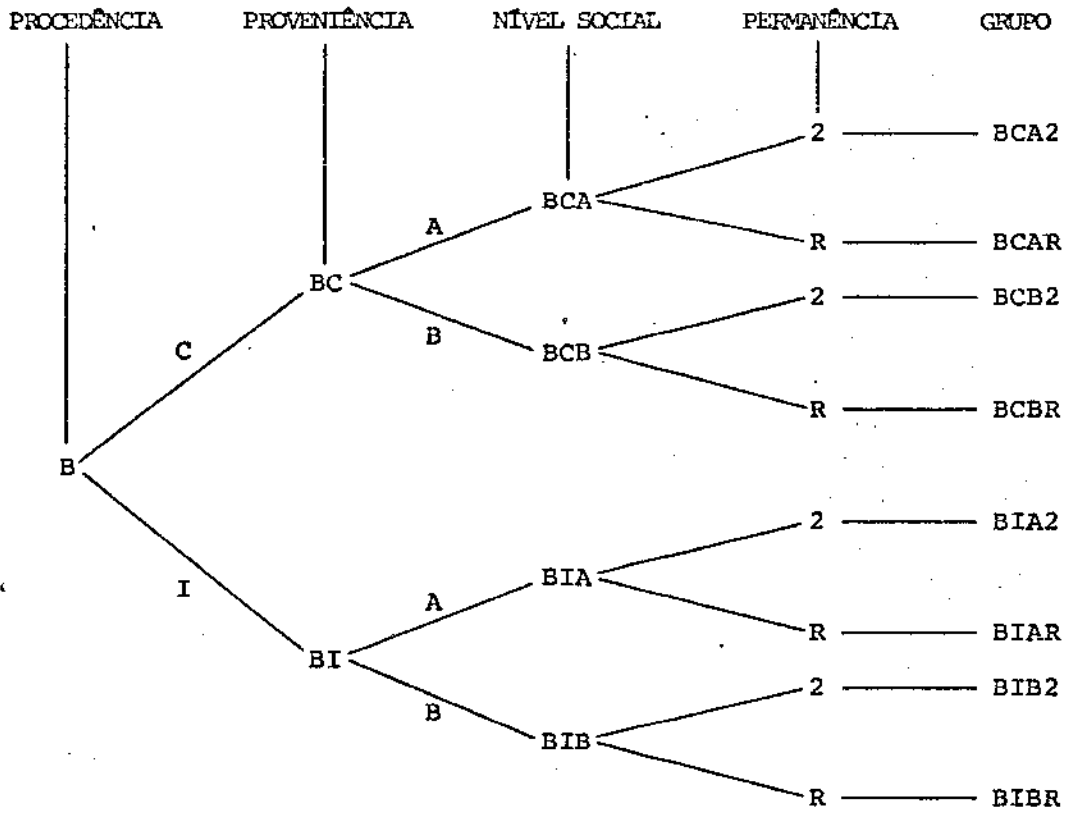
TABELA 3 - Codificação das variáveis.

Com base nesta codificação foram gerados grupos conforme esquema apresentado na página seguinte.

Considerando a distribuição dos grupos em tal esquema, as respostas às questões (obedecendo à numeração e à categorização) conforme o "Questionário Desdobrado" (Apêndice 4) foram codificadas para cada elemento dos grupos e, em etapa posterior, foram transferidas para folhas de codificação.

6.3 - O programa de computação

Foram usadas as sub-rotinas FREQP, MHIST, MHIST1 e PLOT1, pertencentes a um conjunto de programas de estatística da UNIVAC (1967). A implementação de tais pro



gramas incluiu:

- a) Conversões de linguagem Fortram V para Fortram IV.
- b) Extensões para o tratamento de maior número de dados.
- c) Codificações para processamento via-terminal, e não através de cartões.
- d) Diversos testes com conjuntos de dados pré-calculados.

6.4 - Processamento dos dados

Os programas foram processados usando-se um Computador PDP-10, da Digital Corp., do Centro de Computação Eletrônica, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), através de terminal.

Alguns detalhes do processamento são dados a seguir.

6.4.1 - Input dos dados

Para cada um dos grupos considerados foi criado, via-terminal, um arquivo contendo:

- a) Número do informante. (Introduzido com o objetivo de facilitar a conferência dos dados, e não com o intuito de identificação)

b) Codificação correspondente às respostas de 15 perguntas do questionário.

O número do informante ocupou o primeiro campo de 4 posições. Exemplo: 0001; 0002; 0020; 0100, etc. e, nos 15 campos restantes, códigos correspondentes às suas respostas a 15 questões.⁽²⁾

Deste modo foram criados arquivos para cada grupo. Ao nome do grupo foi acrescentado um dígito destinado a regular o conjunto de 15 perguntas que estava sendo processado.

Assim: BCA21 deve ser entendido como grupo BCA, primeiras 15 perguntas; PIA23 - grupo PIA2, perguntas de 31 a 45 e, assim, sucessivamente.

Através do conjunto de programas utilizados obtiveram-se histogramas para cada uma das perguntas do questionário, bem como tabelas de cruzamento entre as diversas respostas às questões, tomadas duas a duas. Tais histogramas foram obtidos através da sub-rotina FREQP, que efetua o cálculo da máxima frequência de cada uma das respostas codificadas, normalizando-as em relação ao 100% sendo os resultados traçados, na forma de histogramas, pela sub-rotina PLOT1. As sub-rotinas MHIST e MHIST1 prepararam e imprimiram tabelas de cruzamentos onde podem ser verificadas as ocorrências das respostas cruzadas. Tais resultados não são dados em termos de porcentagem. Na última co

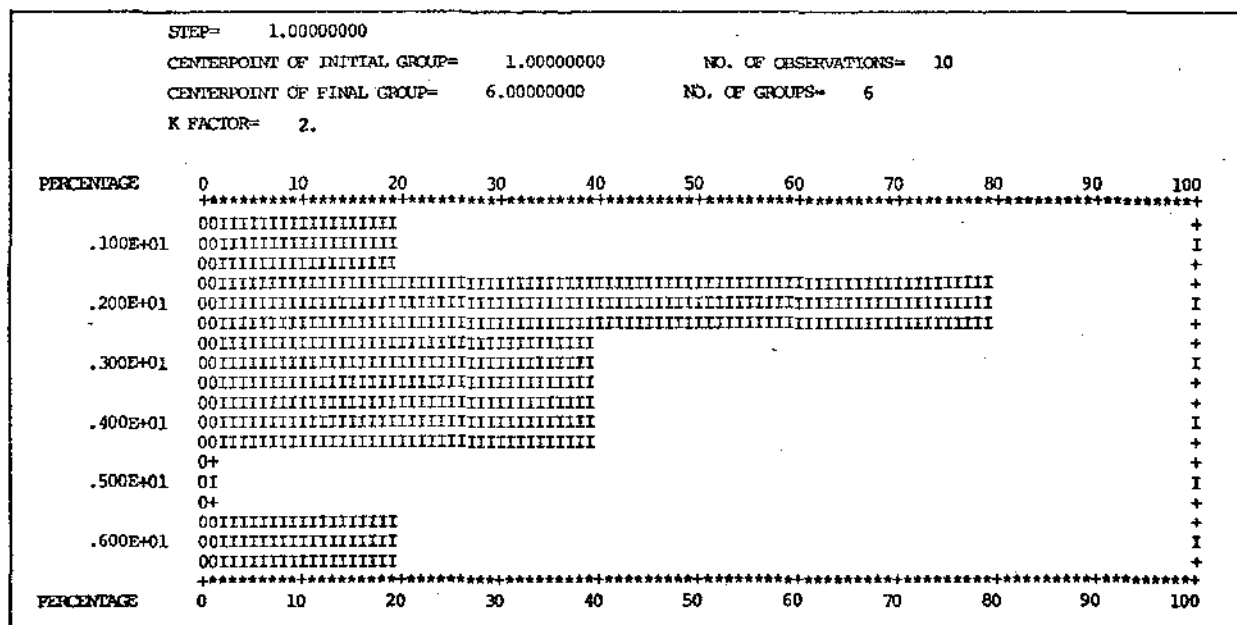
luna e última linha da tabela aparecem os totais para cada resposta, bem como o total de informantes consultados.

6.4.2 - O output dos resultados

Conforme mencionado, os resultados provenientes dos programas são de dois tipos:

6.4.2.1 - Histogramas

Exemplificando apresentamos resultados para um conjunto de dados qualquer.



HISTOGRAMA (0) - Resultados para um conjunto qualquer de dados.

Os dados à esquerda do cabeçalho dizem respeito à impressão do histograma em questão. Tais condições são estabelecidas no interior do programa através de testes

dos dados a serem processados. À direita é dado o número de observações (equivale dizer: número de informantes), e o número de grupos (equivalente ao número de respostas possíveis para cada pergunta (alternativas)).

Quando o fator K assume valor 1, a porcentagem pode ser lida, diretamente, na escala de porcentagens. Para fator K diferente de 1, deve-se tomar os valores das porcentagens na tabela, e dividi-los pelo fator para que se obtenha a porcentagem real. A função do fator K é criar histogramas de fácil visualização.

Os números que aparecem à esquerda dos histogramas, correspondem às alternativas das questões previamente categorizadas e codificadas.

Como já dissemos anteriormente, os valores das porcentagens são lidos diretamente nos histogramas. Estes apresentam uma divisão de 1% em 1%, daí podermos estimar um desvio da ordem de, mais ou menos, 1% para cada porcentagem. Isto implica que a soma das porcentagens de todas as alternativas de uma dada pergunta, está geralmente compreendida entre 99% e 101%.

6.4.2.2 - Tabelas de cruzamento

As tabelas de cruzamento trazem, no cabeçalho, o número das questões que estão sendo relacionadas. A leitura: variável 1 com variável 2, aponta para o rela

cionamento da questão 1 com a questão 2. No final (último nº) das linhas e colunas, podem ser lidos os respectivos totais. Exemplo para as variáveis (questões) 1 e 5.

VARIÁVEIS CONSIDERADAS		1	5				
		18.23	24.29	30.35	36.40	41.45	
		0.50	1.50	2.50	3.50	4.50	5.50
		TOTALS					
Pe/CAP.	0.50	*****					
		* 2*	8*	7*	3*	4*	24
Ba/CAP.	1.50	*****					
		* 1*	9*	0*	0*	1*	11
Pe/INT.	2.50	*****					
		* 4*	7*	11*	2*	7*	31
Ba/INT.	3.50	*****					
		* 7*	18*	9*	8*	8*	50
	4.50	*****					
TOTALS	*	14*	42*	27*	13*	20*	116

TABELA 4 - Relacionamento da variável (questão) 1 com a variável (questão) 5.

Considerações

Pelo fato de termos um número aproximado de 12.000 tabelas de cruzamentos e cerca de 1.700 histogramas, optamos por sumarizar os resultados na forma de Tabelas de Resultados obtidos com relação às frequências das respostas, sendo que resultados relevantes das tabelas de cruzamento, quando necessário, serão simplesmente discutidos no interior do texto do capítulo pertinente.

6.5 - O "Conjunto ANAPO"

Um conjunto de dados rotulado "ANAPO", com informações colhidas da Ficha de Histórico Pessoal de cada informante, foi utilizado para realizarmos, quanto a características superficiais, a análise da população estudada for_necendo-se, dessa forma, uma tipologia dos informantes n_ivel (A) e nível (B).

A tabela seguinte (pág. 79) refere-se à co_dificação para tais dados.

Os últimos conjuntos de dados a serem pro_cessados foram "PEHI" e "BAHI", que continham respostas às cinco perguntas adicionais feitas aos informantes pernambucanos e baianos de nível (A), já comentadas no Capítulo 5, à página 66.

DADOS: Ficha de Histórico Pessoal	CODIFICAÇÃO
<u>Procedência</u> <u>Proveniência</u>	1) Pernambuco/Capital 2) Bahia/Capital 3) Pernambuco/Interior 4) Bahia/Interior
<u>Nível Social</u>	1) Nível (A) 2) Nível (B)
<u>Permanência</u>	1) Recém-chegados 2) Tempo maior que dois anos
<u>Estado Civil</u>	1) Solteiro 2) Casado 3) Outros
<u>Faixa-etária</u>	1) 18 - 23 2) 24 - 29 3) 30 - 35 4) 36 - 40 5) 41 - 45
<u>Naturalidade dos Pais</u>	1) Pai/Mãe (Mesmo Est. do Inf.) 2) Pai/Mãe (Est. Diferente Inf.) 3) Um do mesmo Est. do Inf., outro não 4) Outros Est. diferentes do Ne 5) Inf. não sabe nat. dos pais
<u>Escolaridade</u>	1) Analfabeto 2) Primário Completo 3) Primário Incompleto 4) Ginásio Completo 5) Ginásio Incompleto 6) Superior Completo 7) Superior Incompleto

TABELA 5 - Codificação dos dados para
a análise da população.

N O T A S

- (1) Para que os dados fossem processados via-computador foi necessário desdobrarmos o "questionário-entrevista", resultando então no "questionário desdobrado" (A pêndice 4), com um número maior de questões.

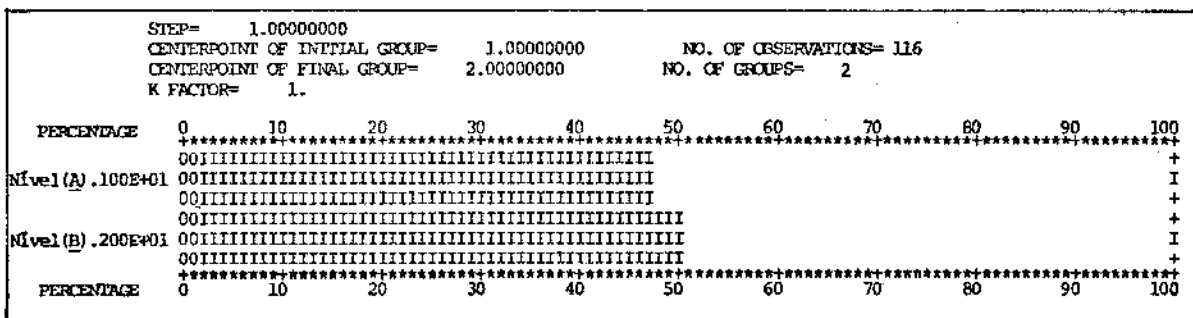
- (2) O processamento de 15 perguntas por vez deveu-se ao fato de, para um número superior a este, ser necessária uma área de trabalho maior que a disponível na oportunidade do processamento.

7.0 - RESULTADOS OBTIDOS I

7.1 - Apresentação distributiva da população

As informações por nós obtidas através das Fichas de Histórico Pessoal da população, forneceram dados que nos permitem uma apresentação prévia da mesma. Propo-
mo-nos a uma simples distribuição no que diz respeito ao ní-
vel social, tempo de permanência em São Paulo, estado civil,
faixa-etária, naturalidade dos pais e instrução dos infor-
mantes, para que depois possamos fornecer dados quanto às
características tipológicas das duas frações que conformam
os níveis (A) e (B).

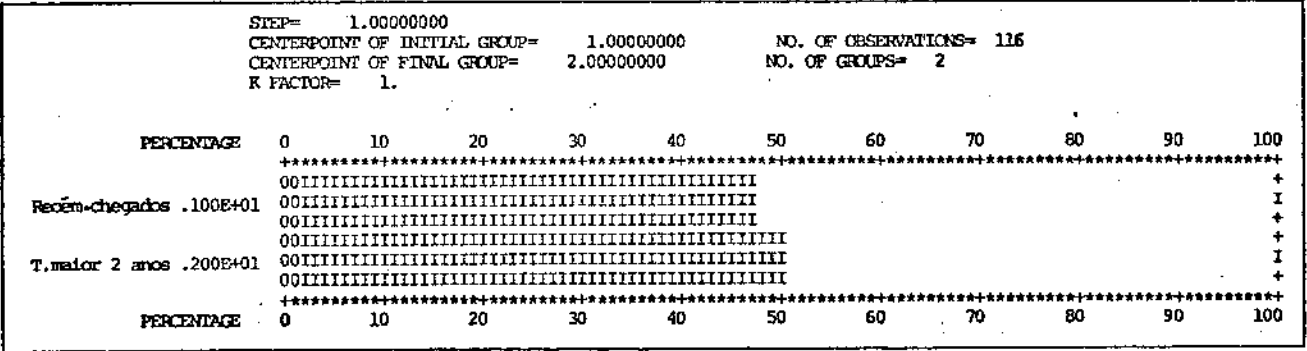
A análise geral da distribuição da popula-
ção apresentada no histograma (I) revela, quanto ao nível
sócio-econômico-cultural que, dos 116 informantes entrevis-
tados, 48% pertencem ao nível (A) e 51% ao nível (B).



HISTOGRAMA I - Distribuição da população
quanto ao nível social.

No que se refere à procedência e proveniência, pôde-se contar com 21% dos sujeitos provenientes de Pernambuco-Capital e 9% provenientes de Bahia-Capital. Estes dados talvez indiquem, para nossa amostra, que uma porcentagem maior de recifenses que de soteropolitanos procura São Paulo. Com relação ao interior, a amostra apresentou 43% contra 27% de informantes respectivamente da Bahia e Pernambuco. Tais índices percentuais podem ser reveladores de contingências que impelem mais baianos do interior, que pernambucanos, a procurar São Paulo.

A análise do histograma II mostra uma distribuição bastante equilibrada com relação ao tempo de estada dos informantes em São Paulo, equilíbrio este esperado, dadas as restrições iniciais deste trabalho.



HISTOGRAMA II - A população e sua distribuição quanto ao tempo de estada dos informantes em São Paulo.

Feito o levantamento do estado civil dos entrevistados (histograma III), pode ser observada uma maior concentração porcentual de casados, em relação a solteiros, sen

Feita a distribuição da população como um todo, passamos à análise da mesma, recorrendo a dados que nos permitem descrevê-la diferenciada, ou seja: para cada nível social ((A) e (B)) enfocaremos aspectos como: estado civil, faixa-etária, escolaridade, etc.

7.2 - Tipologia dos informantes de nível (A)

A maioria dos informantes de nível (A) declarou-se oriunda de famílias com situação econômica considerada boa em seus Estados de origem. Uns deslocaram-se para São Paulo em companhia dos pais, outros vieram, já adultos, visando a completar a formação intelectual, a empregá-se com colocação já garantida, etc.

Aqueles que informaram ser de procedência humilde, de algum modo, podem ser considerados privilegiados pois tiveram acesso ao ensino superior e, graças a isso e ao seu desempenho, criaram condições propícias a uma ascensão dentro da estratificação social.

Foram entrevistados 46,4% de indivíduos recém-chegados e 53,6% com tempo de residência em São Paulo maior que dois anos.

Quanto ao grau de instrução, pode ser observada uma pequena variabilidade, com a qual já contávamos, dadas as restrições feitas quanto à seleção dos informantes para essa fração da população. Enquanto 85,7% informaram ter

o superior completo, portanto a grande maioria, apenas 14,3% freqüentam a universidade nas diferentes áreas do conhecimento, sendo que só foram entrevistados, conforme já tivemos oportunidade de frisar, universitários a partir do 29 ano, considerando que as possibilidades de estabilidade quanto aos objetivos profissionais futuros já estão mais evidenciadas.

Observou-se quanto à formação profissional, um predomínio da área de ciências exatas sobre ciências humanas. Isto talvez se deva ao fato de que, no Sudeste, algumas especialidades apresentam melhores possibilidades em termos de recursos humanos e/ou instrumentais. Daí a maior procura. Condiere-se, ainda, a ênfase dada pelos órgãos governamentais às carreiras tecnológicas.

Os informantes solteiros representam 26,8% da amostra (A), muitos deles completando a formação superior em São Paulo quer em nível de graduação ou pós-graduação; em estágios profissionais, colocados em grandes empresas ou trabalhando por conta própria. A alta porcentagem de informantes casados, 71,4%, talvez seja reveladora de que indivíduos, embora com família constituída em seus estados de origem, deslocam-se com a mesma facilidade para São Paulo, pois a condição privilegiada em que se encontravam (e se encontram) elimina os possíveis temores de serem mal sucedidos. Enquadrados em "outros", o valor 1,8% encontrado pode ser considerado pouco representativo.

No que concerne aos grupos de idade, a amostra para esse nível social está assim distribuída:

Faixa etária	%
18-23	3,6%
24-29	46,4%
30-35	17,9%
36-40	10,7%
41-45	21,4%

TABELA 8 - Distribuição etária.- Nível (A).

Na faixa de maior incidência (24-29 anos) está a maioria dos informantes que, tendo concluído estudos superiores em sua região, dirigiram-se para São Paulo visando a uma especialização em sua área de escolha, a um emprego de remuneração condigna, etc., somados a uma porcentagem menor que, abarcando também as faixas sucessivas, vieram pelas mesmas razões, além daqueles (nessas mesmas faixas) que declararam ter vindo em decorrência de situações políticas enfrentadas. Os demais declararam motivos que a análise posterior de questões propostas no questionário-entrevista específica.

7.3 - Tipologia dos informantes de nível (B)

Na amostra analisada, os informantes nível (B) são provenientes de populações de baixa renda. Homens

que atingiram a idade adulta sem uma ocupação qualificada que lhes dê condições de desempenhar um papel que a sociedade, mormente a urbana, prestigie. Em grande maioria buscam São Paulo por se acharem em face a uma escassez de empregos, meios de manutenção e participação da vida em redor de si.

Muitos deles informaram ter migrado do campo para a cidade, em seus Estados de origem, nada conseguindo, daí procurarem São Paulo (confirmando a tendência do fluxo migratório já apontada) em busca da "recompensa" de empregos em fábricas, por eles considerados de ótima remuneração.

Grande parte conseguiu subsistir até então graças a trabalhos eventuais, ou à custa de trabalharem horas extremamente longas, por bagatelas, em subempregos.

Perfazendo um total de 50% de indivíduos recém-chegados a São Paulo e 50% residentes em SP. por período superior a dois anos revelam, quanto ao grau de instrução uma distribuição irregular, abarcando informantes desde analfabetos até com segundo grau (1ª série) incompleto (estes, em número reduzido, para efeito de cálculo porcentual foram colocados juntamente com os que informaram ter ginásio completo (atual 5ª a 8ª série do primeiro grau).

Foram constatados para esse nível os seguintes índices de escolarização:

ÍNDICES DE ESCOLARIZAÇÃO	% (1)
Analfabetos	23,3
Primário Incompleto	36,7
Primário Completo	25,0
Ginásio Incompleto	10,0
Ginásio Completo	5,0

TABELA 9 - Índices de escolarização. - Nordestinos de Nível (B)

Conforme pode ser observado a amostra (B) revelou uma porcentagem de alfabetizados correspondente a 40%⁽²⁾. Isto reflete uma considerável procedência de indivíduos provenientes do meio urbano em seus Estados de origem, daí o acesso mais fácil à escolarização. Observou-se, ainda, que dentre os entrevistados provenientes da zona rural, alguns que informaram ter primário completo mal sabiam ler. Os que declararam ter primário incompleto na verdade freqüentaram por pouco tempo a escola, casos até de períodos inferiores a 1 ano. Correspondendo a 36,7% da amostra para o nível (B) poderiam, talvez, ser somados aos 23,3% de analfabetos perfazendo, assim, um total de 60,0%. Tal sugestão parece pertinente, uma vez que consideramos válido o que foi afirmado em artigo publicado em revista brasileira (1969), especializada em assuntos pedagógicos: "uma escolarização menor que 4 anos, como a UNESCO tem salientado, é um esforço praticamente perdido em termos de aproveitamen

to. As diferenças existentes entre o analfabeto e o desertor escolar que teve menos de 4 anos de instrução formal são menores que as verificadas entre este último e o que atinge ou ultrapassa aquele índice mínimo de escolaridade rentável".

Considerou-se pouco relevante o fato de 5,0% da amostra para esse nível apresentar-se com ginásio completo. Todavia deve ser observado que, mesmo com tal grau de escolarização, tais indivíduos, talvez em decorrência da baixa qualidade do ensino, aliada a outros fatores conjunturais, têm tão poucas oportunidades quanto os que não têm escolarização nenhuma. A porcentagem, então, passa a ser significativa quando olhada por esse prisma. Em São Paulo a tendência de a situação se agravar é mais forte, dado o mercado competitivo ser maior.

Quanto ao estado civil foi encontrada a seguinte distribuição:

ESTADO CIVIL	%
Solteiros	60,0
Casados	35,0
Outros	5,0

TABELA 10 - Dados quanto ao estado civil.- Nordestinos de Nível (B)

Pela observação dos dados retroapresentados constata-se que a maioria dos informantes não mantinha, por ocasião da pesquisa, vínculos conjugais. Isto corresponde

a "solteiros" e "outros" que perfazem um total de 65,0%. Em p^éssimas condi^ções em seus Estados de origem, sozinhos po^{de}m aventurar-se sem maiores conseq^uências para terceiros (no caso, mulher e filhos).

No tocante à situação profissional no local de proced^ência, considerando-se novamente s^ó terem sido en^trevistados sujeitos do sexo masculino, foram obtidos os se^guintes resultados:

SETORES	%
Lavoura	45,0
Ind ^ú stria e Com ^é rcio	23,6
Ind ^ú stria e Constru ^ç ão Civil	21,4
Prestação de Servi ^ç os	5,0
Outros	5,0

TABELA 11 - Situação ocupacional e profissional nos Estados de origem.- Nível (B).

Observa-se que o índice porcentual corres^{pon}dente à lavoura, no qual inclu^ímos as ocupa^ções correla^{tas} na zona rural, é bastante significativo quando se con^{si}dera que os indiv^íduos a ele pertencentes vieram para São Paulo em busca de melhores condi^ções de vida. Ao que tudo indica devem ter abandonado as atividades rurais quando es^{tas} se tornaram escassas ou, então, passaram a ser exerci^{das} somente por ocasião das colheitas.

Em alguns casos, o emprego de maquinaria moderna e conseqüentemente de alto custo, tem contribuído para que se coloque de lado esse abundante suprimento de mão-de-obra barata.

Isso tudo parece denotar pouco preparo dos entrevistados em termos de São Paulo; daí só conseguirem na maioria dos casos, ocupações que não requerem qualificação, tornando-se, não raras vezes, reservas de mão-de-obra que são ocupadas pela indústria temporariamente por ocasião das grandes demandas de serviço, após o que, se foram contratados serão despedidos ou, em caso contrário, simplesmente dispensados.

Entretanto, não obstante às observações feitas quanto aos informantes nível (B) e a Indústria de Construção Civil, os mesmos têm-se mostrado (não só em São Paulo como também em Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, etc.) como mão-de-obra que, embora enfrente dificuldades iniciais, consegue superá-las, ajustando-se às necessidades e exigências do trabalho tornando-se, após algum tempo, profissionais em condições de se organizar corporativamente, engajando-se em movimentos por melhores salários.⁽³⁾

A distribuição dos informantes, considerando-se a faixa etária, revela que a maioria dos que foram contactados situa-se entre 18 e 35 anos, representando 75,0% da amostra, conforme pode ser verificado na tabela 12 pela soma das porcentagens das faixas compreendidas nesse intervalo.

FAIXA-ETÁRIA	%
18 - 23	20,0
24 - 29	26,7
30 - 35	28,3
36 - 40	11,7
41 - 45	13,3

TABELA 12 - Distribuição etária.- Nível (B).

É uma faixa considerada produtiva em termos de trabalho. Tais indivíduos, deixando seus Estados de origem, privam-nos de sua força de trabalho que poderá, ou não, ser aproveitada em São Paulo. Essa mesma tendência foi verificada nos estudos realizados pela CETREN, citados anteriormente, com relação não só aos nordestinos mas ao fluxo migratório geral dos demais Estados da federação para São Paulo.

7.4 - Conclusões preliminares e gerais

Convém frisar que a tipologia dos informantes (A) e (B) não se pretendeu exaustiva quanto à construção de tipos. Os dados levantados neste aspecto não se prestariam para tal. Contudo, uma classificação dos caracteres diferenciais de um e outro conjunto, embora com aspectos mais quantitativos que qualitativos, auxilia na medida em

que, grosso modo, aponta para traços que diferenciam as duas frações da população. Levantamentos posteriores das respostas às questões propostas no questionário-entrevista, e análise das mesmas, reforçarão a caracterização de cada grupo.

O exame dos dados apresentados em 7.2 e 7.3 permitiu-nos chegar a algumas conclusões preliminares. Assim, a população apresenta-se estratificada com grande variabilidade manifesta entre as duas frações (A) e (B) e pequena variabilidade no interior das mesmas:

I - Quanto ao nível de instrução. Enquanto 85,7% de (A), conforme demonstrado, tem curso superior completo, 60,0% de (B) representa informantes sem o curso primário, porque não o completaram ou porque não tiveram acesso a ele.

II - Os indivíduos casados, para (A), contribuem com o índice percentual 71,0%; em contraposição a maior porcentagem encontrada em (B) é de informantes solteiros: 60,0%.

III - As faixas etárias de 24-29/30-35 anos representam a maior concentração percentual dos informantes nível (A): 64,3%. Por outro lado, as faixas de maior incidência para (B) estão compreendidas entre 18-35 anos, correspondendo a 75,0% dos indivíduos amostrados nesse nível.

IV - No que diz respeito à distribuição de atividades ocupacionais em seus respectivos Estados de origem, os informantes de nível (A) contrapõem-se polarmente

aos de nível (B). Enquanto os primeiros exerciam profissões liberais como as de advogados, engenheiros, médicos, dentistas, etc., ou cargos na empresa pública ou privada condizentes com seu grau de instrução, citando-se ainda professores universitários, políticos, etc., os segundos exerciam ocupações não qualificadas: trabalhadores braçais na zona rural ou urbana em ocupações que não exigem experiência profissional e mesmo a mínima instrução, ou ainda em ocupações de nível inferior de qualificação exigindo um grau mínimo de instrução (curso primário), ou algum treinamento mas, de algum modo, hierarquicamente superiores às ocupações não-qualificadas.

N O T A S

- (1) Os valores das porcentagens foram calculados usando-se as regras comuns de aproximação (arredondamento).
- (2) Tal valor foi obtido pela soma das porcentagens correspondentes a primário completo, ginásio completo e ginásio incompleto.
- (3) É interessante observar que, pelo fato de ser São Paulo a sede das maiores indústrias de construção civil do País, muitas delas, aproveitando o fluxo migratório de nordestinos, recruta-os, diversas vezes, para trabalhar em lugares distantes da Capital ou em outros Estados. Como exemplo podem ser citados os casos de Ilha Solteir

ra e Itaipu e, mesmo, outros países, visto que algumas dessas construtoras, graças ao seu gabarito técnico, são contratadas para a realização de grandes obras no exterior. Consideram elas que a utilização de mão-de-obra nacional é de menor custo, apesar de a mesma ter que passar por um processo de "aclimatação" onde se procura criar para os trabalhadores uma réplica do que terão lá fora em termos de alimentação, clima, etc.

Recebeu ampla divulgação da imprensa escrita e falada o recrutamento de trabalhadores feito pela Mendes Jr. para a construção de uma rodovia, e pelas empresas consorciadas Esusa-Mathias, para a construção de hotéis, obras em realização no Iraque.

8.0 - RESULTADOS OBTIDOS II

As quatro variáveis com as quais trabalhamos no decurso da investigação nos permitiram elaborar, objetivando a análise dos dados, 8 tabelas.

No entanto mostrou-se necessário privilegiar uma das 4 variáveis para termos um ponto de apoio para a discussão.

A variável de nível social é a nosso ver sobremodo significativa para evidenciar a diferença entre as atitudes manifestadas pelo nível sócio-econômico-cultural alto, e as atitudes manifestadas pelo nível sócio-econômico-cultural baixo. A variável permanência igualmente distribuiria os dados segundo as atitudes manifestadas pelos dois grupos amostrados: 1) os recém-chegados e 2) os residentes no Estado por período igual ou superior a dois anos.

A variável proveniência evidenciaria as diferentes atitudes dos informantes provenientes do interior de seus Estados de origem, em relação às atitudes dos informantes provenientes das capitais. Procedência revelaria as atitudes de baianos e pernambucanos separadamente (em duas tabelas).

O contato direto e constante com o material de pesquisa durante as diferentes fases da investigação: gravação das entrevistas; diversas audições das fitas gravadas; transcrição dos dados; codificação dos mesmos; elaboração

para processamento, etc., permite-nos levantar a hipótese de que, com grande probabilidade chegaremos a resultados indicativos de tendências bastante próximas, nas atitudes manifestadas por pernambucanos e baianos.

Considerando o que acabamos de expor e dada a hierarquia apresentada quanto às variáveis, decidimo-nos pela variável "procedência", para organizarmos as tabelas e podermos trabalhar com os dados de apenas um dos Estados.

Mesmo tendo sido feita essa opção, organizamos uma tabela com todos os dados da Bahia e outra com todos os dados de Pernambuco. O confronto, embora não em profundidade, entre as duas tabelas antes de iniciarmos a discussão, de algum modo justifica a suposição feita aqui, quanto às tendências bastante próximas nas atitudes manifestadas por baianos e pernambucanos.

A escolha da tabela a ser discutida foi portanto aleatória: tanto poderia ter sido discutida uma quanto a outra. Um trabalho futuro onde se analisem os 50% dos dados restantes poderá ter seus resultados confrontados com o trabalho ora realizado.

Trabalharemos com a tabela de pernambucanos que é apresentada com todos os dados no Apêndice 5, e percorre, contra nosso gosto, umas tantas páginas que dado o número de questões (101) e respectivas alternativas (número igual ou superior a 2 para cada pergunta) tornam a leitura árida. Contudo, esse é o melhor meio para que os dados sejam

visualizados.

Sabemos ser difícil (dada a quantidade de elementos) proceder a uma análise comparativa tão rigorosa quanto desejaríamos, das informações colhidas junto aos dois níveis sociais, distribuídos nos diferentes grupos. Assim, para evitarmos atribuir pesos indevidos a determinados aspectos e, dado o número de possibilidades, decidimo-nos por uma abordagem prévia dos dados onde, através de um tratamento descritivo faremos simultaneamente a apresentação e discussão do material levantado.

As informações colhidas são apresentadas na tabela em forma de porcentagens através das quais, quer por distanciamento, quer por aproximação, correlacionaremos, sempre que possível e necessário, os 8 diferentes grupos de pernambucanos em relação às atitudes manifestadas. Entretanto nos ateremos aos dados percentuais de maior frequência, pois assim nos serão dados a conhecer quais os fatores predominantes entre as alternativas das questões propostas pelo instrumento de caracterização.

Isto não significa que deixemos de considerar como representativas, todas as alternativas de cada pergunta (quer as pré-categorizadas, quer as categorizadas posteriormente). Todas elas têm sua função nos resultados gerais não implicando, no entanto que, para o objetivo presente tenhamos que trabalhá-las. Em abordagens futuras do material poder-se-ã partir mesmo para a análise das frequências mais

baixas em cada questão, sendo os dados enfocados sob outra ótica.

As referências às questões serão feitas sem pre levando-se em consideração a seqüência numérica do "questionário-desdobrado", Apêndice 4 . Sempre que necessário, para melhor compreensão de determinadas citações de trechos de declarações dos informantes, abriremos colchetes no trecho citado, acrescentando uma ou outra palavra por nós jugada pertinente.

As questões que no questionário-entrevista aplicado aos informantes (conforme nos referimos em outro ponto deste trabalho), foram elaboradas obedecendo uma ordem tal que não desse aos entrevistados margem a que percebessem os reais objetivos da pesquisa, para que não tivéssemos respostas condicionadas, agora para efeito de análise serão discutidas segundo uma seqüência que se presta mais ao tratamento do tema.

8.1 - ATITUDES LINGÜÍSTICAS EM AUSÊNCIA DE ESTÍMULOS DE FALA GRAVADOS

A observação dos dados obtidos na Tabela 14 (Apêndice 5) quanto à questão 1 (O que você pensava de São Paulo antes de vir para cá? Antes de conhecer São Paulo?), entre os diferentes grupos amostrados (PCAR, PIAR, PCA2, PIA2, PCBR, PIBR, PCB2, PIB2) revela uma concentração porcentual bastante acentuada no que diz respeito a "atitudes positivas realistas em relação a São Paulo", para o nível (A) enquanto, no que se refere ao nível (B), verifica-se uma distribuição relativamente equilibrada entre a referida alternativa e "atitudes positivas fantasiosas em relação a São Paulo".

As atitudes manifestas pelos dois níveis, já em princípio apontam para diferenças de informação que podem estar relacionadas à falta de oportunidade de uns, baixo grau de escolarização e outros tantos fatores que impossibilitam aos indivíduos uma visão mais abrangente do mundo que os cerca. Dada a distribuição para os dois níveis, o tempo de estada em São Paulo não parece ter interferido significativamente nas atitudes exteriorizadas, o mesmo podendo ser dito quanto à proveniência.

Entre os pernambucanos de nível (A) submetidos ao questionário-entrevista foi encontrado um número reduzido de indivíduos sem informações claras sobre São Paulo. Assim, as respostas sempre tenderam a focar dados concre

tos de forma bastante analítica como reflete a dada pelo recifense JASL-69 (A)⁽¹⁾ que, manifestando atitudes positivas realistas "pensava que São Paulo era uma cidade altamente desenvolvida. Uma cidade onde o Capitalismo tinha alcançado um estágio já muito avançado (...). Uma cidade que concentrava problemas de caráter social bastante agudizados e que, de certa forma, através de São Paulo, a gente podia ver um pouco o que era o Brasil (...). Quer dizer, ela pelo fato de concentrar as contradições do Capitalismo em grau muito agudo, ela massacrava muito a gente mas oferecia, também, possibilidades da gente tomar consciência das contradições do Capitalismo num nível bastante alto de consciência (...)".

Já LMS-31 (B), do Município de Betânia, através de atitude positiva, mas altamente fantasiosa, em relação a São Paulo, como tantos outros pertencentes ao mesmo nível social, declarou que "(...) pensava que aqui era pequeno mas que tinha bastante emprego. Falavam prá mim. Falava que era bom, que ganhava bastante dinheiro. Pegava um papel aqui e pnhava ali, já ganhava dez cruzeiros, vinte, cinqüenta. Falava que chegava aqui, muita gente ia dar a mão; que os paulista ajudava, que tratava de ajudar os pernambucanos, alagoano , baiano (...)".

Expondo as razões de terem deixado seu Estado de origem dirigindo-se para São Paulo, os pernambucanos (B) concentraram suas respostas nas alternativas: "em busca de trabalho", e "em busca de trabalho e vida melhor". (Questa

tão 9, alternativas b e c.)

Proveniência e tempo de estada em São Paulo, como pode ser observado, ainda desta vez não se mostraram significativos para diferenciações neste nível. Isto talvez possa ser tomado como índice de que os vários setores da economia pernambucana, não estavam e não estão em condições de manter os indivíduos em seu próprio Estado, quer na capital, quer no interior.

As respostas de (A) para a mesma questão encontram-se distribuídas entre as alternativas "em busca de trabalho"; "em busca de trabalho e vida melhor"; "para estudar" e "outras respostas", nos grupos PCA2 e PIA2, sendo observável uma incidência porcentual considerável sobre a alternativa "para estudar" entre os grupos PCAR e PIAR (recém-chegados, portanto).

Os que foram englobados em "outras respostas" apontaram motivos políticos para terem deixado seu Estado. Procurar São Paulo não foi, portanto, uma opção que fizeram mas, sim, uma imposição colocada pela própria situação em que se viram envolvidos. É certo que tais casos são minoria em relação à amostra total. Isto não nos impede de conjeturar que uma análise que compare as atitudes manifestadas pe los informantes que vivem em São Paulo - porque foram "forçados" a tanto - com as atitudes daqueles que, no mesmo nível social, estão aqui por livre opção, revele aspectos interessantes.

Para que se tenha uma melhor noção dos fatos registramos o depoimento de EGCP-79 (A) que declarou: "(...) evidente que eu não estava pensando em deixar Pernambuco. Naturalmente eu iria manter um contato mais estreito aqui com o sul. Não tivesse ocorrido 64, possivelmente a gente teria mantido o governo na mão. A tendência era consolidar a situação, vencer no Recife, vencer no Estado, com Pelópidas e com Arrais (...). Mas eu não tinha, assim ..., em mente, vir morar no Sul. A minha vinda foi forçada".

Como informamos anteriormente, algumas questões foram elaboradas para que verificássemos a consistência de dadas respostas. Assim as questões 11, 12 e 13 confirmam os dados colhidos através da questão 9, quanto aos motivos pelos quais pernambucanos buscaram São Paulo, como pode ser observado pelas ocorrências porcentuais que nem sempre são correspondentes, dada a distribuição diferente em que algumas alternativas são apresentadas.

Os dados revelados pelas questões 15, 16, 17 e 18 evidenciam que, independentemente do fato de pertencerem a um ou outro grupo, os indivíduos de nível (B) acreditavam que em São Paulo seriam "mais felizes, teriam uma vida mais folgada, conseguiriam melhores colocações", e, por conta disso "ganhariam bastante dinheiro" tendo então "chances de estudar e de se divertir bastante".

A nosso ver é significativo para esse nível o fato de os indivíduos acreditarem encontrar em São Paulo

"melhores escolas prá seus filhos" (alternativa a, questão 18). Mais relevante tal fato se apresenta quando se observa que mesmo os entrevistados solteiros já cogitavam de poder dar aos filhos oportunidade de estudar. (Alternativa c, questão 18) Isto talvez aponte para a consciência que os indivíduos têm de que a pouca ou nenhuma instrução que tiveram, de alguma forma é responsável pela situação em que se encontram e por isso pensam em poder dar aos filhos, em São Paulo, condições para sair do impasse.

Ao que transparece das informações colhidas, contrariamente aos indivíduos de nível (B), os de nível (A) mesmo tendo-se determinado vir para São Paulo, não acreditavam que poderiam ser mais felizes ou, mesmo ter uma vida mais tranqüila, dada a concentração porcentual que pode ser observada sobre a alternativa d da pergunta 15, com intensidades equilibradas entre os grupos.

Pertencentes a um mesmo estrato social, e gozando de igual acesso à informação, têm uma visão que não lhes permite maiores ilusões acerca da organização social de São Paulo, que faz com que as pessoas lutem em terreno altamente competitivo.

Contudo, da mesma forma que no nível social oposto, os informantes revelaram acreditar (informações confirmadas pelas porcentagens das alternativas b e c da questão 17) que em São Paulo teriam melhores "chances de estudar" (ou prosseguir estudando), e ainda que poderiam "se di

vertir bastante". Uma parcela significativa da amostra (A) declarou não ter pensado que em São Paulo conseguiria melhores empregos e como decorrência ganharia mais dinheiro (questão 16 a). Tal parcela em parte pode estar relacionada àqueles que buscaram São Paulo unicamente com o objetivo de estudar, vivendo para tanto às expensas da família, ou graças à bolsa de estudo conseguida. Em c, estão os que pensavam de modo contrário.

Embora a tipologia dos informantes de nível (A), apresentada em 7.2, tenha revelado uma predominância de sujeitos casados, a observação das ocorrências porcentuais da questão 18, incidindo sobre a alternativa b revela que os informantes tendo optado por residir (temporariamente ou não) em São Paulo, não cogitaram de que conseguiriam melhores escolas para os filhos, constatando-se através dos dados que, mesmo os provenientes do interior de Pernambuco, manifestaram-se quanto à questão, de forma bem equilibrada com relação aos da capital. Os elementos de que dispomos não nos permitem fazer inferências quanto ao porquê de tais ocorrências.

As manifestações dos amostrados em função de alguns valores sócio-culturais permitem-nos verificar, com certa clareza, alguns aspectos que contribuem para reforçar as diferenças por nós levantadas anteriormente entre os dois níveis. Para tanto os dados foram rastreados pela questão 23 do questionário-entrevista,⁽²⁾ subdividida em 14 itens aos quais fizemos corresponder letras para a facilidade de abordagem. Assim:

- | | |
|------------------------|--------------------------------|
| a. Ter amigos. | h. Ter um bom emprego. |
| b. Viajar bastante. | i. Comprar o que bem entende. |
| c. Estudar. | j. Crer em Deus. |
| d. Ser inteligente. | k. Não ter defeito físico. |
| e. Ter muito dinheiro. | l. Ter uma boa companheira. |
| f. Ter boas roupas. | m. Ter filhos saudáveis. |
| g. Ter uma casa grande | n. Comer em bons restaurantes. |

	FORTE	MÉDIA	FRACA
PCAR	aclm	bdeghijkn	f
PIAR	aclm	bhk	defgijn
PCA2	achlm	bdegik	fjn
PIA2	alm	bchij	defgkn
PCBR	bcdefghijklm	an	-
PIBR	cdhijklm	abefgin	-
PCB2	acdeghijklm	bfin	-
PIB2	acdfghijklm	ben	-

TABELA 13 - Distribuição segundo a intensidade dos itens apresentados na pergunta 23 do questionário-entrevista.

Os dados apresentados revelam para os grupos PCAR, PIAR, PCA2 e PIA2 uma distribuição bastante regular, quanto a intensidade forte, para os itens a, c, l, m que correspondem respectivamente a: "ter amigos", "estudar", "ter uma boa companheira" e "ter filhos saudáveis" considerados de real importância para a felicidade dos indivíduos, segun

do os amostrados, entre os 14 itens apresentados. Isto talvez indique que determinados valores materiais passam a ser secundários em se tratando do nível (A).

Quanto às intensidades médias, pode ser observado um comportamento semelhante entre os grupos provenientes da Capital (PCAR, PCA2), na medida em que a maioria dos itens é comum aos dois grupos e aponta para o fato de que "viajar bastante", "ser inteligente", "ter muito dinheiro", "ter uma casa grande", "comprar o que bem entende" e "acreditar em Deus" fazem parte dos valores de relativa importância quando está em jogo a felicidade das pessoas. Os grupos PIAR e PIA2 também apresentam algumas semelhanças de comportamento entre si, segundo a observação dos dados pode revelar.

As diferenças manifestadas entre os grupos capital/interior possivelmente estarão relacionadas a diferentes valores que a convivência em meios sociais distintos faz com que os indivíduos adquiram.

Observa-se no nível sócio-econômico-cultural alto (A) que - "ter boas roupas" - revela-se como pouco importante, na medida em que o item f se apresenta com intensidade fraca nos 4 diferentes grupos. Isto, talvez possa ser tomado como indício de que no nível (A) os indivíduos não valorizam tal aspecto, exatamente por não sofrerem estigmatização também nesse sentido.

"Comer em bons restaurantes" para o pernambucano (A) coloca-se, quanto à importância, com intensidade

fraca para 3 dos 4 grupos amostrados, sendo que para o grupo PCAR foi o único item, dentre os 14, que não se apresentou com tal intensidade.

Os grupos PCBR, PIBR, PCB2 e PIB2 apresentam comportamento bem mais semelhante que os identifica melhor enquanto pertencentes a um mesmo nível sócio-econômico-cultural (B), distanciando-os sobretudo dos grupos que constituem o nível (A).

Os 14 itens apresentam-se distribuídos nos intervalos compreendidos pelas intensidades forte e média, nada se manifestando com intensidade fraca. A distribuição coloca em relevo o papel que os valores levantados pela questão 23 assumem, quanto ao que os indivíduos nesse nível julgam "importante", ou "muito importante" para que alguém seja feliz (é óbvio que os informantes se incluíram quando se manifestaram).

Assim, revela-se "muito importante" (portanto com intensidade forte) para os amostrados dos 4 grupos (B), "estudar", "ser inteligente", "ter bom emprego" (item com predominância em intensidade média para (A)), "crer em Deus", "não ter defeito físico", "ter uma boa companheira" e "ter filhos saudáveis", sendo que o item g "ter uma casa grande" foi destacado com a mesma intensidade (forte) para 3 dos 4 grupos.

É interessante observar que, enquanto os amostrados (B) vêm na "crença em Deus" (j) uma condição para

a felicidade; os de nível (A), distribuídos igualmente pelas intensidades média e fraca, demonstram pouco apego a aspectos religiosos.

Se as atitudes de pernambucanos, antes de conhecer São Paulo, tenderam a se concentrar praticamente nas duas alternativas apontadas "atitudes positivas realistas" e "atitudes positivas fantasiosas", as reações manifestadas quando da chegada a São Paulo, reveladas pelas porcentagens das respostas à questão 35, apresentam uma distribuição menos uniforme que reflete, de diferentes formas, o impacto causado pelo "novo" nos informantes.

A tendência do nível (B) em apresentar, apesar de haver dispersão porcentual pelas demais alternativas, uma concentração em a ("reações psicológicas positivas e pensamentos positivos"), parece reafirmar nossa hipótese de que nesse nível, a "visão de fora", ou seja, desde seus estados de origem, está altamente comprometida com as possibilidades de ascensão que pensam ter; daí, talvez, a manifestação de tais reações quando da chegada a São Paulo, antes do contato mais íntimo com a nova realidade econômico-social.

A inversão verificada nas respostas à mesma questão, para o nível (A), com concentração considerável na alternativa d ("reações psicológicas negativas e pensamentos negativos") corrobora a maior conscientização dos informantes diante da organização social diferente. Tal nível de consciência, a nosso ver, faz com que, ao primeiro contato,

estabeleçam comparações onde as duas realidades - Nordeste - São Paulo - entram em choque.

As declarações dos informantes nesse nível aproximam-se bastante daquela dada por MZF-67 (A), que disse: "Meu primeiro contato [com São Paulo] foi desagradável. Uma loucura. Um turbilhão de muito mal gosto! O burburinho, a confusão, o barulho, o cinzento, a incomunicabilidade. Me senti oprimido, pensei em sair daqui o quanto antes".

O levantamento de alguns hábitos, interesses, sociabilidade, etc., dos dois níveis amostrados para pernambucanos em São Paulo também contribui para diferenciá-los. Assim, as porcentagens obtidas para a questão 3 sobre frequência a cinema e hábito de assistir TV, quando em seu Estado de origem, revelam que os informantes de nível sócio-cultural alto davam preferência a cinema, enquanto poucos tinham por hábito assistir à televisão, sendo que o fato de os indivíduos serem da capital ou do interior é pouco significativo.

Quando comparamos tais dados com os fornecidos pelo nível cultural baixo, verificamos que o hábito de assistir à televisão ganha relevo. Devemos considerar, neste caso, o problema do centralismo que surge através dos programas de TV que são gerados, em sua grande maioria, no Sul-Sudeste e que impõem aos habitantes das outras regiões brasileiras modificação de valores e mudanças de comportamento. Tal fato, entre outros, talvez possa ser responsável por cer

tas atitudes lingüísticas tomadas pelo nível (B). A frequência ao cinema é menor, devendo ser levado em consideração o baixo nível econômico dos informantes que os impede de ter acesso a certos divertimentos.

Porcentagens significativas são também encontradas daqueles que não freqüentavam cinema e nem, tampouco, tinham oportunidade de assistir a TV. Nesse aspecto, os grupos PIBR e PIB2 (alternativa d) sobressaem-se, o que já era esperado, por se tratar de indivíduos provenientes do interior, carentes em todos os aspectos.

Enquanto os pernambucanos (A) declararam que em seu Estado liam bastante, as informações sobre os pernambucanos (B) são de que liam consideravelmente menos, nada surpreendendo devido ao baixo nível cultural em que estão colocados. O acesso difícil à informação faz com que tenham uma visão fortemente condicionada da realidade.

Elementos de ambos os níveis declararam ter muitos amigos em seu Estado de origem sendo que, no nível (B), é encontrada uma concentração relativamente significativa, distribuída pelos diferentes grupos amostrados, dos que informaram ter poucos amigos e ler pouco, ou nada, dado o número de analfabetos da amostra. (Tais dados são abonados pelos índices percentuais da questão 4.)

Quando nos voltamos para o aspecto "alimentação" verificamos pelas concentrações das porcentagens nos itens a e b da questão 32, que os pernambucanos do nível so

cial menos favorecido, em sua maioria, em São Paulo, mantêm a mesma dieta de seu Estado de origem, quando não inferior.

Embora os índices numéricos levantados pela pergunta 6 revelem que tais elementos, no Nordeste, "comiam bastante carne" e "tomavam muito leite", alt. c, as quantidades podem ser colocadas em dúvida ou devem ser consideradas em termos relativos. Acredita-se, contudo, que não obstante as condições de vida precária, as facilidades quanto à alimentação no próprio Estado do informante (muitos tiravam sustento do cultivo da terra e da criação de um ou outro animal) eram maiores que em São Paulo.

Os pernambucanos amostrados para o nível (A), graças a maiores recursos de que dispõem, em São Paulo melho ram a qualidade alimentar na medida em que podem optar por alimentos mais ricos; daí declararem, em maioria porcentual significativa, obedecer a uma "dieta qualitativamente supe rior em São Paulo". (Questão 32, alternativa c.)

Observa-se que, em São Paulo, os nordestinos tendem a ser solidários quer seja nas diversões, quer seja no trabalho, nas amizades, enfim nos mais diferentes aspectos do dia-a-dia. A pesquisa só fez constatar tal fato. Le vantando locais de maior freqüência para os informantes per nambucanos (B), obteve-se como dado significativo "lugares pú blicos com grande incidência de nordestinos". Os índices por centuais mais altos são revelados pelos grupos que residem em São Paulo por tempo superior a 2 anos (PCB2, PIB2), sendo

que os dois grupos de recém-chegados também apresentam concentração significativa para a referida alternativa (a, questão 19), quando se considera o pouco tempo em que estão em São Paulo.

Têm por amigos pessoas empregadas em profissões de mesmo status que a sua, sendo a maioria do Nordeste, conforme revela a alta incidência de respostas na alternativa b da questão 29. Divertem-se, indo ao futebol e frequentando lugares públicos onde encontrarão conterrâneos. (Pergunta 26, alternativas d e h).

Em São Paulo-Capital, fazem da Estação do Brás seu ponto de encontro. "Calcula-se que o movimento diário de nordestinos naqueles quarteirões [que circundam a estação] é de cerca de três mil". (Jornal "O Migrante", nº 6, p. 16, 1978.) A Praça da Árvore é a Embaixada (Feira dos Baianos ou Embaixada da Bahia) onde, nas calçadas e bares, desde as 6 horas da manhã, todos os domingos, juntam-se aos demais nordestinos. "O encontro funciona como uma espontânea agência de correio, onde os que chegam trazem cartas e recados dos parentes e amigos para os que aqui estão". (Jornal "O Migrante", nº 7, p. 16, 1978.)

A exemplo do nível (B), os dados obtidos pelas respostas dos informantes (A) com relação às questões 19, 26 e 29 apresentam-se bastante coerentes. A concentração de respostas nas alternativas d e h (perg. 19) mostra que os indivíduos que conformam o referido nível, pertencentes aos

diferentes grupos amostrados, freqüentam lugares públicos fechados como cinema e teatro, sendo significativa a porcentagem daqueles que, além da freqüência a cinemas e teatros, freqüentam bares e casa de amigos (outros nordestinos, conforme revelou a maioria dos entrevistados.)

Bares e casa de amigos passam a ser para esse nível social locais onde encontram os conterrâneos. DXCL-71 (A) engenheiro eletricitista de Tacarati, interior de Pernambuco declarou "(...) a gente se procura, é um pouco assim como encostar as costas nas costas do outro".

Realmente se procuram. Relacionam-se no interior de seu próprio nível cultural e, a exemplo dos informantes nível (B), têm por amigos, em sua maioria, nordestinos que exercem profissões de prestígio social, conforme revela a incidência de respostas na alternativa b, relativa à questão 29 do questionário-desdobrado. O grupo PCA2, concordante com os demais grupos quanto à alternativa, destaca-se pela porcentagem máxima - cem por cento. Tal dado é por nós tomado como meramente aleatório.

Não obstante a referida solidariedade que une os nordestinos e faz com que em São Paulo vivam praticamente em "castas", os grupos PCBR, PIBR, PCB2 e PIB2 foram unânimes em manifestarem-se positivamente quanto ao modo de falar das pessoas de São Paulo, conforme os dados revelados pela questão 39, alternativa b. Tal tendência vem em confirmação à nossa hipótese inicial, e é tão mais significativa quando verificamos que independe de proveniência (capital/

interior) e de tempo de permanência em São Paulo. Um simples elencamento de depoimentos revela as atitudes que as porcentagens trazem em seu bojo.

Para JFS-54 (B) as pessoas de São Paulo falam de um "Jeito bom. Jeito normal". E ele diz gostar muito do "sotaque do povo paulista" que "é bonito e todo o pernambucano gosta, porque é uma fala gostosa. Dá prá se entender bem".

Dentro do mesmo tom prossegue LMS-31 (B) que informa: "falam diferente da minha terra, muito! Eu gostaria de aprender mas... Falam de um modo mais bonito do que lá na minha terra. Mais bonito... as palavras". E JAP-46 (B) completa dizendo achar "bastante educado, gentil, tudo". "Falam mais bonito e parece que é mais certo. Eu gosto do jeito de falar daqui". OFA-14 (B). E, AAS-45(B) acredita ser o modo como falam as pessoas em São Paulo "mais adiantado. (...) Falam mais bonito que em Pernambuco".

Revelou-se de forma semelhante quase a totalidade de pernambucanos nesse nível o que denota o alto prestígio que conferem à fala de São Paulo. Entretanto, alguns informantes demonstraram percepção lingüística mais acurada na manifestação de suas atitudes. Mesmo não conseguindo fundamentar melhor JAFF-7 (B) manifestou-se: "Falam misturado: português, italiano, espanhol, japones. É agradável, mas muito misturado devido à herança".

Não muito comum, mesmo entre os informantes

nível (A), foi a resposta dada por NCS-26 (B): "Em São Paulo é fogo você descobrir um paulista que fale, porque é uma mistura tremenda, né? Você prá encontrar um paulista que fale mesmo, o paulista autêntico, é difícil, né? Fala agradável. Você nem pode comparar [com Pernambuco] uma cidade como São Paulo. O sujeito mesmo não tendo tanto estudo, nascendo aqui e vivendo aqui ele fala bem".

É a imagem da grandeza de São Paulo transposta à fala de seus habitantes.

Os informantes de nível (A) tenderam a ser analíticos quanto à mesma questão e concentraram suas respostas mais em aspectos fonológicos (alternativa h) sendo que os grupos de recém-chegados (capital e interior) se sobressaem.

É provável que nesses grupos, os informantes, por estarem há pouco tempo em São Paulo, portanto não muito afeitos ao novo falar percebam diferenças que passam a ser secundárias com o decorrer dos anos.

Os comentários, entremeados de avaliações désfavoráveis sobre o modo como falam as pessoas em São Paulo, permitem-nos rastrear atitudes pouco positivas manifesta das pelos informantes de nível (A), como as de FCL-65 (A): "Talvez as pessoas aqui falem de um modo mais dissimulado, menos autêntico, menos verdadeiro". Depreende-se portanto serem os paulistas pouco sinceros. O informante acrescenta: "Os erres me incomodam muito mas, o do interior realmente me irrita (...). Eu não gosto muito do chiado, as vogais abertas

do Nordeste eu gosto. Das vogais fechadas do sul, de São Paulo - eu não gosto. Não gosto das vogais fechadas; não gosto dos erres agora, eu acho que eles mentem. Eu acho que eles mentem mais, são menos sinceros na maneira de falar. De maneira geral acho que não gosto da maneira das pessoas de São Paulo falar".

As diferenças entre o próprio falar e o falar paulista, apontadas pelos pernambucanos (A) tendem a incidir, aproximadamente, sobre os mesmos aspectos.

Avaliando negativamente o modo como os paulistas falam JASL-69 (A) diz ser este "muito pesado . As vogais, por exemplo, são muito fechadas (...). Os erres, a forma de pronunciar os erres, principalmente no paulista do interior - po[r]ta, por exemplo. O sotaque é um pouco diferente também". Diz: "Não gosto do sotaque paulista". Fazendo uma clara distinção entre o falar e as pessoas, continua: "Isso não implica que eu não goste dos paulistas, que são muito simpáticos. Por exemplo, do sotaque carioca eu gosto. Eu acho bonito".

Como podemos observar, os aspectos fonológicos apontados como diferenciadores são os que poderíamos chamar "macroscópicos" - porque são os mais evidentes.

Raríssimos foram os entrevistados, tanto pernambucanos quanto baianos, que chegaram ao que pode ser tido como o máximo de requinte e sofisticação - apontar aspectos relativos à sintaxe - considerando-se que tais indivíduos

não trabalham em área lingüística. As regras de sintaxe que fazem parte da competência lingüística dos falantes, embora internalizadas pelos mesmos, não significam conhecimento consciente; daí serem verbalizadas enquanto regras, na maioria das vezes torna-se difícil.

Acreditamos válido e oportuno a este respeito apresentar a fala de GVS-63 (A), economista, de Ribeirão, interior de Pernambuco. Disse ele que em São Paulo as pessoas "falam com uma música diferente da do nordestino". Afirmou conhecer "gente fazendo cursos de doutoramento que tem erros (...)" que eles [pernambucanos] não teriam. Como exemplo citou: "Eles [os paulistas] utilizam quase sempre a 2ª pessoa do singular ao falar com o outro [tu] e utilizam o verbo na 3ª pessoa". Continuou dizendo que no caso dos pernambucanos "é mais comum outro tipo de erro mas, esse não. A gente utiliza a gente ou você, no lugar de utilizar eu e tu. No lugar de utilizar tu a gente utiliza você e o verbo na terceira pessoa". Mostrou-se muito espantando: "A gente vê isso em cara fazendo seminário em curso de doutoramento".

Manifestando atitudes francamente positivas em face do próprio falar, prosseguiu: - "Eu gosto muito das manifestações do povo lá do Nordeste. Aprendi a ver muita beleza no modo deles falarem e fico com muita saudade de ouvir". Referindo-se ao falar de um outro Estado do Nordeste (Paraíba) reafirmou as atitudes manifestadas: "- Nestas fêrias eu fui a Campina Grande e, talvez, Campina Grande este

ja mais imune ao imperialismo cultural de São Paulo e Rio, através da televisão. Parei num lugar e o cara disse: -É por ali, depois daquelas quebradas - coisa que há muito tempo não ouvia mais".

Os pernambucanos (B) "gostariam de falar como os paulistas" pois assim se manifestaram em maioria (quesção 27, alternativa c). Para os grupos de recém-chegados são observados índices mais altos, fato talvez explicável porque estando em São Paulo há pouco tempo, ainda mantêm a "ilusão do Eldorado". Segundo nosso pressuposto inicial acreditam eles que em São Paulo é que "se fala correto", "bonito", "adiantado", "uma fala de mais estudo", "de mais sabedoria", etc. Aqueles que se mostraram propensos a estar satisfeitos com seu próprio falar, distribuídos uniformemente pelos diferentes grupos da alternativa e não são, porcentualmente, relevantes.

Ainda desta vez o nível sócio-cultural alto tendeu a prestigiar sua variedade lingüística original dizendo-se "satisfeito com seu próprio modo de falar", alternativa e questão 27, denotando, ao que parece, uma certa resistência a uma possível mudança. Tal resistência pode estar ligada ao processo pelo qual foram socializados. O modo como falam as pessoas é também encarado pelos pernambucanos (A) como elemento que ajuda a compor a própria personalidade. Tanto que alguns indivíduos responderam (alternativa d) que "não gostariam de falar como as pessoas de São Paulo pois es

tariam se despersonalizando". Realmente, o modo de falar funciona como uma das marcas identificadoras do indivíduo enquanto pessoa pertencente a um determinado grupo social.

Enquanto os grupos recém-chegados, PCAR e PIAR, manifestando grande lealdade ao próprio falar, acreditam que com o passar dos anos "não estarão falando como os paulistas" (alternativa b, questão 37), os grupos PCA2 e PIA2, apresentando concentração de respostas na alternativa a, são concordes em informar que embora a contra-gosto, sua fala sofreu mudanças.

As mudanças apontadas estão, via de regra, relacionadas à parte lexical. Acreditamos serem tais diferenças (lexicais) as que mais se evidenciam dentro do processo comunicativo entre os falantes dos diferentes falares em questão. Mudanças mais sutis na própria fala, como as de caráter fonológico, quase que não são percebidas pelo comum das pessoas.

Manifestando atitudes favoráveis a mudanças no próprio falar, os grupos PCBR e PIBR declararam acreditar que futuramente estarão falando como falam os paulistas (alternativa a). Tais manifestações talvez possam ser analisadas sob a consideração de que para os mesmos, quanto mais forem diminuídas as diferenças melhor serão aceitos socialmente. O esforço para mudar deve ser tal que os grupos PCB2 e PIB2 (sendo PIB2 mais flagrante) são unânimes em acreditar, quase que em sua totalidade, que seu falar tenha mudado e

que, portanto, atualmente eles estariam falando "quase" como paulistas.

Questionados sobre o modo como falam ricos e pobres (Ricos e pobres falam igual? - Questão 38.), os informantes (B) manifestaram-se em sua maioria, dizendo que os ricos que não estudaram falam tão mal quanto os pobres (f). (Depreende-se das respostas que pobres que tiveram acesso à instrução falam bem.)

Os informantes de nível (A), dada uma análise realista de inúmeros fatores de natureza sócio-econômica-cultural, levantados em suas respostas à mesma questão, manifestaram-se tendentes a considerar (dados para comprovação: alternativa c) que "os ricos falam melhor que os pobres" a pontando como causa o "dinheiro que leva ao estudo" e em muitos casos (evidenciando-se as colocações dos grupos PCA2 e PIA2 - e) o próprio ambiente social em que convivem.

Numa tentativa de verificar se os informantes associavam a fala ao modo de vestir das pessoas, elaborou-se a pergunta 40. Nos dois níveis sociais os pernambucanos responderam que "as pessoas podem estar bem vestidas não significando, porém, que falem bem", alternativa b ou, com concentração menor, para alguns grupos, na alternativa a: "as pessoas bem vestidas devem falar bem".

O nível social (A) justificou a ocorrência de suas respostas na alternativa a, dizendo que as expectativas diante de alguém bem vestido é de que tenha certo po

der aquisitivo e que, em decorrência, o acesso à instrução, etc., lhe seja mais fácil.

Quanto ao nível (B) que, acreditávamos, iria manifestar-se predominantemente na referida alternativa, surpreendeu-nos manifestando-se também quanto à b indicando, talvez, que o traje das pessoas pode estar associado ao dinheiro mas, não à fala.

Os pernambucanos nível (B) sabem que seu modo de falar é um dos índices denunciadores de sua origem, como indicam os dados de d na questão 20; sendo assim o fato de aspirarem a falar como paulistas, conforme tivemos oportunidade de apontar através de outra questão, talvez os leve a imprimir conscientemente alterações em seu falar, na tentativa de camuflar a origem segundo supomos. É interessante observar que os grupos recém-chegados (PCBR e PIBR), não obstante a incidência de respostas na mesma alternativa, apresentam índices percentuais relativamente menores que os outros dois, fato indicador de que mais indivíduos se encontram distribuídos nas demais alternativas. Acreditamos que, estando em São Paulo há menos tempo, não tenham em maioria se dado conta de que o nordestino é estigmatizado socialmente.

A tendência manifestada pelo nível (A), tendo os indivíduos respondido que podem ser reconhecidos em São Paulo como nordestinos e não especificamente como pernambucanos, talvez seja reveladora de que os mesmos têm em con

ta a generalização feita no sudeste sobre o falar nordestino. (Alternativa c, questão 20.)

Confirmando nossas suposições iniciais os pernambucanos nível (A) manifestaram atitude francamente positiva, revelada pela alta concentração de respostas na alternativa b da questão 2, e a da questão 8 dizendo achar, respectivamente "bonito" e "agradável" o falar das pessoas de sua terra. Assim, mais uma vez fica evidenciada a fidelidade de tal nível social à sua variedade lingüística original. Associando tal fidelidade a fatores sociais, talvez possamos inferir que a mesma se manifesta entre os informantes (A) exatamente porque, em decorrência de não terem sofrido pressões econômicas violentas conseguem dissociar o falar dos problemas que a região enfrenta, passando a ser a fala um processo de representação social onde "bonito" e "agradável" passam a ser um sinal de valorização da própria identidade.

Do ponto de vista do nível (B), que se declara de certo modo dicotômico na medida em que as porcentagens estão distribuídas respectivamente entre "feio" e "bonito"; "agradável" e "desagradável", podemos nos aventurar a dizer que o falar passa a funcionar, em termos das representações sociais Nordeste/Sudeste, como um estigma, uma marca denunciadora dentre tantas outras marcas sociais.

Informantes dos dois diferentes níveis sociais consideram que os pernambucanos da capital têm um falar diferente daqueles do interior. Atribuem tal fato às maio

res facilidades que estes têm quanto a estudo; ao ambiente social mais propício que os coloca em contato com toda sorte de meios de comunicação, etc. (Alternativa b, questão 14.)

Os depoimentos do nível (B), embora muitas vezes careçam de explicitação, mostram como tais indivíduos percebem as diferenças. JPL-15 (B) assim se manifestou: " - (...) o pessoal do Recife são mais civilizado. A maioria dos interior de Pernambuco não teve condições financeira de trabalhar. Financeira eu digo assim..., no modo assim ... , porque hoje em dia tá tudo mudado. Tem o Governo, dá escola grátis, dá tudo grátis, mas às vezes a pessoa não pode deixar de trabalhar para estudar, senão vai passar fome. As pessoas da cidade são melhores de vida, conseguiram estudar mais, então sabe falar melhor - explicado melhor - , e o pessoal do interior são mais atrasados um pouco; fala as palavras mais errada, entende? O pessoal do Recife são um pouco mais educado e o do interior fala mais ignorante".

Após ter afirmado que "não existem diferenças" entre os falares capital/interior de Pernambuco, OJS-110 (A) disse que "o que se poderia chamar de diferença está no nível cultural. Em princípio pode-se admitir que o que mora na Capital tem melhores oportunidades de estudo, de educação e, mesmo no seu relacionamento ele tem uma maior quantidade de pessoas cultas com quem conversar, das quais ele vai assimilando certo modo de dizer as coisas, certo modo de pronunciar as palavras, então é possível que essa diferença

passee a ser percebida depois de um certo tempo de conversa".

Porcentagem considerável de pernambucanos, ainda quanto à questão anterior, tendeu a apontar diferenças lexicais (h) entre os falares da Capital e Interior de seu Estado, bem como diferenças fonológicas (i).

Quer-nos parecer que as diferenças lexicais estão entre as mais perceptíveis para a maioria dos falantes posto que, às vezes, estas podem até mesmo dificultar a comunicação.

Entre as diferenças fonológicas mais desta^{ca}das pelo nível (B) estão as relacionadas com as diferentes realizações dos fonemas /r/ e /s/. Os informantes observam que o /r/ no interior é "mais puxado" enquanto que o /s/ é "mais puxado" na capital.

Bem mais elaboradas foram as observações feitas pelos informantes nível (A) quando fizeram referência a diferenças fonológicas entre capital e interior.

Fundamentando e apresentando exemplos para as diferenças apontadas, JASL-69 (A) disse: - "A fala do pessoal do interior é bem mais arrastada. Existem algumas diferenças no seguinte sentido: o pessoal do interior, os erres é muito comum trocar por "l". Por ex.: garfo, o pessoal fala galfo e os eles, o pessoal troca muito por "r". Por ex.: almoço o pessoal fala armoço. Essa é uma diferença bem marcante. Em relação a outras palavras o "r", por exemplo, - aí é uma coisa interessante - o "r" tanto é trocado pelo "l" co

mo é trocado pelo "i". Por ex.: porta, geralmente o pessoal do interior pronuncia poita; não é como o pessoal do interior de São Paulo que diz po[r]ta é poita. Por ex.: marca ele diz maica. (...) O pessoal do interior usa mais a gesticulação, usa bem mais do que o pessoal da cidade, prá acompanhar a fala. Eu acho que isso aí vai um pouco porque o pessoal da cidade é bem mais reprimido que o pessoal do interior; sabe? (...) É uma forma de ajudar a suprir a deficiência de vocabulário, talvez. (...) Mas eu acho que é um recurso muito rico, sabe? É um recurso que você nota que na cidade, em Recife principalmente, o pessoal perde. Nesse aspecto o pessoal se civiliza um pouco, entre aspas. (...) No interior geralmente o pessoal não pronuncia o e no meio das palavras. Por ex.: palavra menino eles geralmente pronunciam minino, com o i bem acentuado e os ôs finais eles pronunciam bem carregadamente o u, no caso de mininu. Em Recife a gente pronuncia menino e o ô está mais perto de u".

Referindo-se a diferenças lexicais, assim se manifestou: "Em termos de palavras existem algumas diferenças interessantes: a gente diz lá em cima e o pessoal do interior diz lá em riba".

Embora com respostas mais elaboradas que as dadas pelos informantes (B), poucos foram aqueles de nível (A) que demonstraram tão alto grau de consciência linguística; admirável quando se leva em consideração tratar-se de um economista sem quaisquer ligações no campo da Linguística.

A pesquisa revelou que os pernambucanos em São Paulo tendem a "reconhecer outros pernambucanos simplesmente ouvindo-os falar", é o que mostra a alta concentração porcentual de respostas à pergunta 7, na alternativa a, verificando-se uma distribuição bastante equilibrada entre os diferentes grupos amostrados. Isto indica que o falar, definitivamente, funciona como elemento de identificação facilitando, ou não, a aproximação entre os indivíduos. No caso dos nordestinos, ao que transparece dos dados, serve mais como elemento de aproximação, na medida em que, fora do Nordeste, tendem a se solidarizar, conforme dissemos anteriormente.

Os informantes Pernambucanos de nível social baixo, ou tiveram contato com baianos em número e tempo pouco significativos, ou seja: "com poucas pessoas e por pouco tempo", conforme os dados revelados pela alternativa a da questão 34 ou "com muitas pessoas e por tempo significativo", alternativa d. Assegurou-se, contudo, que todos tivessem tido contato com baianos para que não ocorresse um viés em nossa maneira de ver os fatos. Acreditamos que o número de pessoas envolvidas bem como o tempo de contato com os baianos devam interferir, de algum modo, nas atitudes manifestadas pelos pernambucanos com relação aos baianos. Um exame de referências cruzadas, em estudo posterior, poderá revelar dados interessantes a esse respeito, também quanto aos informantes de nível (A).

Quanto ao falar dos baianos, os pernambuca

nos (B) tenderam a manifestar atitudes negativas via de regra acompanhadas de aspectos "lingüísticos" segundo os quais diferenciam os falares de Pernambuco e Bahia. (Questão 10, alternativa c.)

Foi-nos dado observar que nesse nível, tal vez por não estarem comprometidos com valores sociais que impedem os indivíduos de se manifestarem com maior liberdade, as atitudes dos informantes pareceram mais sinceras.

Alguns pernambucanos assim opinaram:

ABN-27 (B): - "Falam um português muito ruim. Não gosto. Tudo inguinorante. Não têm a mínima educação".

JNP-42 (B): - "Eles fala meio alto. É um tipo de pessoa que não tem modo de conversar. Não gosto do modo do baiano falar. Fala que nem pessoa sem educação, não é?".

JLC-40 (B): - "É um modo...assim...de cara que só quer ser entendido. Fala de malandro. Acho que eles só quer ser mais sabido.(...) É um modo feio de falar. Não é agradãvel".

JFS-54 (B): - O sotaque do baiano eu não acostumo nunca, sou pernambucano. É muito mais fácil eu me acostumar com a fala do paulista do que do baiano, que é mais complicada. Não dá prã entender bem".

O nível (A), por seu turno, tendeu a manifestar-se positivamente quanto ao falar da Bahia; tais manifestações também foram acompanhadas de aspectos visando a diferenciar os dois falares. LCCM-111 (A), acha "o modo do baiano no falar, tão agradável quanto o do pernambucano" e, generalizando, afirmou gostar "de como o nordestino fala - o baiano está incluído".

Mais depoimentos de teor semelhante poderiam ser arrolados, confirmando nossas afirmações; contudo, embora as atitudes negativas quanto ao falar baiano, dentre os informantes (A), tenham apresentado freqüência muito baixa, pelo fato de revelar aspectos interessantes quanto às comparações feitas, julgamos oportuno transcrever a resposta de RVM-83 (A). Disse ele: "Isso aí é gozado, viu? O pernambucano mesmo, da minha região prá cima [Canhotinho], quando ele vai mais pró sertão, fala igualzinho o baiano. Eu acho que tem uma distinção nítida entre a maneira do pessoal do Recife falar, da Zona do Agreste e o pessoal do Sertão. O pessoal do Sertão fala de uma maneira muito indolente, muito semelhante ao pessoal da Bahia, de modo geral. O pessoal da Zona do Agreste fala com menos pausa, menos arrastado, muito mais parecido com o pessoal do litoral. Então eu acho que tem uma diferença muito grande entre a maneira do pernambucano falar e do baiano mas, o pernambucano do Sertão fala muito semelhante ao pessoal da Bahia. (...) O modo de falar do baiano me cansa um pouco..., tem horas que dá impressão

que se a palavra é grande, ele não termina mais - me irrita".

Reiterando as tendências anteriores quanto ao falar dos baianos, os informantes nível (A) confirmaram suas atitudes, manifestando-se em grande maioria positivamente conforme os dados da alternativa a, questão 36. Afirmaram "reconhecer os baianos pelo seu falar agradável". As atitudes opostas manifestadas pelos grupos PCBR, PIBR, PCB2 e PIB2, através da alternativa b, na qual indicam "reconhecer os baianos pelo seu falar desagradável" vão novamente ao encontro de nossas suposições iniciais, ou seja: o nível sócio-econômico-cultural alto tende a ter atitudes positivas em face aos falares regionais, o inverso se dando com o nível baixo.

Em termos do contato entre falantes de diferentes línguas, acreditamos que os usuários de uma das línguas, com relação aos da outra, tendem a perceber a fala destes, quanto à velocidade, como "mais rápida" daí parecer que os outros sempre falam "depressa".

Na tentativa de verificarmos o que se passa nesse sentido entre os falantes, não de línguas diferentes mas de falares diferentes, elaboramos a questão 21. Conforme os resultados obtidos, pode-se observar, pela distribuição porcentual das alternativas c e d, que os pernambucanos falam "devagar" e "de forma arrastada", respectivamente, quando comparados aos paulistas que, fariam, então, "mais depressa", conforme as respostas dos diferentes grupos de pernambucanos. Talvez apontando para a subjetividade de tais

considerações, as tendências ora se acentuam mais na alternativa c, ora na d, entre os vários grupos amostrados nos dois níveis sociais, não nos possibilitando portanto, tirar maiores conclusões.

Embora os falares do Nordeste se aproximem em determinadas características lexicais, fonológicas, etc., os pernambucanos de nível sócio-econômico cultural baixo julgam que os baianos (seus vizinhos regionais), se expressam verbalmente pior que eles, de forma menos clara, e ainda que falam muito cantado com relação a eles (Questões 24, 25 - alternativas a). Embora seja esse o pensamento predominante, os que se manifestaram de forma contrária, também se fazem representar significativamente segundo os dados das alternativas b nas referidas questões.

Quando comparamos tais atitudes com as manifestadas com relação ao falar paulista e por nós já abordadas, verificamos, mais uma vez, a tendência de tal nível prestigiar mais as variedades de São Paulo que as outras variedades regionais, no caso as da Bahia; os possíveis fatores que levariam à manifestação de tais atitudes já foram por nós levantados. Os grupos PIBR e PIB2, sendo que não nos parece significativo o tempo em São Paulo, salientam-se nas alternativas a das duas questões, acreditamos que pela maior simplicidade em relação aos informantes da capital, na abordagem de tais aspectos.

Os entrevistados nível (A), segundo os dados

indicam, não julgam expressar-se melhor que os baianos, e muto menos acreditam que estes falem mais cantado. Observe-se que o grupo PIB2 apresenta respostas que estão distribuídas nas diferentes alternativas, mas com maior incidência em a, nas questões vinte e quatro e vinte e cinco. Acreditamos que estando os informantes fora de Pernambuco há mais tempo, e por tanto já habituados ao falar paulista, o falar dos seus lhes soe diferentemente ao ponto de se manifestarem dessa forma.

Observa-se uma tendência geral (e aventamos a hipótese de que talvez isso se dê com a maioria dos povos) de as pessoas conferirem maior valor aos falares das capitais, que aos do interior. Essa tendência confirmou-se nos da dos por nós levantados conforme já observamos. Julgamos interessante observar também a atitude dos informantes quanto à fala das capitais: de seu Estado e de outro fronteiriço, a Bahia. Acreditariam eles existirem diferenças ou não? No caso de existirem, estas se localizariam em quais aspectos?

A distribuição das respostas à questão 33 pe las diferentes categorias, revela que os pernambucanos (A) e (B), dos diversos grupos, percebem diferenças nos falares de Salvador e Recife nos mais variados aspectos: rítmicos, fonológicos, lexicais, ligados à prosódia, etc., além de se manifestarem positivamente com relação ao falar de sua capital e negativamente frente ao da capital baiana ou vice-versa.

A despeito da distribuição já apontada, os

grupos PCA2, PIA2 e PCB2 se sobressaem razoavelmente na alternativa i ao indicarem "diferenças fonológicas" entre os falares de Salvador/Recife, sendo que elementos do grupo PIB2 também se manifestaram quanto a tais diferenças. Ora, os grupos do interior, quando comparados com os das capitais, apresentam tendência mais acentuada. Pode-se cogitar - e mais evidências deveriam ser encontradas - que a distância física e por vezes a temporal, dos informantes em relação ao Nordeste, os faz ficar mais atentos aos falares de sua região. As distinções fonológicas são, talvez, o meio do qual se valem para reconhecimento do falar da sua capital (portanto dos seus) do falar da outra capital.

As diferenças apontadas então, recaíram via de regra sobre a qualidade das vogais e e o e as diferentes realizações dos fonemas /s/ e /r/. Tais observações foram manifestadas por elementos dos dois níveis sociais, o que indica, a nosso ver, não estarem correlacionadas ao grau de instrução.

Representantes dos dois níveis sociais, muitos deles nitidamente preconceituosos, ainda que reagindo diversamente, conforme a experiência social de cada um, assim se manifestaram quanto às diferenças:

"O pessoal do Recife fala normalmente, explicado. O pessoal de Salvador fala querendo imitar o carioca: manhoso. (...) O pessoal do Recife puxa mais pelo s. O de Salvador, não tanto, puxa mais pelo ê". JPL-15 (B).

Referindo-se ao falar do baiano de Salvador, assim se manifestou CACMP-62 (B):

"O baiano de Salvador é meio malandra a maneira dele se expressar. Meio malandragem, né? Ele puxa muito pelo ê e pelo ô ; é ... assim ..., a mesma coisa que o Caetano Veloso. Pelo menos o baiano de Salvador que eu tenho contato. É meio malandragem a maneira deles falã".

Manifestações do nível (A):

"Acho que existem, [diferenças] viu? É só vo cê ver Simone falando - aquela cantora. Na realidade ela faz tipo, mas eles [bairanos] falam mais aberto que a gente. Di zem que lá em Recife falam mais aberto, mas é em Salvador que falam. Ninguém diz em Recife - Récife; não vejo ninguém dizer assim, acho que falam mais fechado. Em Salvador se fa lam os ês e os ôs mais aberto". FCL-65 (A).

"Existem [diferenças]. Salvador fala mais ar rastado, não tem o vício do recifense do x: 'poi[š]', não troca o ê pelo i".

No nível social privilegiado, a maioria dos entrevistados declarou não lhes terem sido apontadas por baia nos deferenças entre o seu falar e o daqueles. (Alternativa b, questão 41.) Por seu lado o nível sócio-econômico-cultural baixo teve suas respostas distribuídas entre a referida al ternativa e a (sim), com ligeira predominância nesta última.

Talvez em função de um conjunto de fatores de natureza social, e pelo próprio caráter das relações entre

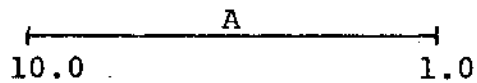
os indivíduos de nível (B), as observações quanto a diferenças biotípicas e lingüísticas se dêem com maior frequência e, não raras vezes, em tom ligeira ou fortemente escarnejador.

Nosso contato durante a pesquisa com pernambucanos e baianos, nos deu a oportunidade de verificar que, num nível mais baixo, por uma questão poderíamos dizer, de espontaneidade, os indivíduos manifestam-se com maior liberdade.

N O T A S

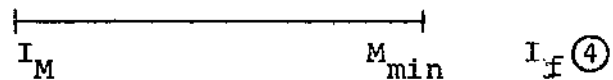
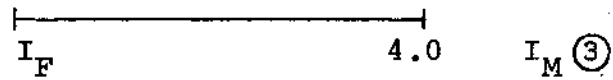
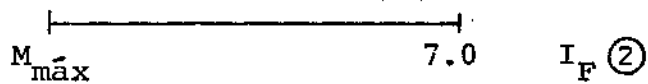
- (1) As letras maiúsculas (JASL) correspondem às iniciais do informante cujo fragmento do texto é citado. O número (69) diz respeito ao número do informante, bem como à seqüência de ordem das gravações. A letra (A) corresponde ao nível social do informante. No Apêndice (2) damos uma relação completa dos informantes.
- (2) Devido à sua própria natureza a questão 23 (ver Apêndice (3) - Questionário-Entrevista) não recebeu o tratamento computacional dado às demais perguntas. Os entrevistados responderam em função dos graus "muito importante", "pouco importante", "importante" ou "tanto faz", por nós fixados e aos quais atribuímos respectivamente os pesos 10, 7, 4, 1.

Assim, se todas as respostas de um determinado grupo para um mesmo item fossem "muito importante", teríamos uma média máxima ($M_{\max.}$) = 10.0, da mesma forma que se todas as respostas a um determinado item fossem "tanto faz", teríamos uma média mínima ($M_{\min.}$) = 1.0. Estes dois limites determinam a amplitude (A) que uma resposta pode ter, ou seja:



①

Tal amplitude foi dividida em 3 frações: intensidade forte (I_F), intensidade média (I_M) e intensidade fraca (I_f) de acordo com os seguintes valores:



De acordo com o exposto as questões foram classificadas para cada um dos grupos.

Matematicamente temos:

$[W_{J,K,L}]$ J = relacionado ao grupo.

J = 1,15

K = relacionado à pergunta.

K = 1,14

L = relacionado aos pesos.

L = 10,7,4,1

Onde a intensidade pode ser definida como:

$$I = \left[\sum_{i=1}^n W_{J,K,L} \right] / n \quad \textcircled{5} \quad n = \text{número de elementos do grupo.}$$

Os valores de I(expressão $\textcircled{5}$), foram classificados de acordo com $\textcircled{2}$, $\textcircled{3}$ e $\textcircled{4}$.

8.2 - Atitudes lingüísticas em face de estímulos de fala gravados

Na seção anterior foram levantados, descritos e discutidos aspectos das atitudes lingüísticas manifestadas pela amostra "em ausência" da fala do outro, ou seja: em ausência de um estímulo de fala. Serviram então como estímulo aos julgamentos dos informantes tão somente as questões propostas pelo instrumento de pesquisa.

As atitudes manifestadas, segundo cremos, refletiram mais as crenças dos entrevistados sobre o outro falar, decorrentes de uns tantos fatores diretamente ligados ao conhecimento que os mesmos têm do "mundo": maneira como foram socializados, educação, informações, religião, etc.

Sabe-se no entanto que as atitudes que os indivíduos têm longe do objeto (em nosso caso a fala) podem ser iguais ou diferir substancialmente da que têm frente a ele. Observaremos a partir de agora as atitudes manifestadas pelos informantes "em presença" da fala do outro, portanto em face das amostras de fala que serviram de estímulo às manifestações de atitudes.

O mesmo conjunto de perguntas foi feito aos informantes sobre cada uma das seis amostras de fala - questões fechadas, logo com alternativas fixas. Somente sobre o

estímulo de fala São Paulo-interior foram feitas, também, algumas perguntas abertas.

Visto terem os informantes se manifestado so bre cada um dos seis estímulos separadamente, assim também exporemos os resultados obtidos através de uma descrição tão sucinta quanto pudermos, tentando observar o comportamento da amostra frente a cada estímulo.

8.2.1 - Estímulo: Fala de São Paulo-Interior

Se compararmos os resultados obtidos com os informantes de nível (A) e de nível (B), quando submetidos à audição do falar de São Paulo-interior, verificaremos que os dois níveis sociais tenderam a manifestar atitudes positi vas frente a tal falar (questão 52) referindo-se ao mesmo co mo sendo "agradável" (alternativa a). Contudo os resultados apresentados pelos dois níveis sociais tornam evidente que as atitudes manifestadas por (B) são francamente mais positi vas, dado que as respostas tenderam a se concentrar quase que somente na alternativa em questão, enquanto o nível (A) apre sentou distribuição considerável também pelas alternativas b e c, respectivamente "pouco agradável" e "desagradável".

Na questão 97, de mesmo conteúdo que a 52, formulada exatamente para verificar a consistência das res postas dadas, o nível (B) confirmou as atitudes manifestadas quanto ao falar, conforme revela a forte concentração porcen

tual na alternativa a. O nível (A) manifestou-se coerentemente uma vez que manteve a distribuição, embora a concentração em a: "manifestação de atitudes positivas".

A maior concentração de respostas na alternativa c, da questão 60, é indicativa de que nos dois níveis sociais os informantes identificaram o falar como sendo de paulista.

Como era de se esperar, os grupos PCA2, PIA2, PCB2 e PIB2 apresentaram índices percentuais relativamente maiores que os grupos recém-chegados. Isto se explica pela maior oportunidade de contato com o falar.

Consideremos ainda, que aqueles que atribuíram tal falar a pernambucanos ou a baianos em minoria percentual, talvez tenham suas respostas justificadas.

Na amostra de fala apresentada, o "r" - retroflexo (característico do falar caipira, conforme apontado por diversos estudiosos) é bastante marcado. O fato de O Atlas Prévio dos Falares baianos ter indicado, conforme Head (1975) "a ocorrência de um r-retroflexo numa grande parte do Estado da Bahia" nos faz acreditar, embora não tenhamos evidências para tanto, que em algumas localidades pernambucanas tal variante também ocorra. Os entrevistados teriam então tido contato em seu Estado ou no Estado vizinho-Bahia, com falantes que realizam o "r" de forma bastante aproximada à que ouviram na amostra de fala daí, terem-na identificado como sendo fala de pernambucanos ou baianos.

Em favor de nossa suposição quanto a ocorrência do "r"-retroflexo em Pernambuco, JPRL-98 (A) disse ter observado a realização do mesmo no alto sertão pernambucano, sendo este "comuníssimo em determinadas áreas, sobretudo naquelas que fazem fronteira com a Paraíba (...)". Afirmou ser o "r"-retroflexo uma variante estigmatizada "sobretudo porque é falada por pessoas de nível mais baixo". Exemplificou, ainda, dizendo que "lá no Recife quando se diz, por exemplo: Jo[r]nal do Comê[r]cio, então essas pessoas são imitadas por outras como uma forma de estigmatizar o ignorante, o que fala errado, mas naquelas pessoas de nível cultural mais elevado, então essa pronúncia é considerada um vício de linguagem (...) e é aceita também".

Os informantes de nível (A), nos diferentes grupos amostrados, consideraram a amostra de fala como sendo de uma pessoa do "interior" (pergunta 54 alternativa b) enquanto que o nível (B), com ligeira predominância na alternativa a tendeu à distribuição em a e b; uns julgando o falar como sendo da "capital" outros, do "interior".

Enquanto (B), predominantemente atribuiu tal fala à pessoa "educada", portanto com instrução mais sólida (questão 55, alternativa b); (A) tendeu a julgá-la como sendo fala de pessoa "ignorante" ou, ainda, com concentração menor "muito ignorante" (alternativas a e c, respectivamente).

As respostas dadas à pergunta 56 evidenciam que os informantes nos dois diferentes níveis relacionam a

fala em questão à pessoas sinceras (alternativa b). A distribuição das porcentagens nos diferentes grupos nada nos permite inferir quanto às variáveis, proveniência (capital/interior), e tempo de permanência em São Paulo.

Tal fala foi identificada tanto por (A) quanto por (B), como sendo a fala de pessoas "razoavelmente bonitas" (alternativa c, questão 57) e "desinibidas" (58, alternativa a).

Solicitados a apontar possíveis diferenças (no caso de existirem) entre a fala (modo de falar) que tinham acabado de ouvir, e a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, os informantes dos grupos que conformam o nível (A) concentraram suas respostas em aspectos fonológicos (alternativa e, questão 98), sendo que a mais enfatizada foi a diferente realização do /r/ seguida de diferenças na realização do /s/ e do /e/ e /o/ entre os dois falares. Os entrevistados (B) apresentaram respostas distribuídas pelas 5 alternativas indicando, portanto: a) não haver diferença alguma; b) diferenças genéricas ("essa é uma fala mais de educação", é uma "fala mais doce", é "mais desagradável" que a fala de Pernambuco); c) diferenças prosódicas (ligadas à duração e altura); d) diferenças quanto ao ritmo, especificamente (mais lento, referindo-se à fala-estímulo); e) diferenças fonológicas (diferente realização do /r/).

O nível (A) tendo enfatizado a diferente realização do /r/ entre os falares de Pernambuco e Bahia, quan

do solicitado a imitar a fala que acabara de ouvir (questão 99), o fez acentuando a pronúncia do r (demonstrando ter realmente percebido diferença) sem, contudo, conseguir reproduzir a retroflexão (b). Os grupos PCAR e PIAR foram os que mais se manifestaram em tal alternativa. Os que imitaram reproduzindo o "r"-retroflexo (c), predominam ligeiramente no nível social alto.

Os entrevistados (B), quanto à mesma questão, ou negaram-se a imitar dizendo não saber (alternativa e), ou disseram saber imitar, esforçando-se para tal mas não conseguindo.

Acreditamos que, em termos lingüísticos, as imitações ocorram mais facilmente quando há significado social. Talvez o falar de São Paulo-interior não seja tão estigmatizado por parte dos entrevistados (B), e por isso o esforço dos mesmos no sentido de imitá-lo seja maior.

Ambos os níveis sociais tenderam a considerar, segundo a concentração porcentual apresentada no item d da pergunta 53, que a pessoa cuja a amostra de fala foi ouvida não devia ser rica, nem pobre, e sim situava-se numa faixa intermediária mas que, de maneira geral, "as pessoas que falam desse modo devem ser pobres". (Questão 100, alternativa b.)

Deve-se levar em conta, no entanto, que o grupo PCA2 (indivíduos que residem em São Paulo há mais de dois anos), com considerável incidência de respostas na al

alternativa d, marcou sua posição quanto à questão dizendo que, indiferentemente, tanto ricos quanto pobres falam daquela maneira (falar caipira).

Baseando-se tão somente na fala para atribuir uma profissão, os informantes, distribuídos por diferentes alternativas da questão 59, em maioria apontaram profissões que não requerem formação universitária, como feirante, operário, lavrador, negociante, etc.

8.2.2 - Estímulo: Fala de São Paulo-Capital

A alta frequência de respostas apresentadas sobre a alternativa a da questão 70, é reveladora: os informantes do nível sócio-econômico-cultural baixo manifestaram atitude francamente positiva frente à fala em questão - fala paulista da capital, enquanto que o nível (A), através de uma maior concentração de respostas na alternativa b, manifestou-se dizendo tratar-se de fala "pouco agradável".

As atitudes reveladas pelos dois níveis ganham significado maior quando, verificando as frequências de respostas sobre as alternativas da questão 78 observamos que, com exceção do grupo PCBR, os demais - em (A) e (B) - reconheceram a fala em questão como sendo de "paulista", item c e ainda, com grande concentração na alternativa a (72) - "da Capital". Os grupos PCAR, PIAR, PCA2, PIA2, PCB2 e PIB2 manifestaram-se sobre a referida alternativa através do in

dice porcentual máximo.

Diante de tais resultados verifica-se que os pernambucanos amostrados - e isto é válido também para os recém-chegados - reconhecem com facilidade o falar da capital paulista.

No que diz respeito à nossa pesquisa este é um aspecto bastante favorável, uma vez que nos assegura que todas as atitudes manifestadas dizem respeito, necessariamente, ao referido falar.

Os informantes de nível (A), bem como os de nível (B), em maioria, tenderam a considerar a pessoa cuja fala serviu de estímulo como sendo: "educada", "sincera", "razoavelmente bonita", "desinibida" e com "situação econômica razoável", conforme pode ser verificado pelas respostas às questões: 73, 74, 75, 76 e 71 com maiores concentrações nas alternativas b, b, c, a, d, respectivamente.

As variáveis tempo de estada em São Paulo e proveniência-capital/interior - não mostram tendências tão marcantes, (quanto às respostas às questões acima discutidas) que caracterizem sobremodo um ou outro grupo, quanto às manifestações de atitudes em face do estímulo gravado. Uma análise dos dados voltada também para as mínimas incidências em cada questão, entre os diferentes grupos, talvez possa revelar outros aspectos interessantes.

Observa-se, no entanto, que o grupo PIAR a apresentou respostas distribuídas equitativamente entre as al

ternativas "mentirosa"/"sincera" (74); "desinibida"/"tímida" (76), sendo que o outro grupo de recém-chegados (Capital) manifestou tendências bem mais acentuadas, dada a grande concentração em uma das alternativas das questões referidas.

Quanto à profissão atribuída à pessoa, cuja fala serviu como amostra para o falar paulistano, vê-se pela frequência de respostas do nível (A), nas alternativas a, c e i da questão 77, que os informantes tenderam a atribuir profissões que requerem formação universitária - "professor", "advogado", "médico" - com concentração porcentual mais acentuada em a ("professor") nos grupos PCAR, PIA2 e, no nível (B), PIBR e PIB2. Tal fato, a nosso ver, deve ser levado em conta em termos das atitudes manifestadas anteriormente porque, dada uma hierarquia social de profissões, as indicadas gozam de mais prestígio que muitas das outras em questão como: "lavrador", "feirante", "pedreiro", "sapateiro", etc. , o que indicaria talvez, favorabilidade quanto ao falar.

Três, dos quatro grupos amostrados no nível (B), também apresentaram ocorrências nas alternativas a e c ("professor"; "advogado") e ainda na alternativa f ("negociante"), distribuindo-se desuniformemente pelas demais. Nesse nível, no que diz respeito à profissão, os informantes via de regra mostraram-se relutantes, dizendo ser difícil responder à questão. Acreditamos mesmo que não lhes seja fácil distinguir entre determinadas profissões. Fazem, na maioria dos casos, uma distinção em grandes blocos: doutores

("advogados", "médicos", "engenheiros", "dentistas"), professores e profissões de menor prestígio social ligadas às zonas urbana e rural.

Em dado momento da entrevista, os informantes tiveram a oportunidade de ouvir em seqüência as amostras de fala de São Paulo/Interior e São Paulo/Capital. Nos dois diferentes níveis sócio-econômico-culturais apresentaram maior concentração de respostas na alternativa b da questão 101 indicando, assim, ser mais agradável a fala (modo de falar) paulistana.

O nível (A), anteriormente, (questão 52) mostrou-se tendente a considerar "agradável" o falar do interior de São Paulo, tendo-se manifestado quanto ao falar da capital como sendo este "pouco agradável", questão 70.

Nossa tendência seria confiar mais na atitude manifestada pelos informantes quando puderam comparar - dada a proximidade na gravação - as duas falas. Consideramos, contudo, a interferência de possíveis fatores que uma investigação do tipo realizado não pôde controlar. Por outro lado, levando-se em conta que o falar caipira é estigmatizado, conforme diferentes estudos têm revelado, resta-nos saber somente até que ponto o é pelos pernambucanos.

8.2.3 - Estímulo: Fala de Pernambuco-Capital

A questão 43 dá informações sobre as atitu

des reveladas pelos entrevistados quanto à fala da capital de seu Estado de origem.

Com forte incidência sobre a alternativa a, o nível sócio-econômico-cultural alto manifestou atitude positiva quanto ao estímulo de fala do Recife dizendo tratar-se de fala "agradável", enquanto que o nível sócio-econômico-cultural baixo, embora tenha apresentado frequência de respostas um pouco maior sobre a alternativa a: "agradável", manifestou-se também, consideravelmente, sobre a alternativa b: "pouco agradável" o que indica, talvez que, no caso de serem atribuídos pesos às diferentes alternativas entre os dois níveis amostrados, (A) revelaria atitudes mais positivas.

O grupo PCA2 (indivíduos que estão em São Paulo há mais de 2 anos) apresentou na alternativa a: "agradável", uma concentração ligeiramente maior que os demais grupos. Visto os entrevistados (A), moradores em São Paulo há algum tempo, terem se declarado (embora distantes) muito ligados emocionalmente ao seu Estado de origem, talvez a ocorrência se justifique: é um grupo da capital referindo-se ao falar da capital de seu Estado.

Com exceção do grupo PIAR que apresentou respostas distribuídas entre as alternativas a: "capital" e b: "interior" (pergunta 45), os demais grupos do nível social alto reconheceram a fala como sendo de alguém da capital. No que se refere ao nível social baixo, com ligeira predominância

cia em a: "capital", os grupos tenderam a distribuir-se pe las duas alternativas, quanto às respostas dadas. Talvez is to indique que os pernambucanos de nível (B) que ajudam a compor a amostra prestem menos atenção aos falares de seu Es tado, embora tenham afirmado anteriormente que as pessoas da capital falam melhor que as do interior, por terem acesso mais fácil à instrução. Oportunamente observaremos como se comportaram os informantes quanto ao falar do interior de seu Estado.

A maior concentração de respostas na alternativa b da questão 51, revela que os dois níveis sociais a mostrados, com distribuição porcentual bastante equilibrada entre os diferentes grupos, reconheceram o estímulo de fala apresentado como sendo de pernambucano; proferido por "pessoa sincera" (alternativa b, questão 47); "educada" (b, 46), sendo que quanto a esse aspecto os grupos PCA2 e PCB2 mani festaram-se através dos índices porcentuais máximos, relevan te ao nosso ver por se tratar de amostra de fala de alguém de mesma proveniência (capital) dos informantes de tais gru pos.

Os entrevistados de modo geral, tendo por es tímulo somente a fala gravada, continuaram a antecipar jul gamentos dizendo tratar-se de pessoa "desinibida" (alternativa a, pergunta 49); "relativamente bonita" (item c, ques tão 48) e, colocada economicamente num meio termo (44, d).

No tocante à profissão atribuída, novamente

as respostas se encontram distribuídas. O nível (B) manifestou-se (embora com índices percentuais baixos), através de seus 4 grupos, na alternativa e: "lavrador"; em três dos grupos, em d: "operário", a: "professor" e j: "político". As respostas do nível (A) incidiram sobre q: "outras profissões", onde uma análise indica "executivo", "profissional liberal", "funcionário público", etc. sem maiores especificações. Três grupos manifestaram-se sobre a: "professor" e f: "Negociante".

Todas as atribuições dessa ordem, feitas pelos dois níveis sociais, a nosso ver são bastante subjetivas e impressionistas. Não que em muitas das outras questões o fator subjetivismo esteja ausente. Ocorre que a respeito das profissões encontra, parece-nos, campo aberto para se manifestar. Tivemos oportunidade de registrar casos em que o informante, após ter apontado uma profissão como, por exemplo, "operário", pediu para que se reconsiderasse e fosse assinalado "médico".

8.2.4 - Estímulo: Fala de Pernambuco-Interior

Em relação à amostra de fala de Pernambuco-Interior os entrevistados (A) revelaram-se positivamente nos grupos PCA2 e PIA2 apresentando maior concentração na alternativa a, pergunta 79, indicando ser "agradável" a fala (modo de falar) em questão. Os grupos formados por indivíduos re

cêm-chegados - PCAR e PIAR - apresentaram exatamente a mesma distribuição nas alternativas a: "agradável" e b: "pouco agradável"; o que nos impossibilita rastrear uma atitude de terminada dos dois grupos frente a tal fala. Não obstante terem manifestado atitudes diferentes, os 4 grupos reconheceram o estímulo de fala gravado como sendo "do interior", conforme a maior freqüência de respostas na alternativa b da questão 81.

No nível (B) os grupos PCBR e PCB2 consideraram a fala (modo de falar) "pouco agradável" dada a maior freqüência porcentual em b (79), sendo que o primeiro grupo avaliou a fala como sendo de alguém da "capital", dada a maior freqüência de respostas na alternativa a (81), enquanto o segundo a atribuiu a alguém do interior, item b da mesma questão.

Rotulando a fala: "desagradável," (c) e "agradável", (a), respectivamente os grupos PIBR e PIB2, a relacionaram à capital e ao interior.

A simples descrição dos resultados obtidos com os diferentes grupos nas duas questões, revela um comportamento bastante controvertido do nível (B) com relação ao estímulo. No entanto, em termos das atitudes, parece-nos que os dados indicam que as declarações do nível (A), embora não totalmente positivas, o são mais do que as do nível (B).

O grupo PIAR, mantendo a distribuição já a apresentada em outras questões frente ao estímulo de fala de Per

nambuco-Interior (frequência de respostas igual em duas alternativas), respondendo à pergunta 87 que se refere à procedência do indivíduo cuja fala serviu de estímulo, indicou as alternativas a: "baiano" e b: "pernambucano". Visto que tal grupo se manifesta igualmente, como os dados revelarão em outras perguntas, acreditamos poder ser feita uma possível associação entre os fatores "ser do interior" e "estar há pouco tempo em São Paulo".

Os grupos PCAR e PCA2 que já se manifestaram antes pela alternativa "interior", reconheceram a fala como sendo de Pernambuco, o que talvez possa ser relacionado ao fato de serem ambos os grupos formados por indivíduos procedentes da capital e que, pertencentes ao nível cultural alto, têm melhor percepção dos falares do interior e da capital de seu Estado, considerando-se que o afluxo de pessoas se dá de forma acentuada no sentido campo-cidade, o que torna possível um maior contato entre as pessoas.

De modo geral, observa-se que no nível (A) a decisão está sempre entre "baiano" e "pernambucano," ou outra procedência do Nordeste (grupo PIA2, d), uma vez que não foi dada nenhuma resposta que incidisse sobre a alternativa c: "paulista".

Considerando os dados colhidos junto aos informantes nível (B), a incidência de respostas de três dos grupos sobre a alternativa c: "paulista", talvez revele uma percepção lingüística menos acurada, uma vez que a decisão

não ficou apenas entre "pernambucano" e "baiano" conforme o esperado.

Deve ser levado em conta entretanto, que um bom número de entrevistados, nos dois níveis, informou ser bastante difícil distinguir entre os falares do interior de alguns Estados do Nordeste, mormente entre Bahia e Pernambuco.

Através da fala o indivíduo foi avaliado pelo nível sócio-econômico alto como sendo "ignorante", pergunta 82 alternativa a, portanto com pouca instrução; enquanto que o nível (B) o qualificou como "educado", alternativa b, donde se infere: com boa instrução. Trata-se de pessoa "sincera" (b, 83), segundo os entrevistados nos dois níveis; "pobre" (b, 80) conforme o nível (A) e "remediada" (d), usando-se a expressão de entrevistados do nível (B), ou então "pobre". Indivíduo "regularmente bonito", pergunta 84, alternativa c, enquanto (A) manifestou-se da mesma forma que (B) ou, ainda, dizendo tratar-se de pessoa "feia".

Quanto à profissão, verifica-se novamente a distribuição por diversas alternativas, mas podendo talvez ser considerada a relativa concentração dos dois níveis na alternativa e, da questão 86: "lavrador", e ainda para o nível (A), com respostas apresentadas pelos informantes na alternativa b: "feirante".

8.2.5 - Estímulo: Fala da Bahia-Capital

Os dados revelam que os pernambucanos de ní

vel sócio-econômico-cultural baixo, com relação à amostra de fala de Salvador, manifestaram-se de forma positiva ao optarem pela alternativa a da questão 88: "agradável" e que, por sua vez, o nível (A) a considerou "desagradável", ao mesmo tempo que a reconheceu como sendo "fala de baiano", dada a maior concentração na alternativa a da questão 96. Os informantes nível (B), apresentaram respostas distribuídas pelas alternativas a: baiano; b: pernambucano; c: paulista e d: outra procedência (questão 96).

As maiores incidências de respostas na alternativa a: "baiano", são encontradas nos grupos de pernambucanos residentes em São Paulo há mais de 2 anos que, talvez por estarem mais distantes no tempo e no espaço dos falares do Nordeste, consigam perceber melhor as diferenças lingüísticas, sendo este um meio de reconhecerem os procedentes de seu Estado, entre outros que chegam a São Paulo.

É interessante observar que os dois grupos de recém-chegados apontaram tal modo de falar como sendo paulista. Talvez, estando em São Paulo por espaço de tempo relativamente pequeno, não tenham observado aspectos lingüísticos que deferenciam o falar baiano do paulista. Os dois níveis sociais, dada a maior freqüência de respostas na alternativa a da questão 81, decidiram-se por "capital", quando interrogados sobre a proveniência do indivíduo cuja fala serviu como amostra do falar de Salvador, sendo que os dois grupos recém-chegados revelaram-se através dos índices porcen

tuais máximos.

Para os dois níveis sociais trata-se de alguém "razoavelmente bonito" e com "situação econômica equilibrada" (perguntas 93 e 89, alternativas c e d, respectivamente). Pessoa "sincera" para 7 dos diferentes grupos amostrados (as incidências na alternativa b da questão 92 confirmam nossas afirmações). O grupo PIAR (sem que encontremos justificativas pela verificação dos dados) apresenta maior concentração na alternativa a: "mentirosa", sendo esta a primeira e única vez que, na mesma pergunta feita sobre os seis estímulos de fala apresentados aos informantes, um grupo assim se manifestou. Observa-se no entanto tratar-se de um grupo do interior de Pernambuco que se manifestou em outras questões através de índices percentuais máximos, dizendo tratar-se de "fala de baiano", "da capital" e "pessoa educada" (com bom nível de instrução), alternativa b, pergunta 91.

Os grupos PCAR e PCA2 - informantes da capital - referiram-se à fala - estímulo como sendo esta a fala de alguém "ignorante", no que concordou o grupo PCB2; enquanto que os grupos PCBR, PIBR e PIB2 a atribuíram à pessoa com instrução considerável.

Quanto às profissões atribuídas, os diferentes grupos apresentaram respostas em distribuição pelas várias alternativas da questão 95, a exemplo do que aconteceu quanto aos outros estímulos apresentados. No entanto, uma observação geral dos dados revela que o nível sócio-econômico

cultural alto mostrou-se tendente a manifestar-se somente quanto a profissões que não requerem grau iniversitário pa
ra o seu exercício, como "operário", alternativa d; "negocian
te", alternativa f; "chofer", alternativa h, etc. No nível
social baixo, vez por outra alguns informantes manifestaram
se quanto a profissões que exigem formação superior como "den
tista", "médico", "advogado" mas com maior tendência de res
postas nas alternativas cujas profissões não solicitam tal
formação.

8.2.6 - Estímulo: Fala da Bahia-Interior

Submetidos à audição do estímulo de fala da
Bahia-Interior os informantes de nível (A) a ele se referi
ram dizendo tratar-se de uma fala (modo de falar) "agradá
vel". O que acabamos de afirmar fica comprovado pela simples
observação da maior concentração de respostas na alternati
va a da questão 61.

A concentração de respostas sobre a mesma
alternativa no que diz respeito ao nível (B) é bem menor, da
do que os grupos tenderam a distribuir-se mais pelos outros
dois itens: "pouco agradável" e "desagradável".

Em termos das atitudes manifestadas, pela
consideração de apenas este aspecto, pode-se dizer que o ní
vel sócio-econômico-cultural alto foi mais positivo, mas con
sideremos as demais questões.

Para o nível (A), o falante do estímulo em questão, sem sombra de dúvida trata-se de pessoa "do interior": absolutamente todas as respostas dos 4 grupos incidiram sobre a alternativa b da questão 63. No nível (B), 3 dos 4 grupos apresentaram maior freqüência de respostas na referida alternativa, sendo que apenas o grupo PIBR apresentou maior concentração de respostas no item a: "capital", e não nos arriscamos a fazer qualquer conjectura a respeito de tal manifestação.

Mantendo-se fiel ao mesmo tipo de julgamento feito sobre a mesma questão, quando da apresentação de todos os estímulos gravados, os pernambucanos nos dois níveis e diferentes grupos disseram que, pela fala que acabaram de ouvir, devia tratar-se de pessoa "sincera", alternativa b, questão 65. Fazendo referência à instrução, os informantes de nível (A) manifestaram-se dizendo tratar-se de pessoa "ignorante" - atitude confirmada pela maior freqüência de respostas na alternativa a (64) e "pobre", questão 62 alternativa b.

Por seu lado, os informantes de nível (B) julgaram tratar-se de pessoa "educada" (com bom nível de instrução) - item b (64) - e "razoavelmente bem" quanto ao aspecto financeiro (ver a maior concentração de respostas na alternativa d, questão 62.).

Novamente, dada as maiores concentrações percentuais na alternativa c da questão 66, os informantes nos

dois níveis manifestaram-se, segundo a fala, por uma pessoa "relativamente bonita".

Quanto à profissão atribuída, o nível (A) a apresentou maior freqüência de respostas em e, questão 68: "lavrador", o mesmo podendo ser dito com relação aos grupos PCBR, PIBR e PIB2 que mostraram coerência uma vez que anteriormente optaram pela alternativa b da questão 63 - "interior", daí uma profissão mais ligada à zona rural. O grupo PCB2 definiu-se pela alternativa d: "operário".

A maior concentração de respostas, tanto de (A) quanto de (B), na alternativa b da questão 69, evidencia o fato de que os pernambucanos amostrados reconheceram a fala em questão como sendo de "pernambucano".

9.0 - CONCLUSÕES

Defrontamo-nos durante toda a investigação, com exteriorizações de atitudes que nos levaram mais a admitir do que a negar nossas hipóteses, quando consideramos toda a gama de manifestações de ordem lingüística e social.

Um aspecto bastante relevante, que novamente aqui ressaltamos, liga-se ao fato de que as atitudes manifestadas pelos informantes tenderam a ser diferentes, em alguns pontos, em ausência e em presença de estímulos de fala gravados.

Tais diferenças de comportamento dos informantes se explicam, talvez, quando consideramos que "a linguagem pode ser tomada como um índice sensitivo de outros processos sociais" havendo, por assim dizer, uma coocorrência de fatores lingüísticos e sociais.

Assim, os resultados da observação da produção verbal dos informantes indicam marcantes diferenças de ordem cultural, e as atitudes manifestadas refletem diferenças de ordem social e econômica.

Mais em ausência do que em presença de falas gravadas, as atitudes manifestadas pelos informantes de nível sócio-econômico-cultural baixo tenderam à confirmação da hipótese 1.0 desta investigação: são prevalentemente mais positivas quanto às variedades lingüísticas paulistas. Mais positivas não somente quanto aos falares de São Paulo, mas

também quanto a organização social que pode ser percebida como altamente complexa em relação à região de origem dos entrevistados.

Reforçamos nossas afirmações de que o comportamento lingüístico da amostra de nível (B), revelado pe las atitudes dos informantes, está intimamente associado à conjuntura social adversa de que são fruto, e que gera moti vações múltiplas para buscarem São Paulo: uma esperança pa ra os nordestinos de tal nível.

As atitudes em face aos falares de São Paulo são o reflexo dessa esperança.

A tendência dos nordestinos de nível (B) de prestigiarem mais as variedades lingüísticas de São Paulo, em detrimento das variedades lingüísticas de sua região de origem, se justifica na medida em que estas os remete prati camente a uma mesma realidade social, da qual querem a todo custo se descartar.

As atitudes desfavoráveis, muitas vezes exteriorizadas pelos pernambucanos amostrados, quanto aos fa lares da Bahia (principalmente em ausência de estímulo de fa la gravado), "podem possivelmente ter raízes históricas" se gundo depoimento do historiador RXCP-82 (A).

Em favor de sua hipótese o informante levantou pontos interessantes:

"No princípio da nossa colonização, os dois centros mais adiantados do Brasil eram exatamente as duas ca

pitânicas - da Bahia e de Pernambuco - ambas produtoras de açúcar, sendo que a da Bahia era o centro administrativo, (depois da chegada de Tomé de Souza, evidentemente) e Olinda e Recife (vamos colocar as duas como sendo um único corpo) rivalizavam-se com a capital da Bahia.

Essa rivalidade permaneceu porque permaneceram também sendo essas duas cidades os maiores centros do Nordeste [Recife/Olinda e Salvador], os dois maiores centros econômicos, os dois maiores centros culturais. (...) O que acontece [atualmente] entre Pernambuco e Bahia, guardando-se as devidas proporções, é o que acontece entre São Paulo e Rio de Janeiro".

Tais razões de origem histórica, podem ser responsáveis pela emergência da discriminação lingüística manifestada muitas vezes dos pernambucanos para com os baianos (e vice-versa), e que ficam escondidas sob a capa das diferenças entre os falares, apontadas bastante superficialmente, e caracendo muitas vezes de fundamentação lingüística, pelo nível social baixo.

Os informantes de nível sócio-econômico-cultural alto (A), mostraram maior uniformidade (coerência) que os entrevistados do nível sócio-econômico-cultural baixo (B), na exteriorização das atitudes lingüísticas. Isto não quer dizer que a amostra de nível (A) deixe de revelar discrepância entre as reações subjetivas (em ausência de fala gravada) e as objetivas (em face à fala gravada).

As possíveis explicações para tais atitudes, talvez estejam relacionadas ao maior realismo que os informantes que conformam esse nível demonstraram, no que diz respeito à posição que o Sudeste (São Paulo) e o Nordeste ocupam no contexto dos Estados brasileiros. Em decorrência disso passam eles a ter uma apreciação mais genuína dos valores locais, aprendendo a ver o "lado bonito" da realidade linguística e social nordestina.

Por outro lado, quando os informantes manifestaram atitudes positivas ao fazerem referência à fala nordestina, como sendo a mesma "bonita" e "agradável", poderiam estar aludindo ao próprio nível de fala a que pertencem.

Quando nos depoimentos encontram-se referências ao nível de fala "mais baixo", talvez estejam elas relacionadas ao que poderíamos chamar de "autêntico" para aquele que está considerando a fala do ponto de vista da expressividade (da liberdade de expressão).

Levando-se em conta que a literatura de cordel, os cantadores nordestinos, etc., vêm ganhando prestígio crescente nos ambientes intelectuais, isto provavelmente faz com que os informantes de nível (A) se voltem positivamente, cada vez mais, para os falares de sua região.

Deve ter contribuído, também, para a tomada de consciência do nível (A) quanto à fala e os valores culturais nordestinos, o "movimento tropicalista" surgido em 1967 em São Paulo, mas desencadeado no seio de um grupo de

artistas nordestinos (baianos), entre eles Gilberto Gil e Caetano Veloso.

O "tropicalismo", segundo Favaretto (1979) "surgiu como moda; dando forma a certa sensibilidade moderna, debochada, crítica e aparentemente não empenhada. (...) O trabalho dos tropicalistas configurou-se como uma desarticulação das ideologias, que nas diversas áreas artísticas visaram a interpretar a realidade nacional, sendo objeto de análises variadas - musical, literária, sociológica, política".

Quando se trata de fazer as atenções convergirem de modo mais positivo, não somente sobre Pernambuco, mas sobre o Nordeste em geral, os pernambucanos esquecem possíveis rixas com os baianos e concordam que estes foram os maiores responsáveis pelo movimento.

Quanto às hipóteses 3.0 e 4.0 levantadas nesta investigação, não possuímos dados que nos possibilitem uma análise diacrônica do que supomos acontecer. Para tanto seria necessário um levantamento fonológico e lexical.

Um levantamento fonológico deveria, a nosso ver, enfatizar os aspectos mais evidentes apontados pelos nordestinos (pernambucanos) nesta pesquisa os quais, segundo eles, diferenciam os falares de São Paulo e Pernambuco.

Tais diferenças estariam ligadas à qualidade das vogais menos posteriores e, é; mais posteriores o, ô e à palatalização das consoantes t e d antes da vogal i, pa

ra os pernambucanos.

Contudo a consideração de vários dados levantados durante a investigação, nos leva a acreditar na existência de um processo de "camuflagem lingüística" por parte dos informantes de nível sócio-econômico-cultural baixo.

Através do referido processo os mesmos tentariam imitar as características do falar de São Paulo, acreditando poderem fazer-se passar por paulistas.

As atitudes altamente positivas reveladas sobre o falar de São Paulo e em face dele; o desejo manifestado por número considerável de informantes de falar igual aos paulistas; o fato de os informantes com mais de dois anos em São Paulo considerarem que "falam quase como paulistas" e apresentarem, (conforme as gravações comprovam) comparativamente aos recém-chegados, modificações na fala, onde muitas vezes se observam hipercorreções, nos levam a acreditar que estudos aprofundados sobre estes aspectos venham a confirmar nossas hipóteses.

A visão dos informantes de nível (A) é bastante crítica em relação à posição dos nordestinos em São Paulo. As perguntas adicionais que foram feitas à esse nível (às quais já nos referimos), confirmam aspectos por nós supostos quando planejamos a pesquisa, quais sejam: Os nordestinos de nível (B) são estigmatizados em São Paulo.

Têm de São Paulo a "visão do Eldorado" e querem, quando voltam ao nordeste para visitar parentes e ami

gos, vender uma imagem, na maioria das vezes falsa, de que em São Paulo prosperaram, de que venceram. Lingüísticamente voltam tentando imitar o falar paulista, cometendo uma série de hipercorreções.

Do lado social, por analogia com o lingüístico - abusivamente falando - tais indivíduos cometem, também, hipercorreções mas, desta vez, "hipercorreções econômicas", na medida em que procuram cercar-se de objetos de consumo - símbolos de status social. Jogam, portanto, no interior da própria ideologia que os discrimina.

Lingüística e economicamente, quanto mais tais indivíduos tentam diminuir as diferenças, mais as aumentam.

O preconceito contra o nordestino faz parte de um processo social onde as "diferenças lingüísticas" apenas fornecem os dados mais evidentes para a discriminação que lhe é feita. As causas do preconceito estariam, então, a nosso ver, mais nas diferenças de ordem social do que lingüísticas.

O trabalho realizado considerou apenas dois níveis sociais, trabalhos futuros deveriam considerar também níveis sociais intermediários para verificar o que ocorre em termos das atitudes.

O número de informantes considerado na investigação poderá ser menor, dado que após um número determinado de entrevistas as respostas tendem a ser bastante recor

rentes.

Seria ideal a realização de uma pesquisa visando a observar as atitudes de paulistas em face das variedades lingüísticas nordestinas. Talvez tal estudo venha a confirmar que grande parte do preconceito de paulistas para com nordestinos está ligada a problemas de diferenças sociais, uma vez que uma observação bastante superficial e impressionista parece revelar que, mesmo os habitantes de São Paulo das classes menos favorecidas, se julgam superiores aos nordestinos colocados no mesmo extrato social.

10.0 - BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Amadeu. 1920. O Dialeto Caipira. São Paulo. Casa Editora "O Livro". (Ed. consultada, 3a., HUCITEC, 1976.)
- ASTI VERA, Armando. 1974. Metodologia da pesquisa científica. Porto Alegre. Ed. Globo.
- BÉGUIN, Louis Paul. 1975. "Le Français et l'Anglais". Le Devoir, p. 6, 12 sept.
- CARNEIRO, Edison. 1941. A linguagem popular da Bahia. Rio de Janeiro.
- CERVO, A.L. & BERVIAN, P.A. 1977. Metodologia Científica. 2a. ed. São Paulo. Ed. Mac Graw-Hill do Brasil LTDA.
- CORREIA DE ANDRADE, Manuel. 1973. 3a. ed. A terra e o homem no Nordeste. São Paulo. Ed. Brasiliense.
- DE MAURO, T. 1966. Introduzione alla semantica. Bari. Ed. La terza.
- DIVERSOS. 1978. A Clientela da CETREN- Características e Tipologia. Governo do Estado de São Paulo. Sec. da Promoção Social.
- FARIA, Joaquim J.B. 1959. Termos populares na criação de cavalos em Pernambuco. (Recife)
- FAVARETTO, Celso F. 1979. Tropicália, alegoria, alegria. São Paulo. Ed. Kairós.
- GUIDI, Maria Laís M. & DUARTE, Sérgio Guerra. 1969. "Um esquema de caracterização sócio-econômica". Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Vol. 52. (115): 65-82.
- HEAD, Brian F. 1973. "O estudo do 'r-caipira' no contexto social". Revista de Cultura Vozes, (8): 43-49, out.

- _____. 1975. "Subsídios do Atlas Prévio dos Falares Bai-
anos para o estudo de uma variante dialetal
controvertida". Texto mimeog. Apresentado ao
II Seminário de Estudos sobre o Nordeste
(Língua e Cultura Popular). Salvador, 24-27,
nov.
- ISABELA, José Roberto. 1978. "O migrante está chegando. (Sem mora-
dia, emprego, alimentação, etc.)". Jornal O
Migrante (10): 4-5, nov.
- LENARD, Andrietta. 1977. "Lealdade Lingüística em Rodeio".
Abertura - Lingüística. Santa Catarina. FURB.
(0): 10-27, dez.
- MACNAMARA, John. 1973. "Attitudes and learning a second lan-
guage". In: Shuy & Fasold, p. 36-40.
- MARROQUIM, Mário. 1943. A língua do Nordeste. São Paulo. Cia.
Ed. Nacional. (Ed. consultada: 2a., 1945.)
- OLIVEIRA, Francisco de. 1978. Elegia para uma Re(li)gião. 2a.
ed. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra.
- OPPENHEIM, A.N. 1966. Questionnaire design and attitude mea-
surement. New York. Basic Books, Inc., Publis-
hers.
- PALÁCIO, Adair Pimentel. 1978. "Flutuação da vogal pré-tônica
no dialeto do Recife". Trabalho não publicado.
- PEREIRA DA COSTA, F.A. 1916. "Apontamentos para um vocabulá-
rio de termos e frases populares e de vocá-
bulos correntes no Estado com acepções dife-
rentes". In: Revista do Instituto Arqueoló-
gico, Histórico e Geográfico Pernambucano.
(Recife). (XVII): 103-170; (XVIII): 269-279.
- RYAN, Ellen Bouchard. 1973. "Subjective reactions toward ac-
cented speech. In: Shuy & Fasold, p. 60-73.

- ROSSI, Nelson. 1965. Atlas Prévio dos Falares Baianos (Introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas.) Rio de Janeiro. MEC/INL.
- SAMPAIO, Bernardo P. 1961. "Língua Portuguesa no Brasil. (Algumas modalidades de falar nos estados da Bahia e São Paulo, Brasil.)" In. Revista de Portugal. (XXVI): 36-46; 78-95.
- SELLTIZ, C. et alii. 1975. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo. E.P.U./Ed. Universidade de São Paulo. 6a. reimpressão.
- SHUY, Roger W. & FASOLD, Ralph W. (eds.). 1973. Language Attitudes: Current Trends and Prospects. Washington. Georgetown University Press.
- SINGER, Paul. 1978. "O processo de migração interna é simultaneamente um processo de mudança na estrutura de classes do País". Jornal O Migrante, (8), mai/jun.
- SMITH, David M. 1973. "Language, speech and ideology: a conceptual framework". In: Shuy & Fasold, p.97-112.
- TAYLOR, Orlando L. 1973. "Teacher's attitudes toward Black and Nonstandard English as measured by the Language Attitude Scale". In: Shuy & Fasold, p. 174-201.
- UNIVAC. 1967. Large Scale Systems SSFR-9500 (Programa adaptado pelo Prof. Dr. Oswaldo Luiz Alves. Inst. de Química - UNICAMP).
- VIDAL, João. 1977. "O grande Nordeste". Jornal O Migrante (3): 12, mai.
- WEINREICH, Uriel. 1970. Languages in contact. Findings and problems. 2a. ed. The Hague-Paris. Mouton.
- WOLCK, Wolfgang. 1973. "Attitudes toward Spanish and Quechua

in Bilingual Peru". In: Shuy & Fasold, p. 129-147.

WILHAMS, Frederick. 1973. "Some research notes on dialect attitudes and stereotypes". In: Shuy & Fasold, p. 113 - 128.

Apêndice 1: FICHA DE HISTÓRICO PESSOAL DO INFORMANTE

1 - O informante

- 1.1 - nome
- 1.2 - idade
- 1.3 - naturalidade
- 1.4 - estado civil
- 1.5 - naturalidade da esposa
- 1.6 - escolaridade
- 1.7 - profissão:
 - 1.7.1 - no estado de origem
 - 1.7.2 - atualmente
- 1.8 - tempo de estada em São Paulo
- 1.9 - endereço atual
- 1.10 - nível social

2 - O pai

- 2.1 - nome
- 2.2 - nacionalidade
- 2.3 - naturalidade

3 - A mãe

- 3.1 - nome

3.2 - nacionalidade

3.3 - naturalidade

4 - Observações quanto ao comportamento geral do informante durante a entrevista:

Apêndice 2 - RELAÇÃO DOS INFORMANTES (INICIAIS DOS
NOMES) ORDENADOS NUMERICAMENTE SEGUNDO
A SEQUÊNCIA DAS GRAVAÇÕES.

1 - LCS	24 - JCT	47 - JRS	70 - JLS (II)	93 - JGNM
2 - GIC	25 - JAO	48 - CSL	71 - DXCL	94 - FMS
3 - JAS (I)	26 - NCS	49 - PLS	72 - CLF	95 - JJMN
4 - JSL	27 - ABN	50 - LLC	73 - MGLV	96 - AWOS
5 - JFS (I)	28 - RCRN	51 - OJS	74 - PEAB	97 - GTL
6 - JAS (II)	29 - DJS	52 - JSFF	75 - CJFS	98 - JPRL
7 - JAFF	30 - GCS	53 - GSS	76 - PAR	99 - SXS
8 - ABS	31 - IMS	54 - JFS (II)	77 - LPC	100 - ORA
9 - CBS	32 - RCS	55 - CAS	78 - JBC	101 - LMA
10 - MLS	33 - JMS	56 - DA	79 - EGCP	102 - JAS
11 - FFC	34 - ASS	57 - ANC	80 - ASCF	103 - LPC
12 - FJP	35 - JPC	58 - JLS (I)	81 - SSS	104 - CRC
13 - MTS	36 - JLC (II)	59 - PJCMP	82 - RXCP	105 - FAM
14 - OFA	37 - SSF	60 - HSR	83 - RVM	106 - CS
15 - JPL	38 - JSSF	61 - LAS	84 - UPF	107 - RBB
16 - SFS	39 - EFD	62 - CACMP	85 - AMA	108 - JC
17 - HJO	40 - JLC (III)	63 - GVS	86 - HAR	109 - GJS
18 - JLC (I)	41 - EASS	64 - JLO	87 - MBS	110 - OJS
19 - APM	42 - JNP	65 - FCL	88 - DBC	111 - ICCM
20 - FMP	43 - ESS	66 - ATM	89 - LVS	112 - MSM (I)
21 - MPS	44 - LOR	67 - MZF	90 - LGN	113 - HBS
22 - AOR	45 - AAS	68 - APMR	91 - AMS	114 - WAV
23 - IMS	46 - JAP	69 - JASL	92 - ABO	115 - MSM (II)
				116 - BSCB

Apêndice 3 - O QUESTIONÁRIO - ENTREVISTA

nível
social

número do
informante

Nome: _____

Naturalidade: _____

1 - Diga, em poucas palavras, o que você pensava de São Paulo, antes de vir para cá. Antes de conhecer São Paulo.

2 - As pessoas, na sua terra, têm uma fala (modo de falar) que você considera:

- a) Feia.
- b) Bonita.

3 - Em P/B⁽¹⁾ você:

- a) Ia bastante ao cinema?
- b) Era sócio de um bom clube?
- c) Lia muito?
- d) Vestia roupas caras?
- e) Comia carne sempre?
- f) Tomava muito leite?
- g) Assistia sempre à televisão?

4 - Já lhe aconteceu, aqui em São Paulo, reconhecer as pessoas da sua terra simplesmente ouvindo-as falar?

5 - No geral, as pessoas na sua terra, falam de modo:

- a) Agradável.
- b) Desagradável.

6 - Por que você deixou sua terra e veio para São Paulo?

7 - Tente dizer o que você acha da fala (modo de falar) das pessoas de P/B.

8 - Você veio para São Paulo:

- a) Para trabalhar?
- b) Para passear?
- c) Para visitar parentes ou amigos?
- d) Para tentar melhores condições de vida?
- e) Para cuidar da saúde?
- f) Por outros motivos.

9 - Existem diferenças na fala (modo de falar) de pessoas que moram em R/S. ⁽²⁾ Quais?

10 - Você veio para São Paulo, porque acreditava que:

	Sim	Não
1) Aqui seria mais feliz.		
2) Aqui conseguiria melhores empregos.		
3) Aqui teria uma vida mais folgada.		
4) Aqui iria se divertir bastante.		
5) Aqui ganharia bastante dinheiro.		
6) Aqui teria chances de estudar.		
7) Conseguiria melhores escolas para os seus filhos.		

11 - Existem, em São Paulo, alguns lugares aos quais você vai com muita freqüência? Quais são esses lugares?

- 12 - Você acredita que, estando aqui em São Paulo, as pessoas podem saber de onde você é, simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?
- 13 - Quando você compara a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, com a fala (modo de falar) das pessoas de São Paulo, você pode dizer que lá as pessoas falam:
- a) Depressa.
 - b) Muito depressa.
 - c) Devagar.
 - d) De forma arrastada.
- 14 - Homens e mulheres falam igual, ou você nota diferenças na fala do homem e da mulher?
- 15 - Em sua opinião, quais as melhores pessoas para você fazer amizade?
- 16 - Você conhece alguns P/B. Você acha que a fala deles (modo de falar), comparada com a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, mostra diferenças porque:
- a) Vocês falam de forma mais clara (se expressam melhor) que eles? sim
não
 - b) Eles falam muito cantado em relação a voces? sim
não
- 17 - Como você costuma se divertir aos sábados, domingos e feriados?
- 18 - Você gostaria de falar igual ao pessoal de São Paulo?

19 - Você distinguiria uma pessoa da Bahia, de outra de Pernambuco porque:

- a) Os pernambucanos têm fala carregada.
- b) Os baianos têm fala carregada.
- c) Pelo tipo físico.
- d) Tem outras pistas para o reconhecimento.

20 - No que trabalham seus melhores amigos? Eles são do Nordeste?

21 - Você conheceu, e teve contato, lá em sua terra, com pessoas de São Paulo? E com pessoas de sua terra que ficaram bastante tempo em São Paulo e depois voltaram?

22 - O que você comia em sua terra e o que come agora?

23 - Para que uma pessoa seja feliz (você está incluído):

	É muito importante	É pouco importante	É importante	Tanto faz
1. Ter amigos.				
2. Viajar bastante.				
3. Estudar.				
4. Ser inteligente.				
5. Ter muito dinheiro.				
6. Ter boas roupas (caras).				
7. Ter uma casa grande.				
8. Ter um bom emprego.				
9. Comprar o que bem entende.				
10. Crer em Deus.				
11. Não ter defeito físico.				
12. Ter uma boa companheira.				
13. Ter filhos saudáveis.				
14. Comer em bons restaurantes.				

- 24 - Existem diferenças na fala (modo de falar) das pessoas de R/S? Quais são as diferenças?
- 25 - Você teve contato, lá em sua terra, com pessoas de P/B? Quantas? Por quanto tempo?
- 26 - Logo que você chegou a São Paulo e teve contato com a cidade e com as pessoas, como você se sentiu? O que você pensou?
- 27 - Você reconhece o P/B por sua fala (modo de falar):
- a) Agradável.
 - b) Desagradável.
- 28 - (Para os recém-chagados.) Você acredita que com o passar dos anos estará falando como as pessoas de São Paulo? (Para pessoas com maior tempo em São Paulo.) Você acredita que sua fala mudou?
- 29 - Ricos e pobres falam igual ou você nota alguma diferença na fala deles?
- 30 - Em sua opinião como falam as pessoas de São Paulo?
- 31 - Quando você vê uma pessoa muito bem vestida, que você não conhece, se você tiver que relacionar esse fato à fala você tenderá a pensar:
- a) Essa pessoa deve falar bem.
 - b) Essa pessoa pode estar bem vestida mas isso não significa que fale bem.
 - c) As pessoas bem vestidas falam de modo difícil.
- 32 - Algum P/B já apontou diferenças no seu modo de falar,

comparativamente ao dele?

33 - Quais desses objetos você pensa levar para sua terra quando for visitar seus parentes e amigos?

Luvras; barbeador; casaco de couro; relógio automático; peruca; bola de futebol; capa de chuva; óculos de sol; anel com pedra; rádio de pilha; máquina fotográfica.

34 - Gravamos algumas pessoas falando. Você vai ouvir a gravação e nós gostaríamos de saber o que você pensa da fala (modo de falar), e também das pessoas que falam desse modo.

Obs.: A gravação será ouvida apenas uma vez.

A) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é:

- a) agradável
- b) pouco agradável
- c) desagradável

1 2 3 4 5 6

B) Pela fala dessa pessoa ela deve ser:

- a) rica
- b) pobre
- c) muito pobre
- d) mais ou menos

1 2 3 4 5 6

C) Ela deve ser uma pessoa:

- a) da Capital
- b) do Interior

1 2 3 4 5 6

D) Ela deve ser uma pessoa:

- a) ignorante (Com pouquíssimo estudo.)
- b) educada (Com escolarização bem sólida.)
- c) muito ignorante (Sem estudo nenhum.)

E) Ela deve ser uma pessoa:

- a) mentirosa
- b) sincera

F) Ela deve ser:

- a) feia
- b) bonita
- d) mais ou menos

G) Ela deve ser:

- a) desinibida
- b) tímida

H) Qual seria a profissão dessa pessoa?

- 1) professor; 2) feirante; 3) advogado; 4) operário;
- 5) lavrador; 6) negociante; 7) chacareiro; 8) chofer;
- 9) médico; 10) político; 11) padeiro; 12) pedreiro;
- 13) pintor de paredes; 14) carpinteiro; 15) dentista;
- 16) sapateiro, ou qualquer outra profissão não listada.

1 2 3 4 5 6

I) Essa pessoa fala como:

- a) baiano
- b) pernambucano
- c) paulista

1 2 3 4 5 6

- J) A fala dessa pessoa é agradável ou não? (somente para a fala 2)
- K) Quais as diferenças que você observa comparando a fala (modo de falar) dessa pessoa, com a fala (modo de falar) das pessoas da sua terra? (somente para fala 2).
- L) Você conseguiria imitar essa fala (modo de falar) (somente para a fala 2).
- M) Você acha que as pessoas que têm essa fala (que falam desse modo) são ricas ou pobres, de maneira geral? (somente para a fala 2).
- N) Qual dessas falas (modos de falar) é a mais agradável?
- a) Pta. (Paulista)
- b) Ptana. (Paulistana)

N O T A S

- (1) Foi usada a notação P/B para maior facilidade quando das entrevistas. Assim, sendo o entrevistado "baiano", perguntava-se sobre "P": Pernambuco e, vice-versa. Salvo os casos em que "P" e "B" referem-se, necessariamente, a Pernambuco e Bahia.
- (2) A notação R/S deve ser lida como "R": Recife e "S": Salvador e tem, em alguns casos, a mesma função dada a P/B, conforme a Nota (1).

Apêndice 4 - QUESTIONÁRIO DESDOBRADO

- 1 - Diga, em poucas palavras, o que você pensava de São Paulo antes de vir para cá. Antes de conhecer São Paulo.
- a. Manifestação de atitudes positivas realistas em relação a São Paulo.
 - b. Manifestação de atitudes positivas fantasiosas em relação a São Paulo.
 - c. Manifestação de atitudes negativas em relação a São Paulo.
 - d. Sem opinião formada sobre São Paulo.
 - e. Outras respostas.
- 2 - As pessoas, na sua terra, têm uma fala (modo de falar) que você considera:
- a. Feia.
 - b. Bonita.
- 3 - Em P/B você:
- a. Ia bastante ao cinema?
 - b. Assistia sempre à televisão?
 - c. Ambas as alternativas (a,b).
 - d. Nenhuma das alternativas anteriores.
- 4 - Em P/B você:
- a. Lia muito?
 - b. Tinha muitos amigos?
 - c. Ambas as alternativas (a,b).
 - d. Nenhuma das alternativas anteriores.

5 - Em P/B você:

- a. Era sócio de um bom clube?
- b. Vestia roupas caras?
- c. Ambas as alternativas (a,b).
- d. Nenhuma das alternativas anteriores.

6 - Em P/B você:

- a. Comia carne sempre?
- b. Tomava muito leite?
- c. Ambas as alternativas (a,b).
- d. Nenhuma das alternativas anteriores.

7 - Já lhe aconteceu, aqui em São Paulo, reconhecer as pessoas de sua terra simplesmente ouvindo-as falar?

- a. Sim.
- b. Não.
- c. Não, mas é possível.
- d. Não (por falta de oportunidade).
- e. Não precisamente de minha terra, mas do Nordeste.
- f. Outras respostas.

8 - No geral, as pessoas na sua terra, falam de modo:

- a. Agradável.
- b. Desagradável.

9 - Por que você deixou sua terra e veio para São Paulo?

- a. Simples aventura.
- b. Em busca de trabalho.
- c. Em busca de trabalho e melhores condições de vida.

- d. Para estudar.
- e. Para trabalhar e estudar.
- f. Para cuidar de problemas de saúde.
- g. Outras respostas.

10 - Tente dizer o que você acha da fala (modo de falar) das pessoas de P/B.

- a. Falam igual ao informante.
- b. Falam diferente do informante (não soube apontar as diferenças).
- c. Falam diferente do informante (apontou diferenças genéricas).
- d. Falam diferente do informante (fez comparações com outras falas).
- e. Falam diferente do informante (fator: condicionamento social).
- f. Falam diferente do informante (apontou diferenças prosódicas).
- g. Falam diferente do informante (apontou diferenças ligadas ao ritmo).
- h. Falam diferente do informante (apontou diferenças ligadas ao léxico; gíria).
- i. Falam diferente do informante (apontou diferenças fonológicas).
- j. Outras respostas.

11 - Você veio para São Paulo:

- a. Para trabalhar?

- b. Para tentar melhores condições de vida?
- c. Ambas as alternativas (a,b).
- d. Nenhuma das alternativas anteriores.

12 - Você veio para São Paulo:

- a. Para passear?
- b. Visitar parentes ou amigos?
- c. Ambas as alternativas (a,b).
- d. Nenhuma das alternativas anteriores.

13 - Você veio para São Paulo:

- a. Para cuidar da saúde?
- b. Para estudar?
- c. Por outros motivos?
- d. Nenhuma das alternativas anteriores.

14 - Existem diferenças na fala (modo de falar) de pessoas que moram em R/S e no interior? Quais?

- a. Não.
- b. Os habitantes da Capital falam melhor que os habitantes do Interior. (Fator: estudo; condicionamento social.)
- c. Falam diferente. (Não soube apontar as diferenças.)
- d. Habitantes do Interior falam de modo mais autêntico.
- e. Falam de modo diferente. (Apontou aspectos genéricos.)
- f. Falam diferente. (Apontou diferenças pro

sódicas.)

- g. Falam diferente. (Apontou diferenças li gadas ao ritmo.)
- h. Falam diferente. (Apontou diferenças rela cionadas ao léxico; gíria.)
- i. Falam diferente. (Apontou diferenças fo nológicas).

15 - Você veio para São Paulo, porque acreditava que:

- a. Aqui seria mais feliz?
- b. Aqui teria uma vida mais folgada?
- c. Ambas as alternativas (a,b).
- d. Nenhuma das alternativas anteriores.

16 - Você veio para São Paulo, porque acreditava que:

- a. Aqui conseguiria melhores empregos?
- b. Aqui ganharia mais dinheiro?
- c. Ambas as alternativas (a,b).
- d. Nenhuma das alternativas anteriores.

17 - Você veio para São Paulo porque acreditava que:

- a. Iria se divertir bastante?
- b. Teria chances de estudar?
- c. Ambas as alternativas (a,b).
- d. Nenhuma das alternativas anteriores.

18 - Você veio para São Paulo, porque acreditava que:

- a. Conseguiria melhores escolas para seus filhos?
- b. Não acreditava conseguir melhores escolas

para os filhos.

- c. O informante embora sendo solteiro cogi-
tava de melhores escolas para os filhos,
futuramente, em São Paulo.

19 - Existem, em São Paulo, alguns lugares aos quais você vai
com muita freqüência? Quais são esses lugares?

- a. Lugares públicos com grande incidência de
nordestinos.
- b. Casa de amigos ou parentes.
- c. Bares.
- d. Cinema e teatro.
- e. Lugares públicos (Sem as características
daqueles freqüentados pelo nível B.)
- f. Não.
- g. Bar, cinema, teatro.
- h. Bar, cinema, teatro, casa de amigos ou pa-
rentes.
- i. Outras respostas.

20 - Você acredita que, estando aqui em São Paulo, as pessoas
podem saber de onde você é, simplesmente pela maneira co-
mo você fala? Por quê?

- a. Sim. Sem justificar.
- b. Não. Sem justificar.
- c. Sim. Do Nordeste mas sem saber o estado.
- d. Sim. (Apontou aspectos genéricos.)
- e. Sim. (Apontou diferenças prosódicas.)

- f. Sim. (apontou diferenças ligadas ao ritmo.)
- g. Sim. (Apontou diferenças ligadas ao léxi
co; gíria.)
- h. Sim. (Apontou aspectos fonológicos.)

21 - Quando você compara a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, com a fala (modo de falar) das pessoas de São Paulo, você pode dizer que em sua terra as pessoas falam:

- a. Depressa.
- b. Muito depressa.
- c. Devagar.
- d. De forma arrastada.
- e. Com a mesma velocidade.
- f. Outras respostas.

22 - Homens e mulheres falam igual, ou você nota diferenças na fala do homem e da mulher?

- a. Sim. Falam igual.
- b. Não. Falam diferente. (Não apontou as di
ferenças.)
- c. Não. Falam diferente. (Fator: condiciona
mento social.)
- d. Não. Falam diferente. (Apontou caracterís
ticas próprias da fala do homem e da
mulher.)
- e. Não. Falam diferente. (Apontou diferenças
genéricas.)

- f. Não. Falam diferente. (Apontou diferenças prosódicas.)
- g. Não. Falam diferente. (Apontou diferenças relacionadas ao ritmo.)
- h. Não. Falam diferente. (Apontou diferenças relacionadas ao léxico, gíria.)

23. - Em sua opinião, quais as melhores pessoas para você fazer amizade?

- a. Apontou características individuais, não de procedência.
- b. Paulistas.
- c. Nordestinos.
- d. Familiares.
- e. Disse não fazer distinção.
- f. Pessoas de outros estados.
- g. Enfatizou o aspecto profissional.
- h. Outras respostas.

24 - Você conhece alguns P/B. Você acha que a fala deles (modo de falar), comparada com a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, mostra diferenças porque:

Vocês falam de forma mais clara (se expressam melhor) que eles?

- a. Sim.
- b. Não.
- c. Outras respostas.

25 - Você conhece alguns P/B. Você acha que a fala deles (mo

do de falar) comparada com a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, apresenta diferenças porque:

Eles falam muito cantado em relação a vocês?

- a. Sim.
- b. Não.
- c. Outras respostas.

26 - Como você costuma se divertir aos sábados, domingos e feriados?

- a. Vendo TV.
- b. Indo à casa de amigos.
- c. Indo ao cinema ou ao teatro.
- d. Indo ao futebol.
- e. Indo a bares e festas.
- f. Saindo com a família.
- g. Não se divirte.
- h. Indo passear em lugares públicos.
- i. Outras respostas.

27 - Você gostaria de falar igual ao pessoal de São Paulo?

- a. Sim. Sem justificar.
- b. Não. Sem justificar.
- c. Sim. Manifestou atitudes positivas em relação ao falar de São Paulo.
- d. Não. Disse que estaria se despersonalizando.
- e. Não. Disse estar satisfeito com o próprio modo de falar. (Lealdade Lingüística.)

f. Outras respostas.

28 - Você distinguiria uma pessoa da Bahia de uma de Pernambuco porque:

- a. Os pernambucanos têm fala carregada.
- b. Os baianos têm fala carregada.
- c. Pelo tipo físico.
- d. Tem outras pistas para o reconhecimento.

29 - No que trabalham seus melhores amigos? Eles são do Nordeste?

- a. Na mesma profissão do informante e maioria do Nordeste.
- b. Em profissão diferente da do informante, mas de mesmo status e maioria do Nordeste.
- c. Em profissão de status mais baixo que a do informante e maioria do Nordeste.
- d. Em profissão de status mais alto que a do informante e maioria do Nordeste.
- e. Mesma profissão do informante e minoria do Nordeste.
- f. Profissão de status mais baixo que a do informante e minoria do Nordeste.
- g. Profissão igual ou diferente da do informante, mas com o mesmo status e minoria do Nordeste.

30 - Você conheceu, e teve contato, lá em sua terra, com pessoas de São Paulo?

- a. Não.
- b. Sim. Com poucas pessoas (de 1 a 4), por pouco tempo (menos de 1 mês).
- c. Sim. Com poucas pessoas (de 1 a 4), por tempo significativo (mais de 1 mês).
- d. Sim, com várias pessoas (mais de 4), por pouco tempo (menos de 1 mês).
- e. Sim. Com várias pessoas (mais de 4), por tempo significativo (mais de 1 mês).

31 - E com pessoas de sua terra que ficaram bastante tempo em São Paulo e depois voltaram? (Você teve contato?).

- a. Sim.
- b. Não.

32 - O que você comia em sua terra e o que come agora?

- a. Qualitativamente a mesma dieta alimentar.
- b. Dieta qualitativamente superior no próprio estado do informante.
- c. Dieta qualitativamente superior em São Paulo.
- d. Dieta qualitativamente inferior no estado do informante.
- e. Dieta qualitativamente inferior em São Paulo.

33 - Existem diferenças na fala (modo de falar) das pessoas de R/S? Quais são as diferenças?

- a. Não sabe.

- b. Falam de forma semelhante. (Fator: R/S são capitais.)
- c. Sim. Existem diferenças. (Não apontou quais.)
- d. Sim. Existem diferenças. (Manifestou atitudes positivas em relação à capital de seu estado e negativas quanto à do outro.)
- e. Sim. Existem diferenças. (Manifestou atitudes negativas em relação à capital de seu estado e positivas quanto à do outro.)
- f. Sim. Existem diferenças. (Apontou diferenças genéricas.)
- g. Sim. Existem diferenças. (Apontou aspectos prosódicos.)
- h. Sim. Existem diferenças. (Relacionadas ao léxico e gíria.)
- i. Sim. Existem diferenças. (Apontou diferenças fonológicas.)

34 - Você teve contato, lá em sua terra, com pessoas de P/B? Quantas? Por quanto tempo?

- a. Sim. Com poucas pessoas (de 1 a 4), por pouco tempo, (menos de 1 mês).
- b. Sim. Com poucas pessoas (de 1 a 4), por tempo significativo (mais de 1 mês).
- c. Sim. Com várias pessoas (mais de 4), por tempo pouco significativo (menos de 1 mês).

- d. Sim. Com várias pessoas (mais de 4), por tempo significativo (mais de um mês).

35 - Logo que você chegou a São Paulo e teve contato com a cidade e com as pessoas, como você se sentiu? O que você pensou?

- a. Reações psicológicas positivas. Pensamentos positivos.
- b. Reações psicológicas positivas. Pensamentos negativos.
- c. Reações psicológicas negativas. Pensamentos positivos.
- d. Reações psicológicas negativas. Pensamentos negativos.
- e. Outras respostas.

36 - Você reconhece o P/B por sua fala (modo de falar):

- a. Agradável.
- b. Desagradável.
- c. Outras respostas.

37 - (Para os recém-chegados.) Você acredita que, com o passar dos anos, estará falando como as pessoas de São Paulo?

(Para pessoas com maior tempo em São Paulo.) Você acredita que sua fala mudou?

- a. Sim.
- b. Não.
- c. Outras respostas.

38 - Ricos e pobres falam igual ou você nota alguma diferença na fala deles?

- a. Ricos e pobres falam igual.
- b. Rico fala melhor que pobre. (Fator: dinheiro.)
- c. Rico fala melhor que pobre. (Fator: dinheiro que leva ao estudo.)
- d. Rico fala melhor que pobre. (Somente fator estudo, sem falar em dinheiro.)
- e. Rico fala melhor que pobre. (Fator: meio, convivência.)
- f. Rico sem estudo fala como pobre.

39 - Em sua opinião como falam as pessoas de São Paulo?

- a. Falam semelhante ao nordestino.
- b. Manifestou atitudes positivas frente ao falar de São Paulo.
- e. Manifestou atitudes negativas frente ao falar de São Paulo e positivas frente ao próprio.
- d. Falam diferente do nordestino. (Apontou características da voz.)
- e. Falam diferente do nordestino. (Apontou diferenças prosódicas.)
- f. Falam diferente do nordestino. (Apontou diferenças relacionadas ao ritmo.)
- g. Falam diferente do nordestino. (Apontou

diferenças relacionadas a gíria e léxico.)

h. Falam diferente do nordestino. (Apontou diferenças fonológicas.)

i. Falam diferente do nordestino. (Apontou diferenças sintáticas.)

j. Falam diferente do nordestino. (Apontou diferenças genéricas.)

k. Outras respostas.

40 - Quando você vê uma pessoa muito bem vestida, que você não conhece, se você tiver que relacionar esse fato à fala você tenderá a pensar:

a. Essa pessoa deve falar bem.

b. Essa pessoa pode estar bem vestida mas isso não significa que fale bem.

c. As pessoas bem vestidas falam de modo difícil.

41 - Algum P/B já apontou diferenças no seu modo de falar, comparativamente ao dele?

a. Sim.

b. Não.

c. Nunca falamos sobre o assunto.

42 - Quais dessas coisas você pensa levar para sua terra quando for visitar seus parentes e amigos?

a. Objetos de ostentação.

b. Roupas.

c. Objetos de ostentação e roupas.

- d. Produtos regionais e artesanato.
- e. Material cultural
- f. Outras.

OBSERVAÇÃO

Visto que as mesmas questões foram feitas sobre as 6 amostras de fala que funcionaram como estímulo, visando economizar espaço, damos na seqüência um quadro relacionando as falas, bem como as questões a elas referentes. (Questões 43 a 96.)

FALA 1	FALA 2	FALA 3	FALA 4	FALA 5	FALA 6
43 - A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é: a. Agradável <u>b.</u> Pouco agradável. c. Desagradável.	52	61	70	79	88
44 - Pela fala dessa pessoa ela deve ser: a. Rica. <u>b.</u> Pobre. c. Muito pobre. d. Mais ou menos.	53	62	71	80	89
45 - Ela deve ser uma pessoa: a. Da Capital. <u>b.</u> Do Interior.	54	63	72	81	90
46 - Ela deve ser uma pessoa: a. Ignorante. (Com pouquíssimo estudo.) <u>b.</u> Educada. (Com escolarização bem sólida.) c. Muito ignorante. (Sem estudo nenhum.)	55	64	73	82	91
47 - Ela deve ser uma pessoa: a. Mentirosa. <u>b.</u> Sincera. c. Outras respostas	56	65	74	83	92

(segue)

FALA 1	FALA 2	FALA 3	FALA 4	FALA 5	FALA 6
48 - Ela deve ser: a. Feia. b. Bonita. c. Mais ou menos.	57	66	75	84	93
49 - Ela deve ser: a. Desinibida. b. Tímida.	58	67	76	85	94
50 - Qual seria a profissão desta pessoa? a. Professor. b. Feirante. c. Advogado. d. Operário. e. Lavrador. f. Negociante. g. Chacareiro. h. Chofer. i. Médico. j. Político. k. Padeiro. l. Pedreiro. m. Pintor de Paredes. n. Carpinteiro. o. Dentista. p. Sapateiro. q. Outras.	59	68	77	86	95
51 - Essa pessoa fala como: a. Baiano. b. Pernambucano. c. Paulista. d. Outras respostas.	60	69	78	87	96

97 - A fala dessa pessoa é agradável ou não?

a. Manifestou atitudes positivas em relação ao falar.

b. Manifestou atitudes negativas em relação ao falar.

c. Ficou num meio termo.

98 - Quais as diferenças que você observa comparando a fala (modo de falar) dessa pessoa, com a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra?

- a. Não tem diferença.
- b. É diferente. (Apontou diferenças genéricas.)
- c. É diferente. (Apontou diferenças prosódicas.)
- d. É diferente. (Fez alusões quanto ao ritmo.)
- e. É diferente. (Apontou diferenças fonológicas.)

99 - Você conseguiria imitar essa fala (modo de falar)?

- a. Sim. (Mas não imitou.)
- b. Sim. Enfatizou a diferente realização do r mas não reproduziu o retroflexo.
- c. Sim. Enfatizou o r e reproduziu o retroflexo.
- d. Sim. Enfatizou aspectos genéricos, somente.
- e. Disse não conseguir imitar por não saber fazer imitações.

100 - Você acha que as pessoas que têm essa fala (que falam desse modo), são ricas ou pobres, de maneira geral?

- a. Ricas.
- b. Pobres.
- c. "Remediadas".
- d. Indiferentemente: tanto ricos quanto pobres.
- e. Outras.

101 - Qual dessas falas (modos de falar), é a mais agradável?

- a. Paulista.
- b. Paulistana.

OBSERVAÇÃO:

As questões seguintes, conforme informações dadas à página 66, só foram feitas a informantes de nível (A).

102 - Como é recebido, em São Paulo, o nordestino de nível sócio-econômico-cultural baixo (B), que vem a procura de emprego e melhores condições de vida?

- a. Bem.
- b. Mal.
- c. Regularmente.
- d. Outras respostas.

103 - Como é recebido, em São Paulo, o nordestino de nível sócio-econômico-cultural alto (A), que vem para estudar, assumir postos de liderança em empresas, etc.?

- a. Bem.
- b. Mal.
- c. Regularmente.
- d. Melhor que (B).
- e. Tão mal recebido quanto (B).
- f. Outras respostas.

104 - Que imagem o nordestino (B) quer transmitir quando volta ao Nordeste para rever parentes e amigos?

- a. Que estava muito bem, valendo-se da os tentação de argumentos materiais.
- b. Que estava muito bem, sem ostentação.
- c. Que estava mal.
- d. Fala das condições reais da vida que le va em São Paulo.
- e. Outras respostas.

105 - E o nordestino (A), que imagem quer transmitir quando volta ao Nordeste em visita a parentes e amigos?

- a. Que estava muito bem, ostentando superio ridade.
- b. A imagem real de São Paulo.
- c. Não quer vender imagem alguma.
- d. Outras respostas.

106 - O nordestino nível (A) que aqui em São Paulo tem acesso a uma tecnologia avançada, instrumentação sofisticada, etc., quando volta para morar no Nordeste tenta adaptar os conhecimentos adquiridos em São Paulo às condições locais nordestinas, ou acomoda-se, dizendo não poder produzir tanto quanto em São Paulo, por falta de recu sos?

- a. Acomoda-se.
- b. Não. Esforça-se por conseguir condições.
- c. Outras respostas.

TABELA 14 - Apêndice 5

RESULTADOS, EM PORCENTAGEM, DAS RESPOSTAS OBTIDAS PELA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO-ENTREVISTA A INFORMANTES PERNAMBUCANOS^(1,2)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
001	a	71	75	85	75	40	40	40	33
	b	-	25	-	-	40	50	60	66
	c	28	-	-	-	20	-	-	-
	d	-	-	14	-	-	-	-	-
	e	-	-	-	25	-	10	-	-
002	a	14	-	28	25	40	30	40	44
	b	85	100	71	75	60	70	60	55
003	a	57	75	85	62	20	-	-	-
	b	-	-	-	-	20	20	40	22
	c	28	25	14	-	40	40	40	44
	d	14	-	-	37	20	40	20	33
004	a	14	25	14	13	-	20	-	-
	b	14	-	-	13	40	10	20	66
	c	71	75	71	75	20	50	60	22
	d	-	-	14	-	40	20	20	11
005	a	28	25	28	25	-	-	-	11
	b	14	-	-	13	20	20	20	-
	c	-	-	28	13	-	10	-	22

(segue)

- 1) As perguntas foram desdobradas do questionário-entrevista original, segundo informações dadas na Nota 1, página 80.
- 2) Foi mantida a mesma ordem do questionário original (Apêndice 3)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
006	d	57	75	43	50	80	70	80	66
	a	28	25	28	13	20	50	-	11
	b	-	-	-	13	20	10	-	-
	c	71	75	57	62	40	40	60	44
007	d	-	-	14	13	20	-	40	44
	a	71	50	71	75	40	80	60	77
	b	-	25	-	13	20	10	-	-
	c	-	-	-	-	20	-	-	-
	d	-	-	-	-	-	10	-	-
	e	28	25	28	13	-	-	40	11
008	f	-	-	-	-	20	-	-	11
	a	71	100	85	87	60	80	80	77
009	b	28	-	14	13	40	20	20	22
	a	-	-	-	-	20	-	-	-
	b	-	-	14	13	20	50	40	44
	c	-	-	28	13	40	50	60	44
	d	43	100	14	25	-	-	-	-
	e	43	-	29	37	-	-	-	-
	f	-	-	-	-	-	-	-	-
010	g	14	-	14	13	20	-	-	11
	a	14	-	-	-	-	20	-	22
	b	-	-	29	-	-	10	40	-
	c	57	25	28	25	60	40	20	55
	d	-	-	14	37	20	10	-	-
	e	14	-	-	-	-	-	-	-
	f	-	-	-	-	-	-	-	-
	g	-	-	14	13	-	-	-	-
	h	-	25	-	13	-	-	-	-

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
011	i	-	50	-	13	-	-	-	-
	j	14	-	14	-	20	20	40	22
	a	42	-	28	37	-	10	20	-
	b	-	-	-	-	-	-	-	-
012	c	-	-	28	37	100	90	80	100
	d	57	100	43	25	-	-	-	-
	a	-	-	-	-	-	10	-	-
	b	14	-	-	-	20	-	-	11
013	c	-	-	-	-	-	10	-	11
	d	85	100	100	100	80	80	100	77
	a	-	-	-	-	20	60	60	22
	b	85	-	85	100	-	-	-	-
014	c	14	-	-	-	-	-	-	-
	d	-	100	14	-	80	40	40	77
	a	-	-	-	-	-	20	-	22
	b	14	50	14	50	40	20	80	44
015	c	-	-	-	-	20	-	-	-
	d	29	-	14	-	-	-	-	-
	e	-	-	-	-	-	-	-	-
	f	-	-	-	13	-	-	-	-
	g	28	-	29	-	-	20	-	-
	h	14	25	14	13	20	-	20	22
	i	14	25	28	25	20	40	-	11
	a	28	-	43	-	-	10	-	11
	b	14	-	14	37	-	-	-	11
	c	14	25	-	25	100	90	80	77
	d	43	75	43	37	-	-	20	-

[segue]

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
016	a	14	25	28	-	-	-	-	-
	b	-	-	-	-	-	-	-	-
	c	43	50	57	62	100	100	80	100
	d	43	25	14	37	-	-	20	-
017	a	-	-	-	-	-	-	-	11
	b	57	75	85	62	20	20	60	44
	c	28	25	14	37	60	80	40	33
	d	14	-	-	-	20	-	-	11
018	a	28	25	42	13	40	30	60	44
	b	71	75	57	75	-	10	20	22
	c	-	-	-	13	60	60	20	33
019	a	-	-	-	-	40	20	80	44
	b	14	-	-	13	-	-	-	22
	c	14	-	14	-	-	-	-	-
	d	29	50	29	13	-	-	-	-
	e	-	-	-	25	-	-	20	11
	f	-	25	14	13	60	70	-	22
	g	-	-	-	13	-	-	-	-
	h	29	25	29	11	-	-	-	-
020	i	14	-	14	13	-	10	-	-
	a	-	-	-	-	-	20	-	-
	b	14	25	14	13	20	10	-	-
	c	57	50	43	50	40	-	20	33
	d	28	25	28	13	40	30	80	55
	e	-	-	-	-	-	10	-	-
	f	-	-	-	-	-	10	-	-
	g	-	-	-	-	-	10	-	-
h	-	-	14	25	-	10	-	11	

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
021	a	14	-	14	13	20	40	20	11
	b	14	-	-	-	-	10	-	-
	c	43	25	43	25	40	10	60	11
	d	29	50	43	50	40	40	20	66
	e	-	25	-	13	-	-	-	-
	f	-	-	-	-	-	-	-	-
022	a	43	25	42	50	20	30	40	33
	b	-	-	-	-	-	-	-	-
	c	14	-	-	-	20	10	-	-
	d	-	-	29	-	-	10	-	-
	e	-	-	-	-	20	-	-	-
	f	14	50	14	13	40	30	-	44
	g	14	25	14	37	-	20	60	22
	h	14	-	-	-	-	-	-	-
023	a	71	75	85	62	60	40	60	33
	b	-	-	-	-	20	10	-	11
	c	-	-	-	13	20	10	-	-
	d	-	-	-	-	-	20	40	-
	e	14	25	14	-	-	-	-	11
	f	-	-	-	-	-	-	-	-
	g	14	-	-	13	-	20	-	-
	h	-	-	-	13	-	-	-	44
024	a	14	50	-	25	60	90	40	44
	b	71	50	100	62	40	10	60	33
	c	14	-	-	13	-	-	-	22
025	a	28	-	28	50	60	70	60	55
	b	71	75	71	50	40	30	40	33
	c	-	25	-	-	-	-	-	11

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2	
026	a	14	-	-	13	20	10	-	-	
	b	29	25	14	13	-	10	20	-	
	c	42	50	43	22	-	-	-	22	
	d	-	-	-	26	40	30	20	11	
	e	14	25	29	13	20	10	-	11	
	f	-	-	-	-	-	20	-	33	
	g	-	-	-	-	-	-	20	-	
	h	-	-	-	-	20	20	40	22	
	i	-	-	14	13	-	-	-	-	
	027	a	-	-	-	-	20	-	-	11
		b	-	-	-	-	-	-	40	11
c		-	-	-	-	60	70	20	33	
d		28	25	14	13	-	-	20	11	
e		57	50	71	87	20	20	20	22	
f		14	25	14	-	-	10	-	11	
028	a	14	25	43	-	-	30	-	22	
	b	14	-	14	-	60	40	80	33	
	c	-	25	14	13	20	10	20	22	
	d	71	50	28	87	20	20	-	22	
029	a	14	50	-	25	-	30	20	-	
	b	43	50	100	37	80	50	40	44	
	c	14	-	-	25	-	-	-	-	
	d	-	-	-	-	20	20	20	-	
	e	14	-	-	13	-	-	20	33	
	f	-	-	-	-	-	-	-	-	
	g	14	-	-	-	-	-	-	22	
030	a	57	50	57	62	60	60	100	77	
	b	14	-	-	-	-	-	-	-	

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
031	c	14	-	-	-	-	-	-	11
	d	-	25	-	-	-	10	-	-
	e	14	25	42	37	40	30	-	11
032	a	28	100	42	37	60	70	20	55
	b	71	-	57	62	40	30	80	44
033	a	28	25	42	25	40	50	60	22
	b	14	25	14	13	20	40	40	33
	c	57	50	43	62	20	10	-	33
	d	-	-	-	-	-	-	-	11
	e	-	-	-	-	20	-	-	-
	a	14	25	14	-	20	30	40	-
	b	14	-	-	13	-	30	-	11
034	c	-	-	-	13	40	-	-	-
	d	-	-	-	13	-	-	-	11
	e	-	-	-	-	-	10	-	-
	f	29	-	14	-	20	-	20	33
	g	-	-	-	-	20	10	-	-
	h	29	25	-	-	-	20	-	-
	i	14	50	71	62	-	-	40	44
	a	14	-	28	37	40	50	60	66
	b	-	-	-	13	-	-	-	-
	c	57	-	28	25	20	10	-	11
	d	28	100	43	25	40	40	40	22
035	a	28	-	14	37	60	50	20	55
	b	-	25	28	-	20	-	20	22
	c	-	-	-	25	-	50	40	11

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
036	d	57	75	57	25	20	-	20	11
	e	14	-	-	13	-	-	-	-
037	a	71	100	71	75	40	20	60	11
	b	28	-	28	13	60	80	40	88
	c	-	-	-	13	-	-	-	-
038	a	-	-	85	100	80	90	60	88
	b	100	100	14	-	20	-	40	11
	c	-	-	-	-	-	10	-	-
039	a	-	-	-	-	20	20	-	-
	b	-	-	-	-	-	10	20	22
	c	43	75	56	49	20	10	-	-
	d	43	-	14	25	-	-	-	11
	e	-	-	29	25	20	10	20	11
	f	14	25	-	-	40	50	60	55
	a	-	-	-	-	-	10	-	-
040	b	14	-	14	25	80	70	60	88
	c	14	-	14	25	-	10	-	-
	d	-	-	-	-	-	-	-	11
	e	-	-	-	13	-	-	-	-
	f	-	-	28	-	-	-	-	-
	g	-	-	-	-	20	-	-	-
	h	43	50	43	37	-	10	40	-
	i	-	25	-	-	-	-	-	-
	j	28	-	-	-	-	-	-	-
	k	-	25	-	-	-	-	-	-
	a	28	50	57	25	40	40	40	11
b	57	50	42	62	40	50	60	88	
c	14	-	-	13	20	10	-	-	

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
041	a	42	25	28	13	40	60	60	55
	b	57	75	71	87	40	30	40	44
	c	-	-	-	-	20	10	-	-
042	a	-	-	-	-	80	50	40	55
	b	-	25	29	-	-	-	-	-
	c	-	-	-	-	20	40	20	11
	d	28	50	29	25	-	-	-	11
	e	43	-	14	-	-	-	-	-
	f	28	25	29	13	-	10	40	22
043	a	57	75	85	75	60	50	40	55
	b	28	25	-	25	40	20	40	44
	c	14	-	14	-	-	30	20	-
044	a	14	-	-	-	-	-	40	11
	b	28	-	14	-	20	20	-	33
	c	-	-	-	-	-	10	-	-
	d	57	100	85	100	80	70	60	55
045	a	100	50	85	62	60	50	60	66
	b	-	50	14	37	40	50	40	33
046	a	42	25	-	13	40	30	-	22
	b	57	75	100	87	60	70	100	77
	c	-	-	-	-	-	-	-	-
047	a	14	-	14	-	20	20	20	33
	b	85	100	85	100	80	80	80	66
048	a	-	25	14	-	20	10	20	22
	b	-	25	14	-	-	40	-	11

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2	
049	c	100	50	71	100	80	50	80	66	
	a	85	50	71	62	60	70	100	66	
050	b	14	50	28	37	40	30	-	33	
	a	14	-	14	37	20	20	60	-	
	b	-	25	-	-	-	10	-	-	
	c	-	-	14	-	-	-	-	11	
	d	-	25	-	-	20	20	-	22	
	e	29	-	-	13	40	10	20	22	
	f	14	25	43	-	-	-	-	-	
	g	-	-	-	-	-	-	-	-	
	h	-	-	-	-	-	-	20	22	
	i	-	-	-	-	-	10	-	-	
	j	-	-	-	-	20	20	-	11	
	k	-	-	-	-	-	-	-	-	
	l	-	-	-	-	13	-	10	-	11
	m	-	-	-	-	-	-	-	-	
	n	-	-	-	-	-	-	-	-	
o	-	-	-	-	-	-	-	-		
p	-	-	-	-	-	-	-	-		
q	43	25	28	37	-	-	-	-		
051	a	42	25	28	13	20	30	20	11	
	b	57	75	57	62	60	60	60	77	
	c	-	-	-	-	20	10	20	11	
	d	-	-	14	25	-	-	-	-	
052	a	43	50	42	50	80	80	80	77	
	b	28	25	57	37	-	20	-	11	
	c	28	25	-	13	20	-	20	11	
053	a	-	-	-	13	20	30	-	22	

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
054	b	42	25	42	25	-	30	-	22
	c	-	-	-	-	-	-	20	-
	d	57	75	57	62	80	40	80	55
055	a	14	50	-	25	60	70	40	77
	b	85	50	100	75	40	30	60	22
056	a	57	50	57	37	40	20	20	-
	b	42	50	42	50	60	70	80	100
	c	-	-	-	13	-	10	-	-
057	a	-	50	14	-	20	10	20	-
	b	100	50	85	87	80	90	80	100
	c	-	-	-	13	-	-	-	-
058	a	28	-	28	-	-	10	20	11
	b	-	-	28	-	40	-	-	11
	c	71	100	43	100	60	90	80	77
059	a	85	75	85	75	60	70	60	88
	b	14	25	14	25	40	30	40	11
059	a	-	-	-	13	40	10	-	-
	b	-	-	29	-	20	-	-	-
	c	-	-	-	-	-	10	-	-
	d	-	-	14	13	20	-	20	-
	e	-	25	29	13	-	-	20	33
	f	43	25	14	36	20	-	-	11
	g	-	25	-	13	-	10	20	-
	h	-	25	-	13	-	30	-	11
	i	-	-	14	-	-	20	-	22
	j	14	-	-	-	-	-	-	-
	k	-	-	-	-	-	-	-	-

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
060	l	-	-	-	-	-	-	-	-
	m	-	-	-	-	-	-	-	-
	n	14	-	-	-	-	-	40	-
	o	-	-	-	-	-	-	-	-
	p	28	-	-	-	-	20	-	22
061	a	14	-	-	25	20	30	-	11
	b	28	25	14	13	40	30	40	33
	c	57	75	85	62	40	40	60	55
062	a	57	75	57	75	60	40	40	55
	b	14	-	42	25	40	30	40	22
	c	28	25	-	-	-	30	20	22
063	a	-	-	-	-	20	-	-	11
	b	57	50	71	75	20	30	-	44
	c	14	50	28	25	-	10	20	11
	d	28	-	-	-	60	60	80	33
064	a	-	-	-	-	40	60	-	33
	b	100	100	100	100	60	40	100	66
065	a	57	50	57	75	40	30	-	44
	b	14	-	-	25	60	70	80	55
	c	28	50	42	-	-	-	20	-
066	a	-	-	14	-	-	20	20	11
	b	100	100	85	100	100	80	80	88
	a	14	50	28	25	20	30	20	11
	b	-	-	-	13	-	10	-	-
	c	85	50	71	62	80	60	80	88

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
067	a	57	25	28	25	100	70	40	66
	b	42	75	71	75	-	30	60	33
068	a	-	-	-	-	-	20	-	11
	b	14	-	14	-	-	-	-	-
	c	-	-	-	-	-	10	-	-
	d	29	25	28	13	-	-	40	11
	e	43	75	43	62	40	30	20	33
	f	-	-	-	13	20	10	20	11
	g	-	-	-	-	-	-	-	-
	h	-	-	-	-	20	-	-	-
	i	-	-	-	-	20	-	-	-
	j	-	-	-	-	-	-	-	-
	k	-	-	-	-	-	-	20	-
	l	14	-	-	13	-	10	-	22
	m	-	-	-	-	-	-	-	11
	n	-	-	-	-	-	-	-	-
	o	-	-	-	-	-	10	-	-
p	-	-	-	-	-	-	-	-	
q	-	-	14	-	-	10	-	-	
069	a	14	50	28	25	-	30	40	44
	b	71	50	57	50	80	70	60	55
	c	-	-	14	-	20	-	-	-
	d	14	-	-	25	-	-	-	-
070	a	14	25	28	13	100	60	60	77
	b	85	75	43	75	-	30	20	11
	c	-	-	28	13	-	10	20	11
071	a	14	25	57	50	-	20	80	-
	b	-	25	-	-	20	-	-	-

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
072	c	-	-	-	-	-	-	-	-
	d	85	50	42	50	80	80	20	100
	e	100	100	100	100	80	80	100	100
073	b	-	-	-	-	20	20	-	-
	a	14	25	14	-	20	-	20	-
074	b	85	75	85	100	80	100	80	100
	c	-	-	-	-	-	-	-	-
	a	14	50	28	-	20	10	-	-
075	b	85	50	71	87	80	90	100	100
	c	-	-	-	13	-	-	-	-
	a	-	25	14	-	-	10	20	-
076	b	28	25	14	13	20	10	20	11
	c	71	50	71	87	80	80	60	88
	a	85	50	57	75	100	70	80	88
077	b	14	50	42	25	-	30	20	11
	a	57	25	14	37	20	40	-	44
	b	-	-	-	-	-	-	-	-
	c	14	25	14	13	20	-	40	11
	d	-	25	-	-	20	-	20	11
	e	-	-	-	-	-	10	-	-
	f	14	-	29	-	20	40	-	11
	g	-	-	-	-	-	-	-	-
	h	-	-	-	-	-	-	20	-
	i	14	25	28	25	-	-	20	-
	j	-	-	-	-	-	-	-	11
	k	-	-	-	-	-	-	-	-
l	-	-	-	-	-	-	-	-	

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
078	m	-	-	-	-	-	-	-	-
	n	-	-	-	-	20	-	-	11
	o	-	-	-	-	-	-	-	-
	p	-	-	-	-	-	-	-	-
	q	-	-	14	25	-	10	-	-
079	a	28	25	14	-	-	40	20	11
	b	-	25	-	25	80	20	-	11
	c	57	50	71	62	20	40	80	77
	d	14	-	14	13	-	-	-	-
080	a	43	50	71	62	40	30	20	44
	b	43	50	28	13	60	30	60	33
	c	14	-	-	25	-	40	20	22
081	a	-	-	-	-	40	20	-	11
	b	57	75	71	62	-	30	60	44
	c	14	25	28	37	-	20	-	-
	d	28	-	-	-	60	30	40	44
082	a	14	-	-	-	60	60	-	44
	b	85	100	100	100	40	40	100	55
083	a	85	50	71	87	40	40	40	66
	b	-	-	-	-	60	60	60	33
	c	14	50	28	13	-	-	-	-
084	a	14	-	14	-	-	40	-	22
	b	85	100	85	100	100	60	100	77
	c	-	50	43	62	20	30	-	22
	b	14	-	14	25	20	10	20	-
	c	85	50	42	13	60	60	80	77

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
085	a	57	25	57	37	80	50	55	66
	b	42	75	42	62	20	50	44	33
086	a	14	-	-	-	-	20	-	-
	b	14	25	43	13	-	-	-	11
	c	-	-	-	-	-	10	-	11
	d	-	-	14	13	-	-	40	22
	e	57	75	14	36	40	20	20	22
	f	14	-	-	-	40	-	-	11
	g	-	-	-	-	-	10	-	-
	h	-	-	-	-	-	-	-	-
	i	-	-	-	-	20	10	-	-
	j	-	-	-	-	-	-	-	-
	k	-	-	-	-	-	-	-	-
	l	-	-	-	13	-	-	20	11
	m	-	-	14	-	-	-	-	11
	n	-	-	-	13	-	20	20	-
	o	-	-	-	-	-	10	-	-
087	a	28	50	42	50	20	40	40	33
	b	71	50	57	37	20	30	60	33
	c	-	-	-	-	60	30	-	33
	d	-	-	-	13	-	-	-	-
	e	-	-	14	13	-	-	-	-
088	a	28	-	14	50	80	60	40	77
	b	57	100	71	37	-	30	40	11
	c	14	-	14	13	20	10	20	11
089	a	-	25	-	-	40	20	-	-
	b	28	25	42	-	20	20	-	44

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
090	c	-	-	-	13	-	-	60	-
	d	71	50	57	87	40	60	40	55
091	a	100	100	57	75	80	70	60	44
	b	-	-	42	25	20	30	40	55
092	a	57	-	57	50	20	-	60	44
	b	28	100	42	50	80	100	20	55
	c	14	-	-	-	-	-	20	-
093	a	28	75	28	13	-	10	20	22
	b	71	25	71	87	100	90	80	77
094	a	42	-	-	25	20	20	-	33
	b	-	-	-	13	20	10	20	-
	c	57	100	100	62	60	70	80	66
095	a	71	75	14	59	60	80	40	44
	b	28	25	85	50	40	20	60	55
	a	-	-	14	25	-	10	-	11
	b	-	-	-	-	-	-	-	-
	c	-	-	-	13	-	10	-	-
	d	14	25	14	-	60	-	20	22
	e	-	-	-	-	-	-	-	22
	f	-	25	29	37	20	-	80	11
	g	-	-	-	13	-	-	-	-
	h	14	25	14	-	-	-	-	-
	i	-	-	-	-	-	20	-	-
	j	-	-	-	-	-	-	-	-
	k	-	-	-	-	-	-	-	-
l	-	-	-	13	-	10	-	11	
m	14	-	14	-	-	20	-	-	

(segue)

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	PCAR	PIAR	PCA2	PIA2	PCBR	PIBR	PCB2	PIB2
096	n	-	-	-	-	-	20	-	22
	o	-	-	-	-	20	10	-	-
	p	14	-	-	-	-	-	-	-
	q	43	25	14	-	-	-	-	-
	a	71	100	85	37	20	30	80	44
097	b	28	-	14	37	20	20	20	22
	c	-	-	-	13	60	50	-	22
	d	-	-	-	13	-	-	-	11
	a	43	75	57	62	80	60	80	88
098	b	43	25	28	13	20	30	20	11
	c	14	-	14	25	-	10	-	-
	a	-	-	-	-	-	20	20	33
099	b	29	-	28	-	40	20	-	33
	c	14	-	-	-	40	30	20	-
	d	14	-	-	25	-	20	20	-
	e	43	100	71	75	20	10	40	33
	a	-	-	-	-	20	30	20	22
100	b	43	50	14	13	-	-	40	11
	c	29	50	57	62	-	-	-	11
	d	-	-	-	-	40	10	-	11
	e	28	-	28	25	40	60	40	44
	a	14	-	-	13	20	40	-	33
101	b	57	75	28	50	80	40	60	55
	c	28	-	14	13	-	10	20	11
	d	-	25	57	25	-	-	20	-
	e	-	-	-	-	-	10	-	-
	a	42	50	14	13	40	40	40	33
	b	57	50	85	87	60	60	60	66